



**Politécnico
de Viseu**

Escola Superior
de Educação
de Viseu

A motivação para a leitura no contexto do 2.º Ciclo do Ensino Básico

Joana Nunes

Viseu, novembro de 2022



**Politécnico
de Viseu**

Escola Superior
de Educação
de Viseu

A motivação para a leitura no contexto do 2.º Ciclo do Ensino Básico

Joana Filipa Gomes Nunes

Relatório Final de Estágio

Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Professora Doutora Dulce Melão

Professor Doutor João Paulo Balula

Viseu, novembro de 2022

Agradecimentos

Quem me conhece sabe a paixão que tenho pelo ensino desde tenra idade, porém, com o passar dos anos essa paixão foi diminuindo e fui enveredando por outros caminhos, até que esses caminhos me levaram até à Escola Superior de Educação (ESEV). É impossível transmitir por palavras o quão estou agradecida, por esse ter sido o meu ponto de partida para a profissão que tanto amo.

Ao longo de cinco anos, que englobam a licenciatura e o mestrado nesta instituição, muitos foram os desafios que surgiram e com muita dedicação foram superados, o que demonstrou que a profissão que escolhi para mim é repleta de desafios, dedicação e competência para que os nossos alunos obtenham êxito nas suas aprendizagens, garantido que o contexto de ensino-aprendizagem seja favorável para que esse sucesso seja visível.

Todo este caminho apresentou altos e baixos, sendo que nos momentos mais desafiantes, nos quais era difícil acreditar nas minhas capacidades, surgiam sempre palavras de ânimo, apoio e determinação, para que todos os desafios fossem superados. Assim, torna-se pertinente agradecer às pessoas que me apoiaram, que estiveram sempre presentes com uma palavra amiga e para festejar as minhas conquistas.

Neste sentido e de forma individual, gostaria de agradecer:

Primeiramente aos meus pais, sendo eles a minha base, a quem eu agradeço profundamente todos os valores, educação e ensinamentos que me transmitiram e que permitem que eu seja a pessoa que sou hoje. Por todos os sacrifícios que fizeram e que fazem, para que eu me sinta feliz e realizada por obter a profissão que amo.

À minha irmã e ao meu cunhado, que nunca deixaram de acreditar em mim e nos meus objetivos e que sempre tinham uma palavra de incentivo pronta para me oferecer.

Ao meu sobrinho/ afilhado, que apesar da sua tenra idade compreende o porquê de a madrinha recusar algumas vezes os seus convites para brincar, por muito que lhe custe. Mas sabe que a madrinha está a trabalhar para o seu futuro e que sempre que é possível o enche de mimos.

Ao meu namorado e ao seu apoio imprescindível que fez com que eu nunca desistisse, mesmo nos momentos mais difíceis.

Aos meus orientadores, Professora Doutora Dulce Melão e Professor Doutor João Paulo Balula, que me transmitiram palavras de simpatia, alento e confiança nos momentos mais desafiantes e que tanto significaram para mim. Nunca esquecendo o seu rigor e disponibilidade que foram imprescindíveis para a realização deste relatório.

A todos os professores que se cruzaram comigo nesta caminhada na ESEV e que para além de todos os ensinamentos e oportunidades fundamentais que me transmitiram para a minha vida profissional, apresentavam-se disponíveis e com uma palavra de simpatia nos momentos que necessitávamos.

Por fim, mas não menos importante, às minhas amigas, que elas sabem quem são, que sem elas todo este percurso teria sido muito mais penoso, pois só tenho a agradecer por todo o seu companheirismo, carinho e o seu amparo.

A todos, o meu muito obrigada do fundo do coração!

Resumo

No âmbito da unidade curricular de Seminário de Investigação sobre as Práticas englobada no plano de estudos do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, foi elaborado o nosso Relatório Final de Estágio que irá ser apresentado de seguida.

Numa primeira instância, iremos apresentar o nosso percurso ao longo de dois anos letivos que incidiram na Prática de Ensino Supervisionada no 1.º CEB e no 2.º CEB em Português e História e Geografia de Portugal. Seguidamente e na segunda parte do nosso trabalho vamos dar a conhecer o trabalho de investigação por nós desenvolvido.

A oferta de livros para o público infantojuvenil é cada vez mais ampla, porém é cada vez mais recorrente a demonstração de desinteresse e motivação por parte do público-alvo referido. Dado que as horas que os jovens dedicam à leitura são cada vez menos, diversas são as capacidades afetadas, como por exemplo, a compreensão. Os jovens recorrem cada vez mais à informação curta e por vezes pouco fidedigna apresentada na internet ao invés de recorrerem aos livros, perdendo-se assim a motivação para a leitura.

A investigação realizada foca a motivação dos alunos do 2.º Ciclo do Ensino Básico, mais concretamente do 6.º ano de escolaridade. A seleção destes alunos esteve diretamente relacionada com o contexto da Prática de Ensino Supervisionada no 2.º Ciclo do Ensino Básico em Português e História e Geografia de Portugal.

Esta investigação foi desenvolvida através de um inquérito por questionário realizado aos vinte e cinco alunos do 6.º ano de escolaridade, referidos anteriormente. Estes alunos estão englobados num Agrupamento de Escolas do concelho de Viseu.

Através dos dados recolhidos é nos possível afirmar que os alunos apresentam falta de motivação para ler, sendo esse um problema com tendência a agravar, caso nada seja feito neste campo. Através do relatório PISA 2018 constatamos mais uma vez essa falta de motivação por parte dos jovens, existindo um maior número de respostas às questões “Só lê se for obrigado” à qual responderam 49% dos inquiridos referentes à média da OCDE e por 31 % dos inquiridos situados no nosso país. No que diz respeito à resposta “Considero que a leitura é uma perda de tempo” esta foi utilizada por 28% dos inquiridos referentes à média da OCDE e por 22% dos inquiridos do nosso país. No que diz respeito às possibilidades económicas das famílias, este relatório apresenta uma discrepância entre as famílias com menos e mais recursos, uma vez que as famílias com menos recursos apresentam uma pontuação inferior ao nível dois de proficiência

em leitura, o que se traduz em três vezes maior do que as famílias com um estatuto socioeconómico mais confortável.

Foi igualmente possível constatar que os apoios imprescindíveis dos alunos quando se faz referência à leitura, são a família e os professores, sendo importante dar realce ao papel destes dois intervenientes para que este paradigma seja alterado.

Palavras-Chave: Motivação; Leitura; Papel da Família e dos Professores; Estratégias de Motivação para a Leitura; 2.º Ciclo do Ensino Básico

Abstract

Within the scope of the curricular unit of Research Seminar on Practices included in the study plan of the Master's in Teaching of the 1st Cycle of Basic Education and the 2nd Cycle of Basic Education of Portuguese and History and Geography of Portugal, our Final Internship Report was prepared, which will be presented below.

In a first instance, we will present our path over two academic years, which focused on Supervised Teaching Practice in the 1st CEB and 2nd CEB in Portuguese and History and Geography of Portugal. Then, and in the second part of our work, we will present the research work we have developed.

The offer of books for children and young people is increasingly wide, but the demonstration of disinterest and motivation on the part of the target audience is increasingly recurrent. Since the hours that young people dedicate to reading are less and less, the abilities affected are diverse, such as comprehension. Young people increasingly resort to short and sometimes unreliable information presented on the internet instead of resorting to books, thus losing the motivation to read.

The research carried out focuses on the motivation of students in the 2nd Cycle of Basic Education, more specifically in the 6th grade. The selection of these students was directly related to the context of the Supervised Teaching Practice in the 2nd Cycle of Basic Education in Portuguese and History and Geography of Portugal.

Through the data collected, it is possible to state that students lack motivation to read, which is a problem that tends to get worse if nothing is done in this field. Through the PISA 2018 report, we once again found this lack of motivation on the part of young people, with a greater number of responses to the questions "Only read if you have to" to which 49% of respondents responded, referring to the OECD average, and by 31% of respondents. respondents located in our country. With regard to the answer "I consider that reading is a waste of time" this was used by 28% of respondents referring to the OECD average and by 22% of respondents in our country. With regard to the economic possibilities of families, this report shows a discrepancy between families with less and more resources, since families with less resources have a score below level two of proficiency in reading, which translates into three times higher than families with a more comfortable socioeconomic status.

It was also possible to verify that the essential support of the students when referring to reading is the family and the teachers, and it is important to emphasize the role of these two actors so that this paradigm is changed.

Keywords: Motivation; Reading; Role of the Family and Teachers; Reading motivation strategies; 2nd Basic Education Cycle

Índice

| | |
|--|----|
| Introdução Geral | 13 |
| Parte I - Reflexão crítica sobre as práticas em contexto | 16 |
| Nota Introdutória | 17 |
| 1. Contextualização dos estágios desenvolvidos | 19 |
| 1.1. Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico..... | 21 |
| 1.1.1. Caracterização do contexto da PES no 1.º CEB I e II | 21 |
| 1.2. Prática de Ensino Supervisionada no 2.º Ciclo do Ensino Básico..... | 23 |
| 1.2.1. Caracterização do contexto da PES no 2.º CEB I e II | 23 |
| 2. Apreciação crítica das competências desenvolvidas com apresentação de evidências..... | 24 |
| 2.1. Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico | 24 |
| 2.2. Prática de Ensino Supervisionada no 2.º Ciclo do Ensino Básico..... | 28 |
| Parte II - Trabalho de Investigação | 32 |
| Nota Introdutória..... | 33 |
| 1. Revisão da literatura | 34 |
| 2. Metodologia | 41 |
| 2.1. Tipo de Investigação | 41 |
| 2.2. Definição dos objetivos | 41 |
| 2.3. Delimitação do objeto de estudo | 41 |
| 2.4. Justificação e relevância do estudo | 42 |
| 2.5. Participantes no estudo e justificação | 42 |
| 2.6. Técnicas e instrumento de pesquisa | 42 |
| 3. Apresentação e discussão dos dados | 43 |
| 3.1. Apresentação e discussão dos dados recolhidos pela aplicação dos questionários aos alunos de uma turma do 2.º CEB | 44 |
| 3.1.1. Análise dos hábitos de leitura dos alunos do 2.º CEB | 45 |
| 4. Conclusões do Estudo | 56 |
| Conclusão | 59 |

| | |
|--|----|
| Referências Bibliográficas | 62 |
| ANEXOS | 65 |
| Anexo 1. Grelha de presenças | 66 |
| Anexo 2. Exemplo de um plano de aula demonstrando a utilização das Aprendizagens Essenciais | 67 |
| Anexo 3- Exemplo de um plano de aula demonstrando a contextualização dos conteúdos de acordo com o espaço temporal | 68 |
| Anexo 4- Exemplo de um plano de aula demonstrando a utilização das experiências individuais dos alunos na abordagem dos conteúdos | 71 |
| Anexo 5 – Planificações fornecidas pela professora cooperante para a realização dos planos de aula | 73 |
| Anexo 6 – Exemplo de um plano de aula demonstrando a utilização do Plano Nacional de Leitura | 74 |
| Anexo 7 – Exemplo de um dos materiais didáticos nas aulas dinamizadas | 77 |
| Anexo 8 – Exemplo de um plano de aula demonstrando a realização de trabalho de grupo por parte dos alunos | 77 |
| Anexo 9- Exemplo de um relatório reflexivo | 80 |
| Anexo 10- Exemplo de um plano de aula demonstrando o desenvolvimento da interdisciplinaridade | 84 |
| Anexo 11- Exemplo de cartazes elaborados durante as aulas dinamizadas | 87 |
| Anexo 12- Exemplo de um plano de aula demonstrando a utilização de softwares educativos | 88 |
| Anexo 13- Folha de presenças | 89 |
| Anexo 14- Exemplo de um plano de aula demonstrando a utilização de Aprendizagens Essenciais | 90 |
| Anexo 15- Exemplo de um plano de aula demonstrando a utilização dos conhecimentos prévios dos alunos | 91 |
| Anexo 16- Exemplo de um plano de aula demonstrando a realização de atividades lúdicas | 92 |
| Anexo 17- Exemplo de um plano de aula demonstrando a promoção do trabalho cooperativo e entreajuda | 93 |
| Anexo 18- Exemplo de um plano de aula demonstrando a modificação da disposição | |

| | |
|---|-----|
| da sala de aula | 94 |
| Anexo 19- Folha de presenças | 95 |
| Anexo 20- Exemplo de um plano de aula demonstrando a utilização das Aprendizagens Essenciais | 96 |
| Anexo 21- Exemplo de um plano de aula demonstrando a utilização de meios didáticos | 97 |
| Anexo 22- Exemplo de um plano de aula demonstrando a promoção do trabalho cooperativo e entreajuda | 98 |
| Anexo 23- Exemplo de um relatório semanal | 99 |
| Anexo 24- Exemplo de um plano de aula demonstrando a realização de atividades lúdicas | 101 |
| Anexo 25- Inquérito elaborado para a aplicação a uma turma do 2.º CEB | 102 |

Índice de Tabelas

| | |
|---|----|
| Tabela 1- Organização da turma do 6.º ano por idade e sexo | 46 |
| Tabela 2-Atividades realizadas nos tempos livres pelos estudantes | 47 |
| Tabela 3- Frequência de leitura dos documentos assinalados | 48 |
| Tabela 4- Frequência de leitura de livros durante o período escolar | 48 |
| Tabela 5-Tempo dedicado à leitura durante a semana | 49 |
| Tabela 6- Gosto pela leitura..... | 50 |
| Tabela 7- Leitura de um livro pela última vez | 50 |
| Tabela 8-Género de leitura preferido | 51 |
| Tabela 9- Tipo de suporte de leitura utilizado..... | 51 |
| Tabela 10- Justificação do tipo de suporte utilizado | 52 |
| Tabela 11- Intervenientes responsáveis pelo interesse pela leitura..... | 53 |
| Tabela 12-Quantidade de livros que possuem em casa..... | 53 |
| Tabela 13- Razões da escolha do material de leitura..... | 54 |
| Tabela 14- Motivação intrínseca para a leitura..... | 54 |

Lista de Abreviaturas

- 1.º CEB- Primeiro Ciclo do Ensino Básico
- 2.º CEB- Segundo Ciclo do Ensino Básico
- ESEV- Escola Superior de Educação de Viseu
- NRP- National Reading Panel
- PES- Prática de Ensino Supervisionada
- PNL- Plano Nacional de Leitura

Introdução Geral

Ao longo dos anos um dos assuntos em voga é o abandono da leitura por parte dos jovens. Para que este cenário seja alterado é importante que o empenho para a leitura surja por parte dos adultos com quem as crianças e os jovens têm contacto. A situação ideal é as crianças criarem hábitos de leitura numa idade precoce, uma vez que o sucesso será maior, quanto mais a idade da criança seja menor. Quando fazemos referência à leitura é importante salientar que ninguém nasce leitor, simplesmente aprendemos a ler e a gostar de ler, caso as aprendizagens de cada um assim o permitam. Todo este processo demora o seu tempo, sendo que requer esforço e disponibilidade por parte do leitor, simplesmente aprende-se a ler, lendo (Esteves, 2020).

Para além da família que detém um papel muito importante ao criar hábitos de leitura, os professores devem manter os mesmos, ou caso estes não sejam criados por parte da família os professores devem fomentar o “bichinho” da leitura nos seus alunos. Um aluno, que se dedicou à leitura no decorrer da sua caminhada escolar, terá possivelmente uma maior probabilidade em se tornar um leitor ativo. Porém, existe sempre a possibilidade de acontecer o inverso, uma pessoa encontrar prazer na leitura numa idade tardia, sendo pertinente referir que nunca é tarde para se apaixonar pela leitura, pois, para muitos ler é obter momentos para si próprio, momentos de descontração, não esquecendo o benefício de ampliar o campo lexical.

Santos (2000) refere que a leitura é um mecanismo capaz de alargar a memória individual e coletiva e, ao nível da sociedade, auxilia no controlo e manuseamento dos meios informáticos, dado que estes são inerentes ao uso da linguagem escrita

Para motivar os jovens para a leitura é fundamental incentivar os mesmos a elaborarem, por exemplo, uma lista de livros que gostariam de receber, não restringindo a sua escolha. Caso se imponha a leitura de algo que o jovem não aprecie, pode se obter o efeito contrário do expectável, afastar este ainda mais da leitura.

Uma vez que as novas tecnologias estão cada vez mais presentes nas vidas dos jovens, um dos segredos para motivar os mesmos para a criação de hábitos de leitura é aliar os diversos aparelhos eletrónicos à própria leitura. Um dos pontos cruciais para fomentar o interesse pela leitura é o contexto familiar, se as crianças desde tenra idade observarem os pais ou os seus cuidadores a ler, ou seja, como modelos a seguir, a tarefa de criar hábitos de leitura será muito mais facilitada, uma vez que as ações dos pais são replicadas nos filhos.

Evidenciando agora o tema de investigação deste trabalho intitulado como “A Motivação para a Leitura no contexto do 2.º Ciclo do Ensino Básico”, procurámos entender a perceção dos jovens neste ciclo de ensino. A escolha deste tema deve-se ao facto de cada vez mais ser um tema debatido na comunicação social, na comunidade escolar e na sociedade em geral, o porquê de os jovens lerem cada vez menos no seu dia a dia, quais os fatores da sua motivação ou desmotivação e quais as estratégias a utilizar para contrariar esta tendência cada vez mais visível.

No que diz respeito aos participantes desta investigação, estes foram os alunos de uma turma do 6.º ano de escolaridade. Estes participantes foram selecionados por conveniência, uma vez que foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada no 2.ºCiclo do Ensino Básico e houve a oportunidade de obter um contacto mais direto com os jovens deste ciclo de ensino.

Para alcançar os objetivos pretendidos com a realização desta investigação, recorremos a um inquérito por questionário. Este serviu para investigar os hábitos de leitura dos alunos, dado que, se pode traduzir como uma ferramenta, objetiva e prática, pois, a sua aplicação junto dos alunos foi relativamente rápida e salvaguardou o seu anonimato, o que se traduziu na autenticidade das suas respostas.

Este Relatório Final de Estágio foi elaborado no âmbito da unidade curricular de Seminário de Investigação sobre as Práticas. O mesmo é dividido em duas partes distintas, a primeira parte direcionada para uma reflexão crítica sobre as práticas, focando o nosso desenvolvimento na unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada, onde obtivemos maior contacto com a nosso futuro enquanto docentes e tudo o que o mesmo engloba. Esta reflexão é englobada por uma contextualização das nossas práticas desenvolvidas no 1.º Ciclo do Ensino Básico e no 2.º Ciclo do Ensino Básico e também de uma apreciação crítica das competências desenvolvidas neste contexto, sustentada no documento “Padrões do Desenvolvimento Docente” sendo que as competências desenvolvidas estão interligadas com os factos apresentados em anexo.

De seguida e na segunda parte do nosso trabalho é apresentado o trabalho de investigação por nós desenvolvido, direcionado para a motivação pela leitura dos alunos do 2.º CEB. Este trabalho de investigação foca o inquérito por questionário realizado a vinte e cinco alunos de uma turma do 6.º ano de escolaridade. Primeiramente, centramo-nos na revisão da literatura, a qual foi devidamente fundamentada através de inúmeras pesquisas bibliográficas. Segue-se a metodologia de investigação deste trabalho, na qual apresentamos o tipo de investigação utilizado, sendo ele o estudo de caso, definimos os objetivos, delimitamos o objeto

de estudo, justificamos e fazemos relevância ao estudo realizado, apresentando os seus participantes e a devida justificação

De seguida e na segunda parte do nosso trabalho é apresentado o trabalho de investigação por nós desenvolvido, direcionado para a motivação pela leitura dos alunos do 2.º CEB. Este trabalho de investigação foca o inquérito por questionário realizado a vinte e cinco alunos de uma turma do 6.º ano de escolaridade. Primeiramente, centramo-nos na revisão da literatura, a qual foi devidamente fundamentada através de inúmeras pesquisas bibliográficas. Segue-se a metodologia de investigação deste trabalho, na qual apresentamos o tipo de investigação utilizado, sendo ele o estudo de caso, definimos os objetivos, delimitamos o objeto de estudo, justificamos e fazemos relevância ao estudo realizado, apresentando os seus participantes e a devida justificação desta escolha e por fim as técnicas e os instrumentos de pesquisa utilizados.

Na parte final do nosso trabalho, expomos os dados recolhidos através da aplicação do inquérito por questionário, procedendo à sua interpretação e análise, apresentado por fim as conclusões deste estudo. É ainda possível encontrar as referências bibliográficas utilizadas no decorrer da elaboração deste trabalho de investigação, bem como todos os anexos mencionados em corpo de texto.

Parte I - Reflexão crítica sobre as práticas em contexto

Nota Introdutória

Tendo concluído a licenciatura em Educação Básica e após muita ponderação, decidimos ingressar no Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, no qual nos foi possível obter um contacto mais concreto e relevante no que diz respeito ao contexto escolar, sustentando assim a nossa formação como futuras docentes.

Através do nosso ingresso neste 2.º Ciclo de estudos, foi possível ter contacto direto com a experiência de ser docente, através da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada, tanto no 1.º CEB como no 2.º CEB. Toda a Prática de Ensino Supervisionada (PES) proporcionou-nos momentos únicos nos diversos contextos escolares frequentados. Todos os professores manifestaram disponibilidade para nos ajudar no que fosse possível.

No decorrer de quatro semestres letivos, a PES deu-nos a possibilidade de aprender mais sobre a atividade docente, obrigando-nos a utilizar todo o nosso saber, aplicando-o nas situações e desafios que surgiam em cada dia de prática e na preparação da mesma. Para além da aplicação de todos estes saberes, foi necessária uma ferramenta essencial e que deve ser utilizada pelos docentes ao longo da carreira, sendo ela a reflexão. Ao longo da nossa prática, aprendemos a refletir de modo crítico sobre o nosso desempenho ao longo ou após cada semana, tendo como finalidade principal a compreensão dos nossos pontos mais frágeis e que necessitavam de ser melhorados para que o nosso ensino tivesse a melhor qualidade possível.

Primeiramente, a Prática de Ensino Supervisionada I decorreu no 1.º semestre do ano letivo 2020/ 2021, inicialmente em contexto presencial ocorrendo em dois dias da semana (segunda e terça-feira), porém e em virtude de um novo confinamento a nível do país devido ao Covid-19, o ensino foi direcionado para a vertente à distância, tal como acontecera no ano anterior. Aquando do ensino à distância devido à indisponibilidade apresentada por parte do agrupamento relativamente à nossa intervenção neste tipo de ensino, foi proposta a realização de um relatório através da visualização de um vídeo da plataforma EstudoemCasa, a elaboração de diversos materiais a serem utilizados pela professora cooperante para o ensino assíncrono, bem como a elaboração de planos de aula para esse mesmo tipo de ensino. Neste sentido e de acordo com Preti (1996), o ensino à distância deve ser conhecido como uma das diversas formas de se fazer educação, dado que o conhecimento deve estar à disposição independentemente do lugar, do espaço temporal, das estruturas formais de ensino, para quem estiver disposto a dominá-lo. Posteriormente e no que diz respeito à Prática de Ensino

Supervisionada II, a mesma decorreu no 2.º semestre do mesmo ano letivo, porém e ao contrário da prática anterior esta sucedeu sempre em regime presencial, ocorrendo em três dias da semana (segunda, terça e quarta-feira). Assim, o ensino presencial está englobado no modelo tradicional de educação, no qual o docente e os alunos se encontram no mesmo espaço físico e no mesmo período de tempo e a estudar os mesmos conteúdos e conceitos (Figueiredo, 2009).

De seguida, já no primeiro semestre do segundo ano do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, foi possível, tal como aconteceu no ano anterior, obter um contacto mais concreto e relevante do contexto escolar, porém neste semestre e no semestre seguinte a lecionação foi direccionada para o 2.º ciclo de escolaridade, sendo mais concretamente no 6.º ano de escolaridade. A Prática de Ensino Supervisionada no 2.º CEB I e II decorreu numa escola básica pertencente ao Agrupamento de Escolas Viseu Norte. Esta prática acontecia, no nosso caso, todos os dias da parte da manhã. Ao longo destes dois semestres lecionámos as duas disciplinas para as quais iremos ter habilitação para lecionar no futuro, Português e História e Geografia de Portugal. As aulas de Português tinham a duração de 100 ou 50 minutos, sendo nos dada a oportunidade de lecionar um bloco de 100 minutos e um de 50 minutos por semana, sendo disponibilizado um bloco de 100 minutos semanais ao professor responsável pela disciplina, sendo isto acordado entre as estagiárias e o professor cooperante. Já na disciplina de História e Geografia de Portugal, os blocos de aula duravam 50 minutos, os quais após uma conversa com o professor cooperante, decidimos em conjunto que nos seriam disponibilizados dois blocos de 50 minutos e o terceiro bloco de 50 a cargo do professor responsável por esta disciplina, tal como na disciplina de Português.

Através da Prática de Ensino Supervisionada no 2.º CEB I e II, foi possível, tal como aconteceu no ano anterior, contactar com inúmeros documentos orientadores que foram essenciais, seja para a lecionação em si, seja aquando da elaboração das planificações para cada aula das duas disciplinas. Os documentos referidos são as Aprendizagens essenciais do 6.º ano de escolaridade de Português e de História e Geografia de Portugal e ainda o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória. Para além das planificações, foram elaborados relatórios semanais, tal como era habitual, sendo que estes nos permitiam refletir sobre as nossas ações e estratégias aquando da lecionação. O trabalho de reflexão é de relevante importância, dado que, para nós como futuras docentes, devemos pensar constantemente sobre a nossa prática e é refletindo sobre ela que podemos evoluir, ajustar ou mudar todas as nossas estratégias. Para além dos relatórios semanais, todas as semanas era dedicada uma hora para que as duas estagiárias pudessem reunir com os dois professores cooperantes, de

modo a ser discutido o desempenho das mesmas. Ao longo deste semestre os professores cooperantes deram-nos a oportunidade de contactar com diversos documentos de grande relevância, para que num futuro próximo, enquanto docentes, nos sintamos mais à vontade e já possuamos conhecimentos sobre os mesmos. Foi nos ainda permitido, realizar a correção de testes de avaliação e ter contacto com as grelhas de avaliação.

1. Contextualização dos Estágios Desenvolvidos

No decorrer do nosso percurso académico, muitos foram os momentos gratificantes e de igual modo desafiantes que vivemos, entre os quais, os estágios desenvolvidos que ocupam um dos principais lugares no pódio dos mais desafiantes e exigentes, mas também dos mais enriquecedores a nível das aprendizagens e dos afetos.

Durante todo o nosso percurso, e para que a nossa experiência fosse bem-sucedida de modo a entendermos o que realmente é ser professor, foi fundamental aceitarmos todas as críticas, por vezes menos positivas, mas que nos forneciam a capacidade de avaliarmos o nosso trabalho, focando-nos nos pontos a melhorar. Para além disso, é de igual modo importante referir todos os elogios transmitidos por quem nos observava, tanto dos professores cooperantes, bem como dos nossos professores orientadores, dado que esses mesmos elogios nos davam força para continuarmos o nosso trabalho e empenharmo-nos nos pontos negativos, tornando-os positivos.

Neste âmbito é importante mencionar que (Ponte, 2001 citado por Alarcão, 2001)

todo o bom professor tem de ser também um investigador, desenvolvendo uma investigação em relação com a função de professor. A investigação sobre a prática é um processo fundamental de construção de conhecimento sobre a mesma prática e, uma atividade de grande valor para o desenvolvimento profissional dos professores que nela se envolvem (p.5).

A nossa Prática de Ensino Supervisionada deu-nos a oportunidade de contactar com aquele que vai ser o nosso futuro, visto que nos foi permitido trabalhar no “terreno”. Foram diversos os contextos observados durante a nossa prática pedagógica, o que se tornou essencial, uma vez que, permitiu-nos conhecer inúmeras realidades, contactar com diferentes alunos e com todas as suas especificidades, como também trabalhar com diversos profissionais, que nos apresentaram a visão do que é ser professor, tanto através das suas experiências, como também através de todos os documentos que nos deram a possibilidade de contactar.

É importante fazer alusão ao primeiro contacto com este novo mundo para nós, o mundo da docência. Primeiramente e num primeiro impacto, a insegurança e o nervosismo, tomaram conta de nós, porém aquando dos primeiros contactos com os alunos, todos os pensamentos negativos desapareceram e a nossa fala fluiu. Com o passar do tempo, a nossa postura, o nosso posicionamento da voz, o nosso à vontade e a nossa autonomia também se transformou, tudo isso devido ao nosso empenho e acompanhamento de todos os professores cooperantes e orientadores, que estiveram presentes sempre que necessário.

Neste sentido torna-se pertinente referir a importância dos intervenientes referidos acima. No que diz respeito aos nossos professores cooperantes, estes estavam sempre por perto no contexto de sala de aula, de forma a auxiliar-nos sempre que era preciso, porém com o decorrer do tempo, foram-nos dando mais autonomia permitindo-nos crescer como futuras docentes. Estes também tiveram um papel fulcral no planeamento das nossas aulas, pois, apesar de nos aludirem sobre os conteúdos a abordar, também nos forneciam a sua opinião relativamente aos planos de aula elaborados para cada aula.

Relativamente aos nossos professores orientadores, estes também possuíram o seu papel fundamental no decorrer de toda a nossa prática pedagógica, uma vez que, nos prepararam antes do nosso contacto com o contexto da prática, como também demonstravam sempre a sua disponibilidade para visualizar os nossos planos de aula, antes da entrega e colocação em prática dos mesmos. Nestas intervenções os professores orientadores estiveram sempre disponíveis para nos aconselhar, sobre diversos modos de abordagem de certos conteúdos e para nos retirarem certas dúvidas, para que nos sentíssemos confiantes em alguns dos conteúdos que eram de alguma forma mais difíceis para nós e para que fosse possível transmitir essa mesma confiança aos nossos alunos.

Ao mencionarmos os planos de aula, não podemos deixar de referir os documentos orientadores utilizados ao longo do nosso percurso e que nos permitiram ir ao encontro dos conteúdos e objetivos delineados para os níveis de escolaridade, com os quais contactámos.

Os documentos orientadores referidos acima e que foram definidos por parte da Direção-Geral da Educação, foram as Aprendizagens Essenciais do 1.º Ciclo do Ensino Básico das diferentes disciplinas, Português, Matemática, Estudo do Meio e ainda de Educação Artística e as suas áreas envolventes. Para além deste documento, foi ainda utilizado o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, que nos elucidou sobre determinadas questões importantes que colocámos em prática no contexto de sala de aula.

Para finalizar esta contextualização não era possível não referir, os elementos fundamentais do nosso percurso, os alunos. Todo o nosso percurso foi realizado com e para eles, que nos

permitiram crescer enquanto futuros docentes, com todos os seus desafios, questões e diálogos, sendo esta relação entre professor/aluno/alunos fundamental no dia a dia e que nos permitiu aperceber que este é o nosso lugar.

Após caracterizadas as práticas, iremos apresentar de seguida a caracterização dos contextos.

1.1. Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico

1.1.1. Caracterização do contexto da PES no 1.º CEB I e II

Dá-se agora a necessidade de detalhar esta que foi uma das experiências mais enriquecedoras e desafiantes da nossa vida, a Prática de Ensino Supervisionada, mais concretamente e numa primeira instância irá ser caracterizada a PES no 1.ºCEB I e II.

A turma envolvida nas duas Práticas de Ensino Supervisionada no 1.º CEB, pertencia ao 3.º ano de escolaridade, sendo constituída por 25 alunos, 13 alunos do sexo masculino e 12 alunos do sexo feminino. As suas idades estão compreendidas entre os 8 e os 11 anos de idade. Dentro da turma, existem cinco alunos com Necessidades de Saúde Especiais, o aluno com ataxia hereditária, que beneficia de adaptações curriculares não significativas, abrangido pelo Decreto-Lei n.º 54/2018, estando este inserido no método das vinte e oito palavras. Ainda assim, é importante referir que uma grande parte da turma encontra-se numa situação de algum conforto económico, sendo que os pais/familiares se asseguram da deslocação dos alunos à escola, apesar de que a maior parte habita nas imediações da escola enquanto outros habitam mais longe da mesma. De um modo geral, a turma é bastante homogénea, existindo um bom aproveitamento, o que se traduz nos resultados obtidos. Os alunos pertencentes a esta mesma turma, caracterizam-se por alunos muito afetuosos e enérgicos. À exceção de um grupo de alunos que tem ritmo de aprendizagem mais lento, menos autonomia e que se dispersa como muita facilidade, necessitando de apoio. No entanto, a turma nem sempre consegue manter-se concentrada durante um longo período de tempo. Os alunos na sua maioria são bastante conversadores e agitados, sendo necessário chamá-los à atenção para o seu comportamento. Não obstante estes pontos menos positivos, a turma é bastante interessada e participativa, demonstrando interesse em aprender. No que diz respeito ao contexto da sala de aula, nesta encontram-se 13 mesas e 28 cadeiras, organizados de forma que os alunos saibam quais os seus lugares de trabalho e, no decorrer das aulas, a sala não sofre qualquer tipo de alteração de disposição dos objetos. A organização das mesas presentes na sala de aula é característico de um modelo de ensino expositivo, privilegiando a explicação dos conteúdos e informações aos alunos. Deste modo, é necessário uma planificação e gestão do espaço, numa aula

expositiva, uma vez que os professores optam por colocar as mesas e as cadeiras em filas e colunas (Arends, 2008).

Na parte frontal da sala encontram-se dois quadros, um preto e um interativo, no qual o interativo tem o suporte e o projetor, sendo estas duas ferramentas essenciais para os diversos momentos da aula, desde a visualização de vídeos, sistematização de conceitos, resolução de exercícios e a sua correção. Através do quadro interativo, referido acima podem ser utilizadas as aplicações interativas, uma vez que estas são essenciais para os professores que querem envolver os seus alunos numa aprendizagem com recurso à tecnologia, este também é um dispositivo que combina outras qualidades, oferecendo experiências de aprendizagem (Educare, 2005, citado por Neves, 2014). Neste sentido, e tal como defendido por Chamorro (2003, citado por Neves, 2014), um recurso didático é um meio que contribui para a construção do conhecimento e compreensão, sendo que é um material que pode ser manipulado e trabalhado pelos alunos, de forma a alcançar aprendizagens.

Ao redor de toda a sala existem diversos painéis destinados à afixação dos trabalhos, realizados ao longo do ano letivo pelos alunos, bem como alguns cartazes de consolidação realizados pelas professoras estagiárias. Neste sentido, consideramos que estes são uma mais-valia para a aprendizagem dos alunos, visto que os podem consultar sempre que surge alguma dúvida. E, tal como reforça Borrás (2001), os cartazes são um ponto de referência e uma forma de captar a atenção dos alunos, uma vez que estes os podem consultar sempre que desejam ou necessitam. Assim, ao afixar os trabalhos realizados pelos alunos é valorizado todo o progresso que estes têm ao longo do ano. Junto aos painéis, conseguimos encontrar cabides para os alunos, para que estes coloquem os seus pertences.

1.2. Prática de Ensino Supervisionada no 2.º Ciclo do Ensino Básico

1.2.1. Caracterização do contexto da PES no 2.º CEB I e II

No segundo ano do Mestrado a nossa prática pedagógica foi direcionada para o segundo ciclo do ensino básico, sendo esse o nosso foco de atenção de momento, uma vez que esse irá ser o contexto caracterizado de seguida. O contexto da Prática de Ensino Supervisionada foi englobado por duas turmas, ambas pertencentes ao 6.º ano de escolaridade, sendo a idade dos alunos compreendida entre os 11 e os 13 anos. A turma de História e Geografia de Portugal era composta por 24 alunos, podendo ser caracterizada como heterogénea ao nível dos resultados escolares. Porém, no que diz respeito ao comportamento dos alunos, estes podem ser considerados de uma forma geral, como uma turma com um comportamento adequado para o contexto de sala de aula, salvo algumas exceções. Nesta turma existiam 3 alunos

abrangidos com o Decreto-Lei n.º 54/2018, sendo que, foram elaborados para dois destes alunos Relatórios Técnico Pedagógicos e uma vez que, um aluno usufrui das Medidas Adicionais, foi também elaborado o seu Programa Educativo Individual.

Relativamente à turma de Português, esta era composta por 25 alunos, a nível dos resultados escolares esta turma pode ser considerada como homogénea, sendo seu comportamento, uma grande parte das vezes, considerado pouco adequado para o contexto de sala de aula. Estes alunos são mais ativos do que os referidos anteriormente, desrespeitando por vezes algumas regras, existindo, claro, algumas exceções. Estes alunos também se demonstram empenhados em algumas das tarefas propostas, estando sempre prontos para participar.

Nesta turma, existem cinco alunos englobados no Decreto-Lei n.º 54/ 2018, inseridos nas Medidas de Suporte à Aprendizagem, usufruindo das medidas universais no âmbito do artigo 8.º e adaptações ao processo de avaliação no âmbito do artigo 28.º. No que diz respeito ao contexto de sala de aula, em todas as salas de aula existe o número suficiente de cadeiras e de mesas para todos os alunos, fazendo assim três filas por toda a sala. Freitas (2008) refere que a disposição das carteiras e das mesas é fundamental, dado que contribuiu para uma aprendizagem mais significativa. Assim, podemos afirmar que toda esta organização é direcionada para um modelo de ensino expositivo, que favorece a explicação dos conteúdos aos alunos. Arends (2008) refere ainda que numa aula expositiva é necessário uma planificação e gestão do espaço, dado que os professores optam por colocar as mesas e as cadeiras em filas e colunas. Na parte frontal da sala, encontram-se dois quadros, um quadro branco e um quadro interativo, no qual o interativo tem o suporte e o projetor, sendo todas estas ferramentas essenciais para os diversos momentos da aula, desde a visualização de vídeos, sistematização de conceitos, resolução de exercícios e a sua correção.

A realização das atividades lúdicas no contexto de sala de aula, pode ser considerada como muito produtiva, dado que, desperta o interesse e curiosidade dos alunos. Assim e tal como alude Pinto e Tavares (2010) quando se faz referência ao lúdico no processo de ensino-aprendizagem, é preciso ter em conta que as atividades que envolvem este aspeto, podem ser desenvolvidas tanto na introdução, como na sintetização dos conteúdos, visto que, desenvolvem diversas competências a nível cultural, social e criativo dos alunos.

2. Apreciação crítica das competências desenvolvidas com apresentação de evidências

2.1. Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Após a finalização deste percurso de aprendizagem é relevante refletir não só sobre todo o trabalho realizado, mas também sobre todas as competências desenvolvidas no decorrer desta prática de ensino. Assim, iremos sustentar a nossa reflexão no documento orientador *Padrões de Desempenho Docente* estipulado no Despacho 16034/2010, de 22 de outubro, que “define as características fundamentais da profissão docente e as tarefas profissionais que dela decorrem, caracterizando a natureza, os saberes e os requisitos da profissão” (Ministério da Educação, 2010, p.1). Através deste mesmo documento, são expostas inúmeras dimensões no qual o docente deve apresentar respostas satisfatórias, de modo a caracterizar o seu desempenho profissional.

Antes de direcionarmos a nossa atenção às competências desenvolvidas, é importante referir que, antes de iniciar a Prática Supervisionada, o receio e a hesitação eram visíveis, visto que se aproximava uma nova e desafiante experiência, mas, uma vez que esta se iniciou, tudo se foi simplificando e fluindo, com um grande apoio tanto da professora cooperante, bem como dos professores orientadores, o que se verificou até ao fim das duas Práticas de Ensino Supervisionadas. Ao longo das Práticas de Ensino Supervisionadas, é possível afirmar que sempre nos demonstrámos assíduos e pontuais, o que é possível confirmar através do registo de presenças (cf. Anexo 1) de modo a preparar todos os materiais a serem utilizados no decorrer do dia de aulas antes da chegada dos alunos. No que diz respeito à dimensão “Vertente Profissional, Social e Ética” na qual “sobressai o compromisso com o desempenho profissional, ou seja, o reconhecimento da responsabilidade individual pelo cumprimento da missão social e promoção da qualidade do ensino e da escola” (Ministério da Educação, 2010, p.3), era o nosso objetivo ir ao encontro do que está estipulado nesta mesma vertente, mais concretamente nos domínios da mesma. Neste sentido e de acordo com o domínio “Compromisso com a construção e o uso do conhecimento profissional”, no decorrer das Práticas de Ensino Supervisionadas, de acordo com o definido nas Aprendizagens Essenciais foram planeadas as aulas nas quais os seus conteúdos e objetivos foram sustentados neste mesmo programa (cf. Anexo 2).

No que concerne aos conteúdos definidos pelo programa referido, ao longo destas várias semanas, não nos limitámos apenas ao estipulado, dado que foram mencionados assuntos contextualizados (cf. Anexo 3) de acordo como espaço temporal. O contexto real dos alunos foi englobado no contexto de sala de aula inúmeras vezes, tendo por base as vivências e as

experiências dos mesmos. Nestes momentos, todos os alunos demonstravam muita euforia nesta partilha (cf. Anexo 4), na qual os seus contributos eram integrados na aula, sempre que se justificava. Para a elaboração dos Planos de Aula foram tidos em consideração as Planificações Semanais disponibilizadas pela professora cooperante (cf. Anexo 5). Para além destas planificações, tivemos o cuidado de selecionar obras presentes no Plano Nacional de Leitura (cf. Anexo 6).

Para que a aprendizagem dos alunos fosse mais eficaz, facilitando a sua compreensão e tornando as aulas mais lúdicas e didáticas, foram possibilitados materiais didáticos (cf. Anexo 7). Quando se faz referência ao lúdico no processo de ensino-aprendizagem, é preciso ter em conta que as atividades que envolvem este aspeto podem ser desenvolvidas, de acordo com Pinto e Tavares (2010), tanto na introdução como na sintetização dos conteúdos, visto que, desenvolvem diversas competências a nível cultural, social e criativo dos alunos. Tivemos ainda o cuidado de estimular o trabalho de grupo em contexto de sala de aula, tanto a pares como em pequenos grupos, que apesar do contexto pandémico em que vivemos foi-nos permitida esta possibilidade (cf. Anexo 8). Através do trabalho de grupo e tal como aferido por Magalhães (2014), é possível fomentar as interações entre os alunos, potenciando a construção do seu próprio conhecimento e solucionando os problemas colocados, de forma a desenvolver competências cognitivas e sociais. Ainda a respeito do domínio do “Compromisso com a construção e o uso do conhecimento profissional”, é necessário fazer alusão à elaboração dos relatórios reflexivos no final de cada semana de Prática de Ensino Supervisionada (cf. Anexo 9).

Durante a elaboração dos Planos de Aula tivemos em consideração a abordagem de cada conteúdo de cada área disciplinar um tema comum (cf. Anexo 10), de modo a fomentar a interdisciplinaridade. De acordo com Pombo (2004, p.32) a “colaboração entre disciplinas diversas ou entre setores heterogéneos de uma mesma ciência que conduz a integrações propriamente ditas, isto é, a uma certa reciprocidade de trocas tendo como resultado final o enriquecimento recíproco”.

Foram promovidas, aquando da abordagem de alguns conteúdos, atividades experimentais, de modo a fomentar a literacia científica. Na abordagem dos conteúdos, para além das atividades experimentais, recorreremos a diversos cartazes (cf. Anexo 11) e também a *softwares* educativos (cf. Anexo 12), para que as abordagens destes conteúdos fossem mais práticas e que estimulassem a atenção dos alunos. A utilização de *softwares* educativos neste caso em concreto proporcionou aos alunos a personalização das aprendizagens, que, segundo Reis (2015), possibilitou aos mesmos um maior controlo sobre o seu processo de aprendizagem, estimula a concentração e confiança e melhora as suas interações sociais.

Desta forma combatemos o modelo educativo conservador e inserimos os alunos numa nova realidade.

Já na segunda dimensão mais concretamente no domínio da “Preparação e organização das atividades letivas”, foi relevante em certas atividades, como por exemplo em dramatizações modificar o espaço envolvente da sala de aula. A dramatização tem diversos benefícios na implementação dentro de uma sala de aula, desenvolvendo a imaginação, a criatividade, a expressividade, a cooperação com os outros, a comunicação, aumenta a autoestima e a motivação (Gaspar, 2014).

Fazendo referência ao indicador “Responsabilidade na valorização dos diferentes saberes e culturas dos alunos”, foram promovidos inúmeros momentos de partilha de experiências e vivências, para que neste contexto fossem introduzidos conteúdos relacionados com estas mesmas vivências, utilizando os conhecimentos prévios dos mesmos. É importante salientar, que nestes momentos de partilha existiu sempre a cautela de proporcionar um ambiente acolhedor e de respeito pelas vivências de cada um.

Relativamente ao indicador “Comunicação com rigor e sentido do interlocutor”, uma das nossas preocupações que perdurou até ao fim da prática, diz respeito à utilização de uma linguagem clara e adequada. Tal como alude Martins (2017), a utilização desta linguagem cria espaço aos alunos para que estes possam intervir de forma livre e responsável.

Para além da linguagem adequada no decorrer de todas as aulas, procurámos ainda adequar as nossas estratégias de ensino de acordo com as necessidades dos alunos. Quanto à dimensão “Desenvolvimento e Formação Profissional ao Longo da Vida”, mais concretamente ao indicador “Desenvolvimento de estratégias de aquisição e de atualização de conhecimento profissional (científico, pedagógico e didático)”, é muito importante que ao longo da carreira o docente se vá atualizando, através de formações, seminários, entre outros, principalmente no que diz respeito ao domínio das tecnologias.

Segundo Barros (2019), o professor domina a tecnologia ao ponto de conseguir despertar curiosidade nos seus alunos, de maneira que esta ferramenta seja uma estratégia de ensino diferenciada facilitando a compreensão dos conteúdos, no entanto estas ferramentas não são um substituto do professor, mas um orientador para o uso de diversas ferramentas de pesquisa. Ainda nesta linha de pensamento, Shulman e Shulman (2004) referem que o professor, no que concerne ao seu desenvolvimento ao nível da competência, que conseqüentemente resulta na sua aprendizagem, tem de ter em consideração seis características muito importantes, entre as quais: a visão, a motivação, a compreensão, a prática, a reflexão e a comunidade.

Para finalizar e ainda fazendo referência à quarta dimensão, mas referente ao indicador “Desenvolvimento de conhecimento profissional a partir do trabalho colaborativo com pares e nos órgãos da escola”, é importante referir que no decorrer de toda a prática, as atividades realizadas foram partilhadas com a professora cooperante, que nos facultou sugestões para a realização das mesmas, contribuindo assim para a nossa formação.

2.2. Prática de Ensino Supervisionada no 2.º Ciclo do Ensino Básico

De seguida e focando-nos agora no contexto do 2.º Ciclo do Ensino Básico, sendo este um contexto pertencente ao nosso percurso formativo, torna-se relevante realizar uma apreciação crítica sobre as competências desenvolvidas no mesmo. Esta apreciação crítica é relevante, uma vez que permite refletir sobre todo o nosso trabalho desenvolvido, bem como sobre as competências adquiridas, no decorrer da prática pedagógica.

Assim, iremos sustentar a nossa reflexão no documento orientador *Padrões de Desempenho Docente*, estipulado no Despacho 16034/2010, de 22 de outubro, que “define as características fundamentais da profissão docente e as tarefas profissionais que dela decorrem, caracterizando a natureza, os saberes e os requisitos da profissão” (Ministério da Educação, 2010, p.1). É importante que o docente consiga caracterizar o seu desempenho, com respostas satisfatórias, através do documento referido acima, no qual são referidas diversas dimensões. É importante salientar, antes de direcionar a atenção para as competências desenvolvidas que no início desta prática, apesar de já termos lecionado no ano anterior, surge sempre alguma hesitação ao conhecermos um novo público-alvo e um novo contexto. Porém, tudo se foi simplificando e fluindo, sempre com o auxílio dos professores cooperantes e da colega de estágio, o que se verificou ao longo de todo o semestre.

No decorrer das Práticas de Ensino Supervisionadas é possível afirmar que sempre nos demonstrámos assíduos e pontuais, dado que nos dirigíamos até às salas com a devida antecedência, para preparar os equipamentos e materiais a serem utilizados no dia de aulas, estes aspetos são possíveis de ser confirmados através registo de presenças (cf. Anexo 13).

Relativamente à dimensão “Vertente Profissional, Social e Ética” no qual “sobressai o compromisso com o desempenho profissional, ou seja, o reconhecimento da responsabilidade individual pelo cumprimento da missão social e promoção da qualidade do ensino e da escola” (Ministério da Educação, 2010, p.3), a nossa atenção focou-se nos domínios delimitados da vertente referida acima. No decorrer das Práticas de Ensino Supervisionadas e de acordo com o domínio “Compromisso com a construção e o uso do conhecimento profissional”, conforme

com estipulado nas Aprendizagens Essenciais, foram planeadas as inúmeras aulas, sendo que as suas atividades e os seus objetivos foram sustentados neste documento orientador (cf. Anexo 14).

Todas as experiências e toda a cultura geral que os alunos possuíam foi englobada no decorrer das aulas sempre que possível, dado que, este aspeto fazia com que os alunos se empenhassem e se interessassem ao demonstrar a sua opinião sobre um determinado assunto (cf. Anexo 15).

De modo a tornar as aulas mais atrativas inserindo uma componente lúdica e didática, e para que os alunos, participassem de uma forma mais ativa nas aulas, foram realizadas inúmeras atividades lúdicas, principalmente, como componente de sistematização dos conteúdos (cf. Anexo 16). Neste sentido, todas as atividades dinâmicas são bastante pertinentes, dado que, como alude Barros (2019), o professor consegue despertar a curiosidade nos seus alunos dominando a tecnologia, de maneira que esta ferramenta seja uma estratégia de ensino diferenciada facilitando a compreensão dos conteúdos, no entanto estas ferramentas não são um substituto do professor, mas um orientador para o uso de diversas ferramentas de pesquisa. No decorrer deste semestre, fomentámos o trabalho a pares entres os alunos, aquando da realização de alguns exercícios, para que estes se pudessem ajudar mutuamente (cf. Anexo 17).

É relevante referir a elaboração dos relatórios semanais, realizados após cada semana de prática, servindo, tal como já foi referido, como ferramenta de reflexão. Estes relatórios estão englobados ainda no domínio do “Compromisso com a construção e o uso do conhecimento profissional”. Seguidamente, na segunda dimensão, no domínio da “Preparação e organização das atividades letivas”, para a realização de certas atividades lúdicas, foi necessário modificar a disposição da sala (cf. Anexo 18).

Ao longo da nossa lecionação, tanto na disciplina de Português como na disciplina de História e Geografia de Portugal, uma das nossas principais preocupações, era sempre adequar a nossa linguagem para que os alunos nos percebessem da melhor forma possível, tudo isto inserido no indicador “Comunicação com rigor e sentido do interlocutor”. Neste sentido, Martins (2017) refere que a utilização de uma linguagem adequada permite que os alunos, se sintam livres para intervirem. Em suma, no que concerne ao indicador “Desenvolvimento de conhecimento profissional a partir do trabalho colaborativo com pares e nos órgãos da escola”, na quarta dimensão, é relevante referir que todas as atividades dinamizadas no decorrer do semestre foram previamente combinadas com os professores

cooperantes, sendo discutidas, após a sua aplicação, num momento de reflexão com os mesmos.

Seguidamente, iremos apresentar a apreciação crítica, com apresentação de evidências da nossa prática pedagógica referente ao segundo semestre do segundo ano do mestrado. Após a finalização deste percurso de ensinamentos e de aprendizagem, sendo este foi o último ano do nosso percurso. Para além de refletir sobre toda essa aprendizagem que foi crescendo a cada dia, é importante pensar um pouco sobre tudo o que fomos adquirindo e desenvolvendo, ao longo de todo este ano, mais concretamente este semestre. Neste sentido, a reflexão apresentada de seguida irá ser sustentada no documento orientador denominado como *Padrões de Desempenho Docente*, estipulado no Despacho 16034/2010, de 22 de outubro, que “define as características fundamentais da profissão docente e as tarefas profissionais que dela decorrem, caracterizando a natureza, os saberes e os requisitos da profissão” (Ministério da Educação, 2010, p.1).

No decorrer das Práticas de Ensino Supervisionadas é possível afirmar que sempre nos demonstrámos assíduos e pontuais, dado que, nos dirigíamos até às salas com a devida antecedência, para preparar os equipamentos e materiais a serem utilizados no dia de aulas, estes aspetos são possíveis de ser confirmados através do nosso registo de presenças (cf. Anexo 19).

Relativamente à dimensão “Vertente Profissional, Social e Ética” no qual “sobressai o compromisso com o desempenho profissional, mais concretamente, o reconhecimento da responsabilidade individual pelo cumprimento da missão social e promoção da qualidade do ensino e da escola” (Ministério da Educação, 2010, p.3), a nossa atenção direcionou-se para os domínios delimitados da vertente supramencionada.

No decorrer das Práticas de Ensino Supervisionadas e de acordo com o domínio “Compromisso com a construção e o uso do conhecimento profissional”, as Aprendizagens Essenciais, estiveram sempre presentes na planificação das diversas aulas planeadas no decorrer do semestre, planeando as atividades de acordo com os objetivos presentes neste documento (cf. Anexo 20).

De modo a estimular o interesse e curiosidade dos alunos na abordagem dos conteúdos e na resolução e sistematização das tarefas, foram empregues os conhecimentos dos alunos, bem como a sua cultura geral, sempre que possível (cf. Anexo 21). Uma das principais estratégias utilizadas em praticamente todas as aulas, foi a utilização de meios didáticos, utilizados maioritariamente na sistematização dos conteúdos, mas também na revisão dos

mesmos, a utilização destes mecanismos didáticos, estimulavam o empenho e a atenção dos alunos (cf. Anexo 21).

Um aspeto a ter em conta, aquando da preparação das aulas, foi a utilização do trabalho, uma vez que, era pretendido que este trabalho estimulasse o trabalho colaborativo e a entreajuda (cf. Anexo 22).

Ao longo da nossa prática pedagógica foi essencial utilizar um pouco do nosso tempo para refletir sobre o nosso trabalho, utilizando, assim, os relatórios semanais.

Estes mesmos relatórios estão englobados no domínio “Compromisso com a construção e o uso do conhecimento profissional” (cf. Anexo 23).

Pertencente à segunda dimensão, mais precisamente no domínio “Preparação e organização das atividades letivas”, principalmente na lecionação de algumas das aulas da disciplina de Português deu-se a necessidade de modificar a organização da sala de aula, com o intuito de realizar atividades lúdicas (cf. Anexo 24).

Um dos fatores relevantes e que deve ser considerado com uma grande pertinência é a comunicação entre docente e aluno, dado que esta comunicação contribui de alguma forma para que a aprendizagem seja uma aprendizagem de qualidade, o que fizemos por acontecer aquando da lecionação das disciplinas de História e Geografia de Portugal, bem como na disciplina de Português.

Neste sentido, torna-se pertinente referir o indicador “Comunicação com rigor e sentido do interlocutor”. Neste âmbito, uma linguagem apropriada resulta numa livre e espontânea intervenção por parte dos alunos (Martins, 2017).

Não poderíamos concluir esta apreciação sem antes fazer referência à boa comunicação entre professoras estagiárias e professores cooperantes, que foram essenciais para o trabalho dos conteúdos e para a reflexão num momento posterior à lecionação, o que foi muito importante durante todo este processo. Este aspeto está inserido no indicador “Desenvolvimento de conhecimento profissional a partir do trabalho colaborativo com pares e nos órgãos da escola”.

Parte II - Trabalho de Investigação

Nota Introdutória

Antes de nos focarmos no trabalho de investigação propriamente dito, achamos pertinente fazer alusão à definição da palavra “investigação”, que segundo Houaiss e Salles (2002), investigar pode ser entendido como procurar segundo uma metodologia e de forma consciente e através de uma análise e observação minuciosa descobrir algo.

Centrando então a nossa atenção para a segunda parte do nosso trabalho, iremos expor o estudo elaborado no contexto do 2.º Ciclo do Ensino Básico, sendo o seu tema de investigação a motivação para a leitura dos jovens do ciclo de ensino mencionado. Era para nós importante fazer alusão a este tema, uma vez que tanto se tem debatido sobre o mesmo em diversos meios, seja ele no meio da comunicação social ou no meio escolar. A razão pela qual escolhemos o 2.º Ciclo do Ensino Básico e não o 1.º Ciclo do Ensino Básico deve-se ao facto de o contacto direto com este público-alvo através da realização da Prática de Ensino Supervisionada neste contexto e uma vez que tivemos mais oportunidades de contactar com este ciclo de ensino do que com o 1.º CEB, devido às condições pandémicas que nos afetaram.

Primeiramente iremos apresentar a revisão da literatura, sendo que esta foi fundamentada adequadamente pelo meio de diversas pesquisas bibliográficas. Seguidamente, expomos a metodologia, na qual apresentamos a abordagem a realizar, sendo ela uma abordagem de natureza qualitativa, tendo como referencial metodológico o estudo de caso. Iremos também delimitar o nosso objeto de estudo, justificar e fazer relevância ao estudo realizado, apresentar os seus participantes e a razão de os mesmos terem sido escolhidos e, por fim, as técnicas e os instrumentos de pesquisa utilizados.

Numa parte final do nosso trabalho, expomos os dados recolhidos através da aplicação do inquérito por questionário, procedendo à sua interpretação e análise, apresentando por fim as conclusões deste estudo.

1. Revisão da literatura

É importante salientar que ninguém nasce leitor, simplesmente aprendemos a ler e a gostar de ler, caso as aprendizagens de cada um assim o permitirem. Todo este processo demora o seu tempo, sendo que requer esforço e disponibilidade por parte do leitor. Aprende-se a ler, lendo (Esteves, 2020).

Tal como alude Esteves (2020), a leitura é fundamental para as aprendizagens de todas as disciplinas, uma vez que uma grande parte do que se aprende faz-se com recurso à leitura.

Santos (2000) refere que a leitura é um mecanismo capaz de alargar a memória individual e coletiva e, ao nível da sociedade, auxilia no controlo e manuseamento dos meios informáticos, dado que estes são inerentes ao uso da linguagem escrita. Ainda neste âmbito, Viana (2006) refere que é necessário a ação de inúmeros mecanismos, no que diz respeito à leitura, dado que esta é caracterizada como uma atividade complexa. Estes mesmos mecanismos são sobretudo linguísticos, cognitivos, motivacionais e afetivos, entre outros.

Atualmente a leitura é muito mais do que a tradução mecânica de uma mancha gráfica para um conjunto de sons audíveis, pois é necessário ter em conta que ensinar a ler de forma crítica, é um dos grandes desafios direcionados à comunidade escolar (Castanho, 2002).

Um dos aspetos que contribui de forma significativa tanto para a linguagem oral como para a compreensão da leitura diz respeito aos conhecimentos prévios que as crianças possuem na sua memória. Esta relação é evidenciada por parte das crianças, quando estas alcançam um determinado nível de proficiência no reconhecimento das palavras escritas (Cruz, 2020).

Este reconhecimento das letras, bem como a competência para as juntar, formando assim as palavras, é designado como decifração. A decifração, segundo Sim Sim (2009), consiste em “decifrar, ou descodificar, significa identificar as palavras escritas, relacionando a sequência de letras com a sequência dos sons correspondentes na respetiva língua” (p.12).

Também Viana et al. (2010) nos apresentam o seu conceito de decifração, afirmando que “para aprender a ler é preciso aprender um código e dominá-lo a um nível que permita a decifração automática do que está escrito” (p. 3).

No que diz respeito ao ensino da leitura, uma grande maioria dos professores e educadores concorda que não existe nenhum método que seja eficaz para todas as crianças em geral. É fundamental alcançar um equilíbrio entre as competências de descodificação e a

fluência e a exposição a textos que possibilitem tanto o aumento do vocabulário bem como o desenvolvimento da compreensão (Konza, 2014).

Neste sentido, o National Reading Panel (2000) chegou à conclusão de que a abordagem mais eficaz no ensino da leitura seria a que abrangesse as cinco componentes de leitura, sendo elas: a consciência fonêmica, o princípio alfabético, a fluência, o vocabulário e a compreensão da leitura. Estes cinco aspectos devem ser instruídos de forma explícita e sistemática.

- Consciência fonêmica: é relativa à habilidade de foco nos fonemas, manipulando-os nas sílabas e nas palavras, sendo necessário possuir conhecimento sobre a possibilidade de divisão das palavras faladas em segmentos sonoros menores;
- Princípio alfabético: diz respeito à relação existente entre os fonemas e os grafemas, dispondo de consciência e domínio sobre o código que sustenta esta mesma relação;
- Fluência: elo entre a decodificação e a compreensão, pois é caracterizada como a mestria da leitura de um texto de forma precisa e com uma expressão e velocidade adequada;
- Vocabulário: permite comunicar tanto de forma oral como de forma escrita, sendo necessário conhecer as palavras e o seu significado;

Compreensão da leitura: através desta componente é nos nos possível compreender o que lemos, sendo esse o objetivo final da leitura. Este processo cognitivo é caracterizado como complexo, uma vez que se extrai e constrói o significado do que lemos.

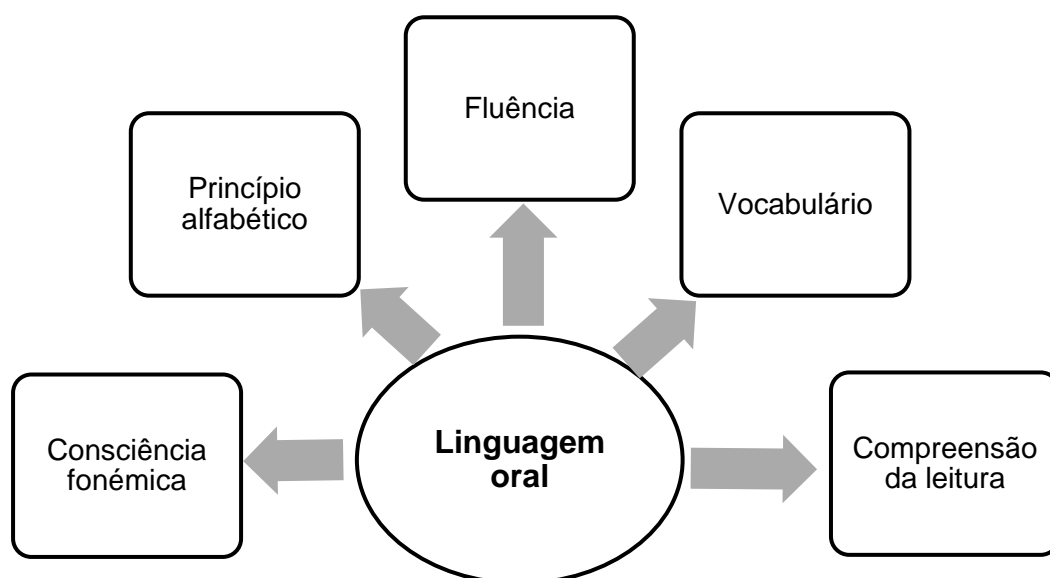


Figura 1- Os cinco componentes da aprendizagem da leitura (NRP, 2000)

Relativamente à compreensão na leitura, de uma forma concisa esta é apresentada como a capacidade de entender e recolher o significado do que foi lido. O texto é o veículo de interação permanente do leitor, fazendo com que este manifeste uma postura ativa. À medida que o texto avança, o leitor atribui-lhe significados relacionados com a sua experiência, sendo esta relação dicotómica que concede ao leitor a assimilação de novas informações estimulando os seus conhecimentos prévios (Costa, 2012).

Por sua vez Armbruster, Lehr e Osborn (2001) definem compreensão como o principal motivo da leitura, isto é, o objetivo máximo desta, uma vez que através da compreensão conseguimos construir o significado do que lemos. Nesta perspetiva, a compreensão da leitura pode ser entendida como a compreensão da informação englobada num texto.

Assim, podemos constatar que os bons leitores conhecem o objetivo da sua leitura, bem como o que fazer para alcançar o propósito da mesma. Tudo isto deve-se ao facto de os leitores pensarem de forma ativa enquanto leem, uma vez que utilizam inúmeros métodos complexos interligando com os suas vivências e experiências de vida, utilizando igualmente os seus conhecimentos e perceções sobre o vocabulário (Cruz,2020).

Para que os alunos obtenham uma compreensão da leitura efetiva o NRP (2000) refere que a compreensão da leitura é mais eficiente quando o docente utiliza estratégias direcionadas para o ensino de métodos de compreensão.

Por seu turno, Sousa e Pereira (2021) sublinham que é necessário que o leitor cumpra determinados requisitos, tais como: (i) possuir conhecimentos prévios, sobre um determinado tópico, para que a nova informação se una à que já conhece (ii) dispor de um bom conhecimento linguístico (iii) dominar os géneros textuais (iv) reconstruir significados através da filtração prévia da informação relevante e pertinente, (v) ter aptidão ao nível da memória para reter a informação de que necessita.

Ao serem colocadas determinadas questões sobre os textos, estão a realizar-se atividades de compreensão. Estas mesmas atividades promovem o desenvolvimento de inúmeras competências, tais como: (i) identificar a informação exposta num texto, ou seja, a compreensão literal, (ii) através dos indícios fornecidos pela leitura, elaborar deduções sobre o conteúdo do texto (designada como compreensão inferencial), (iii) consolidar ou reordenar as ideias e da mesma forma sistematizar esquematizar ou resumir a informação, (iv) formar juízos próprios, com respostas de carácter subjetivo, mais concretamente a compreensão crítica (Viana et al., 2012, citado por Sousa e Pereira, 2021).

No que respeita à motivação para a leitura, é consensualmente reconhecido que quando o aluno é motivado apresenta maior predisposição e dispensará uma maior quantidade de tempo e de esforço para esta atividade (Bártolo, 2004).

A motivação para a leitura é um dos aspetos mais importantes no processo de aprendizagem da mesma, dado que, e de acordo com Johnson (2015), a motivação está associada tanto ao desejo de ler, como aos fatores emocionais ou afetivos que envolvem a leitura. Ainda nesta linha de pensamento, Santos (1993) refere que a aprendizagem da leitura é um procedimento ativo, participado e incitado por parte da criança uma vez que é este o motivo pelo qual a aprendizagem é eficaz, devido ao esforço que o leitor apresenta no envolvimento com a mesma. Para que o processo de aprendizagem não se torne negativo nem possua um estímulo de repulsa, é importante evitar que as crianças disponham de experiências escolares de humilhação, frustração e fracasso (Cruz, 2020).

Wigfield (2000) citado por Alves (2011) refere que existem diversos eixos pelos quais a motivação pela leitura é orientada, sendo eles: a motivação intrínseca e a motivação extrínseca, as crenças e auto-perceções de competência e eficácia e motivação social. Ainda de acordo com o mesmo autor, é possível afirmar que quando o leitor executa atividades por espontânea vontade, este encontra-se motivado de forma intrínseca, dado que é recompensado pela satisfação que lhe é concedida.

Capitalizar os interesses pessoais dos alunos e os seus próprios valores é uma forma relativamente vantajosa de motivar os alunos para a leitura, dado que estes ao efetuarem atividades que de algum modo estão associadas às suas vivências, ao seu mundo e aos seus interesses pessoais, sentem esta mesma motivação (Bzuneck, 2010)

Ainda no contexto da motivação, Bártolo (2004) apresenta diversas estratégias que o docente pode utilizar no contexto de sala de aula, tais como:

- O professor deve ter em conta os textos de qualidade e recorrer aos mesmos com a maior brevidade
- O professor deve ler regularmente para os seus alunos;
- É indispensável manter os livros abordados pelo professor na biblioteca durante algum tempo.

A descida da motivação, ainda de acordo com Alves (2011), pode ser elucidada através das características das crianças ao nível do desenvolvimento, bem como pelas variadas áreas de interesse e de competência. Uma das várias razões associadas à fraca motivação das

crianças pela leitura está direcionada para o tempo excessivo que estas dedicam tanto à televisão como ao computador.

Para contrariar este aspeto, é necessário promover determinadas estratégias que motivem a leitura, como por exemplo:

- Promover o trabalho de grupo, dispondo para isso as mesas numa determinada forma;
- Definir um espaço dedicado à comunicação, para que as crianças expressem o que pretenderem;
- Definir um espaço dedicado à edição de textos, como por exemplo, imprimir textos e ilustrar;
- Definir um espaço dedicado ao desenho, pintura, recorte e colagem. (Martins e Niza, 1998).

Neste sentido, torna-se pertinente criar contextos que incrementem a motivação para a leitura.

Assim, Silva, Bastos, Duarte e Veloso (2011) apresentam diversas sugestões que se podem adotar em contexto de sala de aula, nomeadamente:

- Exposição de lista de palavras – construir uma lista de palavras, para que de seguida seja exposta na sala de aula, visto que, a mesma contribuirá de forma positiva para a aquisição de vocabulário.
- Contacto com diversos materiais escritos – expandir os horizontes das crianças relativamente ao mundo, promovendo o contacto com os diversos suportes de leitura, tais como, os livros, as revistas, entre outros.

Sendo a fluência uma das principais componentes da leitura, torna-se pertinente fazermos referência à mesma. Segundo Konza (2014), a fluência de leitura pode ser caracterizada como a habilidade que permite ao leitor transformar o aprender a ler em ler para aprender. Se o leitor for eficiente reconhecerá uma grande parte das palavras de forma automática e assim será possível direccionar a sua atenção para compreender o que está a ler e ao mesmo tempo ter a capacidade de relacionar essa informação com os seus conhecimentos prévios. O leitor através desta capacidade poderá ainda ler em voz alta com velocidade e prosódia.

Em contraste, um leitor pouco fluente possui poucos recursos cognitivos tanto para conseguir ler em voz alta com prosódia, como para compreender o que lê. Isto acontece uma vez que o seu foco está direccionado para o reconhecimento individual das palavras.

Em síntese, no que diz respeito à fluência, Rose (2006) refere que a melhor forma para criar confiança e crença ao leitor é fornecer-lhe livros adequados ao seu nível de leitura, uma vez que assim será mais fácil reconhecer as palavras, compreender a pontuação, aperfeiçoar a expressividade e permite que este pratique estilos linguísticos.

Relativamente ao vocabulário, o NRP (2000) considera que uma leitura rápida e precisa por parte das crianças não as transforma em leitores eficientes, dado que, se elas não compreenderem o significado das palavras, logo não irão evoluir como leitores. Neste sentido, Konza (2014), alude à importância do vocabulário, pois caso as crianças saibam o significado das palavras compreenderão o seu sentido no contexto de uma frase. Na verdade, o vocabulário é uma componente essencial, uma vez que é utilizado nas atividades que abrangem a linguagem, porém é igualmente importante para o funcionamento do domínio cognitivo em geral (Shanahan, 2006).

Para o desenvolvimento do vocabulário se execute de forma eficaz, existem diversas atividades a utilizar, por parte dos docentes, tais como:

- A introdução do vocabulário através da leitura em voz alta (integrar novas palavras no vocabulário das crianças através da realização da leitura em voz alta proporcionando-lhes um contexto para que as mesmas as compreendam);
- Contextualização das palavras inseridas numa história (através de uma história auxiliar apresentar às crianças novas palavras situando-as no devido contexto);
- Contextualização das palavras fora do contexto de uma história (apresentar diversas palavras às crianças situando as mesmas nos diversos contextos do seu dia-a-dia e com as suas experiências de vida);
- Realizar um *Brainstorming* de associação de palavras (Através de uma determinada palavra-alvo debater sobre as inúmeras palavras associadas a esta);
- Unir palavras e definições (realizar uma atividade recorrendo a lápis e papel, na qual as crianças necessitem de combinar as palavras com as suas devidas definições);
- Jogo da memória com palavras (através de diversos cartões realizar um típico jogo da memória, no qual as crianças combinam as palavras contidas no jogo com as respetivas definições).

No âmbito da leitura existem dois intervenientes essenciais a referir, o professor e a família. Ferreira (2015) refere que o professor dá início à sua formação muito antes de ser reconhecido como docente, dado que, no decorrer da sua carreira, é desenvolvido o sentimento vocacional.

Tal como o papel da família é fundamental o do professor não fica atrás, o docente deve promover práticas de leitura desde a educação pré-escolar. O professor deve autorizar os alunos a folhear os livros, a interpretar as imagens e os textos, realizando leituras dos mesmos, uma vez que está a fomentar a motivação para a leitura (Meireles, 2010).

É pertinente que o professor domine determinados conhecimentos relativos aos seus discentes, tais como, as suas competências, rotinas, interesses e expectativas, pois, assim proporciona uma boa relação entre o ambiente escolar e o ambiente familiar e social do aluno (Ferreira, 2015).

Uma das formas de estimular a capacidade crítica das crianças é ler e contar histórias, o que permite descobrir novas palavras. Sousa (2017) faz alusão ao ambiente acolhedor que o docente deve criar, promovendo a curiosidade dos seus alunos sobre a história a ler e de igual modo dando espaço à realização de pausas para que o aluno imagine o que vai acontecer de seguida, refletindo sobre as personagens e o cenário.

Para promover a leitura apresentando os mais variados géneros textuais aos alunos, é essencial que estes tenham acesso à biblioteca. Neste contexto o papel do professor passa por interceder na escolha oportuna das leituras, desempenhando um trabalho didático em certos géneros textuais e livros, estimulando o gosto pela leitura (Sousa,2017).

Rubin e Jordão (2015) fazem alusão mais uma vez à importância do papel do professor, sendo mais fácil estimular o gosto pela leitura aos seus alunos, se este também gostarem de ler, dado que é o exemplo das crianças e jovens ocupando o lugar de mediador de leitura na vida dos mesmos. Porém, os mesmos autores referem que o professor necessita da contribuição da gestão escolar, de forma a disponibilizarem espaços e possibilitarem atividades, unindo assim esforços e ações.

Este esforço por parte da escola é fundamental, uma vez que, tal como afirmam Jordão e Rubin (2015), é neste contexto que uma grande parte dos alunos terá o seu primeiro contacto com livros, o que se tem apresentado como uma tarefa difícil devido à falta de materiais para a estimulação do gosto pela leitura. Este problema faz com que os alunos percam a sua identidade leitora, uma vez que não possuem acesso a livros adequados à sua faixa etária, salientando que algumas escolas ainda não dispõem de uma biblioteca.

No estímulo dos hábitos de leitura não deve haver lugar para a imposição, nem tão pouco para a obrigação. Essa situação pode levar à desmotivação do aluno e à perda de um bom leitor. De forma a motivar os alunos para a leitura, a escola deve criar espaços direcionados para a sua concretização, como por exemplo, ateliês de leitura, bibliotecas e outros espaços. É importante que nas rotinas pedagógicas diárias, os professores disponham não só o seu

tempo, mas também, espaços dentro da sala de aula para a leitura e locais para a exposição de livros e de acesso fácil. Neste campo, os professores têm como missão incentivar os alunos a ler, concebendo atividades diversificadas e promovendo o encontro dos alunos com o livro (Silva,2014).

No que diz respeito ao papel da família neste contexto, Niza (1998) faz alusão à importância da criação de um lugar em casa, no qual as crianças possam colocar os seus livros, sendo que este lugar poderá passar pelo quarto ou pela sala de estar, de modo que todos os possam desfrutar do prazer da leitura.

Neste sentido, o livro deve tornar-se um membro da família, visto que, deste modo irá contribuir para a motivação e para o processo de ensino-aprendizagem. Assim, Martins e Niza (1998) fazem referência ao livro como sendo um “objecto precioso, quase com força de pessoa, para que a criança aprenda a dialogar, a entender, a pensar, a imaginar, a viver” (p.113).

No que diz respeito ao contexto familiar, este executa funções imprescindíveis na aprendizagem dos aspetos conceituais e funcionais da linguagem escrita, como também promoção de atitudes positivas em relação à literacia (Mata, 2006).

É possível afirmar que a definição de literacia familiar é muito heterogénea, uma vez que, é composta por múltiplas vertentes. Mata (2006) refere que se pode entender como literacia familiar a forma como os membros da família, como por exemplo, os pais e os irmãos aplicam a literacia em casa, nas rotinas do seu dia a dia e ainda na comunidade em geral. A aprendizagem da leitura e da escrita, de acordo com o mesmo autor necessita do apoio da família, executando esta um papel fulcral na assimilação e aprendizagem da leitura e da escrita. Assim, é pertinente não depreciar o contexto familiar.

Algumas das atividades que promovem a leitura no contexto familiar, englobam idas a bibliotecas e a feiras do livro. Estas atividades são momentos ricos em afetividade que vão permanecer na memória das crianças por um longo período, tornando o adulto e a criança mais próximos.

Ao mesmo tempo, a criança clarifica a dimensão lúdica da leitura, proporcionando-se também o desenvolvimento e enriquecimento da sua linguagem. Sendo a leitura uma ferramenta primordial para o desenvolvimento das capacidades cognitivas, os pais devem motivar os filhos para a leitura, recorrendo à imaginação, estimulando a curiosidade e o querer saber mais (Silva, 2014).

Quando se faz alusão à leitura, é pertinente fazer referência ao Plano Nacional de Leitura, dado que este é caracterizado por um conjunto de medidas, que visam promover o

desenvolvimento de competências nos domínios da leitura e da escrita, assim como o aumento e aprofundamento dos hábitos de leitura, nomeadamente entre a população escolar. Neste sentido, o PNL apresenta como objetivos principais:

- Reconhecer a leitura como um elemento fundamental para o desenvolvimento tanto individual como coletivo;
- Gerar um ambiente social propício à leitura;
- Reconhecer determinadas atividades como estimuladoras de prazer de ler entre diversas gerações, desde as crianças aos adultos (PNL, 2021).

Este promove ainda diversas ações, entre as quais, projetos, como por exemplo, clubes de leitura e leitura em família. Proporciona-nos ainda concursos, eventos, conferências, entre outros.

Apresentamos de seguida um pequeno resumo retirado do Relatório PISA 2018, que teve como objetivo avaliar a literacia de leitura.

É possível referir que Portugal no que diz respeito à literacia de leitura, alcançou uma pontuação média de 492 pontos, em que relação à média da OCDE situa-se cinco pontos acima da média da OCDE (487 pontos), embora esta não seja considerável (PISA, 2018, p. 4).

Tendo em conta o resultado nacional atingido no ano de 2018 e os dois ciclos de ensino no qual a leitura foi o principal domínio, os resultados obtidos ficaram significativamente acima da média, 22 pontos a mais, no que diz respeito à média obtida em 2000 e três pontos da média de 2009 (PISA, 2018, p. 47).

A pontuação de Portugal não é substancialmente diferente da pontuação obtida pela Alemanha (498 pontos), pela Eslovénia (495 pontos), pela Bélgica (493 pontos), pela França (493 pontos), pela República Checa (490 pontos) e pela Holanda (485 pontos) (PISA, 2018, p.48).

No que diz respeito ao desempenho no processo da leitura as raparigas obtiveram melhores resultados relativamente aos rapazes ano de 2018, tal como se tem verificado em ciclos anteriores. As raparigas obtiveram, em média, vinte e quatro pontos acima da pontuação média alcançada pelos rapazes, mais concretamente 504 pontos contra 480. A diferença é menor do que a verificada em 2009 e semelhante à observada no ano 2000 (PISA, 2018, p.52).

Na secção seguinte abordaremos a metodologia.

2. Metodologia

2.1. Tipo de Investigação

A abordagem a realizar é uma abordagem de natureza qualitativa, tendo como referencial metodológico o estudo de caso.

O estudo de caso é “uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro de um contexto de vida real, quando as fronteiras entre o fenómeno e o contexto não são claramente evidentes, e no qual são utilizadas múltiplas fontes de evidência” (Yin, 1989, p.23).

Ao longo da metodologia, irão ser apresentados os participantes, as técnicas e os instrumentos de pesquisa a utilizar.

2.2. Definição dos objetivos

A investigação realizada teve como objetivo analisar os hábitos de leitura dos alunos do 2.º Ciclo do Ensino Básico, bem como, desenvolver estratégias para promover a motivação neste âmbito.

2.3. Delimitação do objeto de estudo

Relativamente ao objeto de estudo deste trabalho de investigação é referente ao incentivo dos alunos para a prática da leitura, bem como conhecer os hábitos de leitura dos mesmos. Assim, pretende-se analisar um conjunto de aspetos, desde a importância da leitura, as preferências de leitura das crianças deste nível de ensino, as diversas estratégias para motivar as crianças a lerem, o papel dos pais e dos professores como aliados neste processo, entre outras.

Assim, é importante referir a importância, das questões de investigação, pois, tal como aludem Quivy e Campenhoudt (1992), estas deverão ser claras, exequíveis e pertinentes:

- Que hábitos de leitura evidenciam os alunos do 2.º Ciclo do Ensino Básico, a frequentar o 5.º/6.º ano de escolaridade?
- De que modo o desenvolvimento de estratégias de motivação para a leitura, por parte do professor, pode contribuir para incrementar a motivação dos alunos para a mesma?

2.4. Justificação e relevância do estudo

No que concerne à escolha deste tema, o mesmo deve-se à pertinência de aludir à importância da leitura, uma vez que, ler não é só o simples ato da leitura, ler é interpretar, conhecer, enriquecer o nosso vocabulário, viajar sem sair do lugar, sendo estes conhecimentos essenciais para vida do ser humano.

Tal como refere Santos (2000), a leitura é acima de tudo uma atividade humana, que se caracteriza por ser um mecanismo único de acesso ao conhecimento teórico e prático e de obtenção de autonomia no âmbito da aprendizagem intelectual, eminentemente humana, e um meio único de aceder ao saber teórico e prático e de alcançar autonomia na aprendizagem, concedendo ainda ao Homem a inserção e participação ativa contexto social.

2.5. Participantes no estudo e justificação

No que diz respeito aos participantes desta investigação, estes foram os alunos de uma turma do 6.º ano de escolaridade. Estes participantes serão selecionados por conveniência, uma vez que foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada no 2.ºCiclo do Ensino Básico. E tal como referem Carmo e Ferreira (1998), quando os participantes realizam a sua atividade letiva no local de estágio do investigador, tal possibilita uma maior facilidade na recolha dos dados.

2.6. Técnicas e instrumento de pesquisa

Para alcançar os objetivos pretendidos com a realização desta investigação, recorreremos a um inquérito por questionário. Este serviu para investigar os hábitos de leitura dos alunos, dado que, se pode traduzir como uma ferramenta objetiva e prática, pois a sua aplicação junto dos alunos é relativamente rápida, salvaguardando o seu anonimato que consequentemente garante a autenticidade das suas respostas.

Neste sentido e tal como defendem Ghiglione e Matalon (1993), o questionário

é um instrumento rigorosamente estandardizado tanto ao nível das questões, como na sua ordem.No sentido de garantir a comparabilidade das respostas de todos os indivíduos, é indispensável que cada questão seja colocada a cada pessoa da mesma forma, sem adaptação nem explicações suplementares resultantes da iniciativa do entrevistador. Para que tal seja possível, é evidentemente necessário

que a questão seja perfeitamente clara, sem qualquer ambiguidade e que a pessoa saiba exatamente o que se espera dela (p.110).

Para além da elaboração e aplicação do inquérito por questionário, foram realizadas diversas atividades enquadradas nos inúmeros tipos de texto, desde os quais, texto narrativo, dramático e ainda poético.

3. Apresentação e discussão dos dados

Através da aplicação do inquérito por questionário a uma turma do 6.º ano de escolaridade, iremos apresentar os dados recolhidos através dos mesmos, bem como a sua análise e discussão, respetivamente.

O objetivo desta recolha de dados foi analisar os hábitos de leitura dos alunos do 2.º Ciclo do Ensino Básico, conhecendo assim as perspetivas destes alunos sobre a leitura, qual o tempo que eles dedicam à mesma e se realmente sentem motivação para ler.

Primeiramente, iremos focar a nossa atenção na apresentação dos dados recolhidos através dos inquéritos, estando estes dados expressos através de tabelas presentes em corpo de texto, numeradas consoante o número das questões explícitas no inquérito por questionário (cf. Anexo 25), para que esta apresentação seja clara e objetiva.

3.1. Apresentação e discussão dos dados recolhidos pela aplicação dos questionários aos alunos de uma turma do 2.º CEB

Nesta parte do nosso trabalho, iremos apresentar os resultados obtidos, através da aplicação de um inquérito por questionário (cf. Anexo 25) aos alunos do 2.º CEB, mais concretamente a uma turma do 6.º ano de escolaridade, sendo a discussão dos dados apresentados sustentada em diversos autores de referência.

A aplicação deste instrumento, o questionário, teve como principal intuito analisar os hábitos de leitura dos alunos do 2.º Ciclo do Ensino Básico. Para a aplicação deste questionário foram inquiridos 25 alunos do 6.º ano de escolaridade de uma das várias escolas pertencentes ao Concelho de Viseu. O respetivo questionário é apresentado em anexo (cf. Anexo 25).

No que diz respeito à escolha do público-alvo a aplicar o questionário, estes foram selecionados por conveniência, uma vez que foi desenvolvida a Prática de Ensino Supervisionada no 2.ºCiclo do Ensino Básico. E tal como referem Carmo e Ferreira (1998)

quando os participantes realizam a sua atividade letiva no local de estágio do investigador, tal possibilita uma maior facilidade na recolha dos dados. O processo de aplicação do questionário, de modo a não perturbar a abordagem dos conteúdos, foi debatido com o professor titular da turma na disciplina de Português sendo ele também o nosso professor orientador.

Esta aplicação aconteceu numa aula de 50 minutos, dada por nós, na qual foi feita uma breve abordagem do que se pretendia com o mesmo, sendo os alunos bastante recetivos no que diz respeito ao seu preenchimento. Para que todo este processo fosse simples, foi criado por nós um *QR Code*, ao qual os alunos acederam com os seus telemóveis ou tablets que possuíam ligação à internet da escola, ao questionário elaborado através da ferramenta *GoogleForms*. É ainda pertinente referir que o questionário foi elaborado na ferramenta referida acima, devido ao facto de ser de mais fácil preenchimento e análise dos resultados.

O questionário possui a riqueza de englobar diferentes tipos de questões e tal como aludem Pardal e Lopes (2011), essas questões têm as suas próprias características consoante ao objetivo de pesquisa de cada uma, à sua capacidade colheita de informação e ainda ao seu grau de dificuldade.

As tabelas de análise de dados apresentadas abaixo, irão referir as respostas dadas pelos alunos às questões de resposta aberta, bem como as respostas às questões de escolha múltipla. Para além disso, está explícito o número de alunos que deu uma determinada resposta, bem como a percentagem que corresponde a esse mesmo número

3.1.1. Análise dos hábitos de leitura dos alunos do 2.º CEB

Tabela 1- Organização da turma do 6.º ano por idade e sexo

| Idade \ Sexo | Feminino | Masculino | Total |
|--------------|----------|-----------|----------|
| | (48%) | (52%) | (100%) |
| 11 | 5 | 4 | 9 - 40% |
| 12 | 7 | 8 | 15 - 56% |
| 13 | 0 | 1 | 1 - 4% |

Através da tabela n. 01 podemos constatar que nesta turma do 6.º ano, existem 25 alunos, entre os quais, nove com onze anos, quinze com doze anos e ainda um aluno com treze anos

de idade. É importante ainda referir que a turma é constituída por doze alunos do sexo feminino e treze alunos do sexo masculino.

Tal como já foi referido anteriormente, o questionário foi aplicado a uma turma do 6.º ano de escolaridade. Assim, estamos a fazer referência a alunos na faixa etária compreendida entre os 11 e 13 anos de idade, que vão de forma gradual, deixando de ser crianças entrado no mundo da adolescência, o que por vezes os faz sentir a necessidade de se “fecharem no seu próprio casulo”, tentando relacionar-se mais consigo próprio e menos com o mundo que os rodeia (Becker, 2017)

Tabela 2-Atividades realizadas nos tempos livres pelos estudantes

| Respostas | Número (n.º) | Resposta (%) |
|--|---------------------|---------------------|
| Ler | 2 | (8%) |
| Jogar Futebol | 11 | (44%) |
| Jogar voleibol | 2 | (8%) |
| Outras atividades, ex: conviver com amigos e ver Netflix | 10 | (40%) |

Com a análise dos dados apresentados na tabela acima, é possível compreender que os alunos inquiridos realizam diversas atividades nos seus tempos livres, entre as quais, ler, jogar futebol, jogar voleibol e ainda conviver com os seus amigos, brincar e ver Netflix. Este tipo de questão deve ser considerada como relevante, dado que permite ao docente conhecer melhor os seus alunos, criando uma relação mais benéfica com os mesmos. Concluímos também que apenas 2 alunos leem nos seus tempos livres, o que dever ser levado em conta para que este número seja um número a aumentar.

As crianças e os jovens necessitam igualmente de ter alguns tempos livres para se dedicarem ao que mais gostam e foi através da tabela n.º 2 que tentámos compreender como é que estes os aproveitam. Os tempos livres são considerados como tempos de formação, uma vez que as crianças e os jovens estão em contínua socialização, convertendo o tempo livre em tempo de aprendizagem, que poderá ser algo realizado com maior ou menor sucesso (Pereira e Neto, 1997).

Tabela 3- Frequência de leitura dos documentos assinalados

| Frequência Opções | Todos os dias | 1 vez por semana | De 15 em 15 dias | 1 vez por semana | Nunca |
|------------------------------------|--|-----------------------------------|---|---|--------------|
| Revistas | 1 | 1 | 0 | 10 | 13 |
| Jornais | 0 | 0 | 1 | 10 | 14 |
| Livros | 6 | 4 | 3 | 12 | 0 |

Dos 25 alunos inquiridos é possível compreender que 13 nunca leem revistas e 14 nunca leem jornais e que em comparação com o jornal a revista é lida com mais frequência. Porém, é possível constatar que o documento lido com mais regularidade é o livro, sendo este utilizado maioritariamente uma vez por semana. Torna-se relevante referir que a leitura de jornais e revistas, tal como se observa na tabela número 3, tem perdido ao longo do tempo os consumidores das camadas mais jovens.

Através da tabela n.º 3 foi possível compreender que os jornais e as revistas são cada vez menos utilizados e tal como alude Caldas (2002), os indivíduos que leem jornais e notícias online possuem interesses diferentes; assim e para contrariar esta tendência de modo a atrair os jovens, é necessário reinventar os jornais colocando textos mais originais, analíticos e interpretativos.

Tabela 4- Frequência de leitura de livros durante o período escolar

| Opções | Número (n.º) | Percentagem (%) |
|---------------|-------------------------------|----------------------------------|
| Nenhum | 0 | 0% |
| 1-3 | 16 | 64% |
| 4-7 | 3 | 12% |
| 7-10 | 2 | 8% |
| Mais de 10 | 4 | 16% |

Mediante os dados recolhidos e apresentados na tabela n.º 4 concluímos que a maioria dos alunos lê 1 a 3 livros durante o período escolar, correspondendo a uma percentagem de 64%, sendo que 4 alunos, ou seja 16% dos inquiridos referiram que leem mais de 10 livros durante o mesmo período de tempo, existindo assim uma grande discrepância entre os mesmos. Aqui existem 12% dos inquiridos que afirmam ler 4 a 7 livros e ainda 8% que leem 7 a 10 livros durante o período escolar.

Não houve qualquer registo de alunos que não lessem “nenhum livro”, durante o tempo referido acima.

Para que os alunos possuam interesse e curiosidade pela leitura, durante o período escolar, o professor deve no contexto de sala de aula, de acordo com o Plano Nacional de Leitura (2021), fazer alusão, ou até mesmo abordar, histórias ou livros que despertem a atenção dos alunos, como por exemplo, um poema com um carácter divertido ou inspirador ou até mesmo certas informações que lhes incitem o desejo de saber mais.

Tabela 5-Tempo dedicado à leitura durante a semana

| Opções | Número (n.º) | Percentagem (%) |
|--------------------|-------------------------|----------------------------|
| 0-30 minutos | 15 | 60% |
| 30 minutos -1 hora | 9 | 36 % |
| 1-3 | 1 | 4% |

Dos 25 alunos inquiridos mais de metade, concretamente 60% afirma dedicar entre 0 e 30 minutos do seu tempo, por semana, a ler. Já 36% dos alunos referiram que dedicam 30 minutos a 1 hora a ler, sendo que apenas um aluno, o que corresponde a 4% dos inquiridos afirma dispensar 1 a 3 horas a ler durante a semana. Através destes dados verificamos que uma grande parte dos alunos dedica pouco do seu tempo ao exercício da leitura, sendo esta tão fundamental.

O tempo que os alunos dedicam de forma concreta ao exercício da leitura, seja ele nos seus momentos livres ou no contexto de sala de aula é determinante no que diz respeito ao desenvolvimento da compreensão bem como na associação da leitura à escrita. Para contrariar esta tendência torna-se relevante motivar as crianças e os jovens para a leitura,

cabendo assim à escola ter um papel fundamental no fomento da mesma (Plano Nacional de Leitura, 2021).

Tabela 6- Gosto pela leitura

| Opções | Número (n.º) | Percentagem (%) |
|---------------|-------------------------|----------------------------|
| Sim | 16 | 64% |
| Não | 9 | 36% |

Através dos dados expostos acima na tabela número 6, é-nos possível afirmar que mais de metade dos alunos, mais concretamente 64% afirmam gostar de ler, porém, existem 36% dos alunos que são da opinião contrária. As justificações dos alunos sobre o seu interesse pela leitura são por exemplo, “porque existem livros muito interessantes”, “gosto, porque me faz descontraír”, “gosto de ler, porque é essencial para adquirir novos conhecimentos” e ainda “porque entramos no mundo da imaginação”. Em contrapartida, existem respostas que podem ser consideradas como menos positivas, tais como, “não gosto de ler”, “não estou habituado a ler” e ainda “acho que ler é chato”.

Essa mesma motivação deve ser utilizada com o devido cuidado, dado que não se deve encarar uma criança ou jovem como muito ou pouco motivado, mas sim tentar entender porque é que algumas crianças se sentem motivadas para a leitura enquanto outras não revelam o mesmo interesse (Mata e Monteiro, 2005).

Tabela 7- Leitura de um livro pela última vez

| Opções | Número (n.º) | Percentagem (%) |
|------------------|-------------------------|----------------------------|
| Na última semana | 10 | 40% |
| 1 – 3 semanas | 6 | 24% |
| 1- 6 meses | 9 | 36% |

É possível afirmar que aquando da realização deste inquérito por questionário quase metade dos alunos, 40% leu um livro na semana anterior, já 36% dos alunos abordados leu

um livro pela última vez, no período de tempo correspondente entre 1 e 6 meses e por fim situam-se os alunos que leram um livro entre uma a três semanas atrás (24%) sendo este tempo correspondente à realização do questionário.

Tabela 8-Gênero de leitura preferido

| Respostas | (n.º) |
|------------------|--------------|
| Aventura | 5 |
| Ação | 2 |
| Crime | 4 |
| Drama | 8 |
| Mistério | 3 |
| Terror | 4 |
| Sem preferência | 2 |

Através dos resultados apresentados acima, é possível afirmar que os alunos em questão possuem gostos muito variados, destacando-se, porém, um gênero, o dramático, sendo selecionado por 8 dos 25 alunos.

Ao conhecer os gêneros de leitura preferidos dos alunos, o professor pode utilizar os mesmos para motivar o seu público-alvo para a leitura. É ainda importante salientar que alguns alunos referiam não ter qualquer preferência sobre algum gênero, e ainda que alguns dos inquiridos identificaram-se com mais do que um.

Tabela 9- Tipo de suporte de leitura utilizado

| Opções | Número (n.º) | Porcentagem (%) |
|---------------|-------------------------|----------------------------|
| Papel | 14 | 56% |
| Digital | 11 | 44% |

A opinião dos alunos em relação a esta questão divide-se praticamente a meio. Dos 25 inquiridos 56% refere que prefere realizar as suas leituras em suporte papel, enquanto 44% prefere utilizar o suporte digital. É importante ter em atenção que apesar de vivermos numa era extremamente tecnológica, o maior número de alunos continua a dar preferência ao papel. Neste sentido as justificações elencadas pelos alunos relativamente às suas preferências estão expostas na tabela abaixo.

Lourenço (2014) refere que a leitura de um livro impresso é realizada de forma sequencial, dado que a mesma se realiza de cima para baixo, da esquerda para a direita, percorrendo o livro até à última página.

O mesmo autor refere que aquando da leitura de um livro digital, se o leitor não se restringir aos seus próprios objetivos tende a saltar de link em link, acabando por perder o seu objetivo, perdendo-se num universo de informação, tal como acontece num labirinto. Para que tal não aconteça é necessário reduzir a informação, seleccioná-la, interpretá-la, transformando a mesma em conhecimento (Lourenço, 2014).

Tabela 10- Justificação do tipo de suporte utilizado

| | |
|-------------------------------|---|
| <p>Suporte Digital</p> | <p>“Porque, dado ao avanço da tecnologia, por vezes, recorremos à leitura digital.” “Porque posso ler sem pagar.”</p> <p>“Porque o digital é mais fácil de adquirir.”</p> |
| <p>Suporte Papel</p> | <p>“Porque eu gosto de sentir a folha do livro.”</p> <p>“Porque gosto de comprá-los e tê-los em casa.”</p> <p>“Porque em papel é mais fácil ler.”</p> |

Através dos resultados expostos nas duas últimas tabelas, é necessário refletir sobre a utilização do livro impresso e o livro em suporte digital, sendo esta uma questão que divide os alunos

Tabela 11- Intervenientes responsáveis pelo interesse pela leitura

| Respostas | Número (n.º) | Percentagem (%) |
|--------------------------|---------------------|------------------------|
| Família | 9 | 37,5 % |
| Professores | 7 | 29,2 % |
| Amigos | 2 | 8,3 % |
| Amigos online e internet | 1 | 4,2 % |

No que concerne a esta questão, os alunos salientaram maioritariamente dois intervenientes responsáveis, a família e os professores, correspondendo a 37,5% e 29,2% respetivamente. Alguns alunos salientaram ainda os amigos reais e os amigos sociais. É ainda importante referir que alguns dos alunos consideraram-se a si próprios como responsáveis pela motivação para a leitura.

Todos estes intervenientes são fundamentais na vida escolar dos alunos, principalmente, se unirem esforços no que diz respeito à motivação para a leitura, sendo este o seu objetivo em comum.

Gouveia (2009) alude à importância da união de esforços por parte da biblioteca escolar, da escola, da sociedade e da família, para que estes fomentem hábitos de leitura que permaneçam ao longo de toda a vida, uma vez que o ser humano necessita de saber ler, para que possua um papel ativo na nossa sociedade, tornando-se num cidadão ativo e consequentemente trabalhador competente.

Tabela 12-Quantidade de livros que possuem em casa

| Opções | Número (n.º) | Percentagem (%) |
|---------------|---------------------|------------------------|
| Nenhum | 0 | 0% |
| 1-3 | 1 | 4% |
| 3-7 | 1 | 4% |

| | | |
|------------|----|-----|
| 7-10 | 0 | 0% |
| Mais de 10 | 23 | 92% |

Na tabela n.º 12, os inquiridos referem o número de livros que possuem em casa, na qual estes foram muito uniformes nas suas respostas. 92% dos alunos afirma ter mais de 10 livros em casa, sendo que 4% refere ter 1 a 3 livros em casa e ainda também 4% afirma possuir 3 a 7.

Não há qualquer registo de alunos que não disponham de qualquer livro em casa. Através destes dados é possível afirmar que este é um grande passo para que se fomente a leitura, utilizando os livros que possuem de forma conveniente.

Sim-Sim e Ramalho (1993) referem que a quantidade de livros que os alunos possuem em casa, tal como a regularidade com que frequentam a biblioteca escolar, irá atuar de forma positiva no desempenho do mesmo.

Tabela 13- Razões da escolha do material de leitura

| Opções | Número (n.º) | Percentagem (%) |
|---------------|-------------------------|----------------------------|
| Conteúdo | 13 | (54,2%) |
| Título | 9 | (37,5%) |
| Capa | 2 | (8,4%) |

Mais de metade dos alunos abordados refere que escolhe o seu material de leitura devido ao conteúdo, tal como está exposto nos 54,2% apresentados na tabela acima. Seguem-se 37,5% dos inquiridos que afirma escolher o seu material de leitura através do título e por fim 8,4% que escolhe através da capa.

Tabela 14- Motivação intrínseca para a leitura

| Opções | Número (n.º) | Percentagem (%) |
|---------------|-----------------|--------------------|
| Nunca | 0 | 0% |
| Quase nunca | 4 | 16% |
| Algumas vezes | 13 | 52% |
| Quase sempre | 6 | 24% |
| Sempre | 2 | 8% |

Relativamente à última questão referente ao cerne deste trabalho de investigação, não existe qualquer referência de alunos que nunca se sentem motivados para ler; porém, mais de metade dos alunos o que corresponde a 52% dos inquiridos, refere que se sentem motivados para a leitura “algumas vezes”. Por meio da tabela 14 podemos ainda constatar que 24% dos alunos sente-se quase sempre motivado para ler, enquanto 16% dos alunos quase nunca se sente motivado; porém, 8% o que corresponde a dois dos 25 alunos inquiridos afirma sentir-se sempre motivado para o ato da leitura. Através destes dados, apercebemo-nos de que ainda existe muito trabalho a fazer no que diz respeito à motivação para leitura, para que se obtenham bons resultados neste âmbito.

Enquanto a motivação extrínseca é influenciada pelo ambiente exterior, resultando da influência dos fatores motivacionais característicos do sujeito e da tarefa em questão, o contrário acontece com a motivação intrínseca. A motivação intrínseca deriva principalmente do sujeito em si, e das suas disposições e interesses (Ribeiro, 2011).

Para além deste questionário, no decorrer da Prática de Ensino Supervisionada foram elaboradas diversas planificações para a disciplina de Português, nas quais em algumas delas estavam presentes atividades que motivassem para a leitura. Estas atividades foram planeadas de acordo com a tipologia textual abordada.

No que concerne ao texto poético e de forma a motivar os alunos para esta tipologia textual, foi apresentado o hino da escola à qual esta turma pertence, primeiramente por áudio,

e de seguida o instrumental, para que todos em conjunto o cantassem. Esta atividade despertou o interesse e a motivação dos alunos em relação a este texto poético em concreto, bem como a todas as atividades realizadas no decorrer da abordagem desta tipologia textual.

No que diz respeito ao texto narrativo, algumas das obras e textos abordados foram selecionados de acordo com as preferências dos alunos, de modo a motivá-los, para a sua leitura. Como por exemplo, ao abordar o texto “História de Família”, que pertence ao livro Pedro Alecrim de António Mota, foram apresentados os diversos livros deste autor, ao qual os alunos reagiram com muito entusiasmo e com esta apresentação eles descobriram que o autor tem um livro intitulado “Os heróis do 6.º F”, e sendo eles do 6.º F a sua curiosidade em saber mais foi bem explícita e ficando com muita curiosidade em conhecer esta obra. Após uma semana uma grande parte da turma já requisitara o livro e começara a ler. Assim, é possível afirmar que o conhecimento do público-alvo contribuiu positivamente para a motivação para a leitura.

Por fim, foi abordado o texto dramático, sendo o livro selecionado os “Piratas” de Manuel António Pina, sendo desenvolvida uma cena por uma aula de 100 minutos, ou por uma de 100 e uma de 50 minutos. Após a finalização de cada cena era reservada a parte final da aula para os alunos a dramatizarem, sendo que por vezes foi necessário repetir diversas vezes, pois todos os alunos tinham interesse de participar tornando a abordagem desta tipologia textual muito gratificante.

4. Conclusões do Estudo

As conclusões deste estudo dizem respeito à aplicação do questionário aos alunos do 2.º Ciclo do Ensino Básico, mais concretamente do 6.º ano de escolaridade, uma vez que estes estavam inseridos na nossa Prática de Ensino Supervisionada no 2.º CEB.

Apesar da leitura de livros ser uma atividade utilizada apenas por uma pequena percentagem dos alunos, é perceptível que os alunos quando questionados sobre as suas preferências de leitura, entre os diversos documentos, jornais, revistas e livros, é notável que a sua escolha recai em maior número nos livros.

No que concerne às atividades realizadas nos tempos livres pelos alunos em questão, ler é uma opção selecionada por uma pequena parte dos mesmos, o que reflete a fraca motivação dos jovens pela leitura, sendo assim necessário utilizar diversas estratégias para contrariar esta tendência.

Relativamente à frequência de leitura de livros durante o período escolar, a maior parte dos alunos lê entre 1 e 3 livros, o que na nossa opinião é um número reduzido para o que era expectável. Porém, também podemos analisar estes dados positivamente como sendo um começo e esperar que seja uma tendência a crescer e que os alunos leiam livros por sua livre e espontânea vontade, por gosto e não porque são “obrigados”, para as suas apresentações orais. Um dado que confirma que esta pode ser uma tendência crescente é o facto de que quatro alunos referiram que leem mais de dez livros durante todo o período escolar. Neste sentido, é pertinente continuar a motivar as crianças e os jovens para a leitura.

Relativamente ao tempo dedicado à leitura a situação repete-se, os alunos dedicam uma pequeníssima parte do seu tempo a ler. Mais de metade dos alunos inquiridos dedicam entre 0 e 30 minutos por semana à leitura, o que se pode considerar como um tempo muito diminuto ao que era esperado.

Ao fazer referência à leitura é pertinente fazer alusão aos seus benefícios, entre os quais, o desenvolvimento da imaginação e criatividade e ainda a contribuição no aumento do vocabulário e no repertório de palavras, o que se reflete na escrita. A leitura beneficia a interpretação dos textos por parte dos alunos, uma vez que colabora no desenvolvimento de ideias. Neste sentido o aluno torna-se um cidadão mais ativo, crítico e afirma o seu lugar na sociedade, pois compreende diversas realidades e caminhos, tomando mais consciência do mundo que o rodeia. É então possível afirmar que a leitura provoca mudanças em quem lê (Lelis, 2015).

Apenas um dos vinte e cinco inquiridos refere que dedica à leitura 1 a 3 horas a ler por semana. É-nos nos então possível afirmar que das 168 horas semanais existentes e a maioria dos alunos a dedicarem apenas 0 a 30 minutos, existem dias em que os mesmos nem sequer leem. A leitura pode ser definida como um procedimento íntimo e silencioso, possibilitando uma construção individual de cada pessoa. Esta pode ser interpretada como um exercício fundamental para a obtenção de um conhecimento amplo dos seres humanos que nos rodeiam (Lacerda, 2013).

Apesar dos dados anteriores, no qual nos é possível observar a falta de interesse pela leitura por parte dos inquiridos, os alunos quando questionados sobre o gosto por ler, mais de metade dos alunos afirmam ter gosto pela leitura referindo que existem livros muito interessantes ao mesmo tempo que enumeram os benefícios que a leitura lhes proporciona. Em contrapartida existe um elevado número de alunos que não demonstra qualquer interesse pelo ato de ler, apresentando argumentos que confirmam esse mesmo desinteresse. Para que este padrão seja modificado, a leitura deve ser incentivada, não apenas no contexto escolar, mas também no seio familiar, pois é nesse contexto onde estão representados os principais modelos a seguir ao longo da vida e que transmitem todos os princípios e comportamentos de cada um de nós. Assim e tal como alude Moreira (2014), é neste meio que se propicia a construção da personalidade de cada indivíduo, tais como as suas vontades e motivações, sendo assim importante dar lugar à leitura para que esta tenha um lugar na vida de cada um.

No que concerne à leitura de um livro pela última vez, aquando da realização deste questionário, uma grande parte dos alunos leu um livro na semana anterior, porém, visto que a maioria dedica pouco do seu tempo livre à leitura, a leitura de um livro completo pode prolongar-se durante algum tempo.

Algo que os docentes devem

ter mente ao trabalharem a motivação é o conhecimento do seu público-alvo, de modo a conhecerem as preferências dos seus alunos. Neste caso em concreto, os alunos inquiridos demonstram o seu interesse no género literário de aventura, porém, é importante não utilizar apenas o género escolhido pela maioria dos alunos, dado que é igualmente importante dar atenção aos restantes géneros literários.

Referente às preferências de suporte utilizado para a leitura, os gostos dos alunos dividem-se entre o suporte papel e o suporte digital, sendo que a maior parte dos alunos dá preferência ao suporte papel, salientando os benefícios da leitura neste suporte, tais como a facilidade de

acesso e de leitura. No entanto cada vez mais existem pessoas a preferirem o suporte digital, pois é mais barato e devido aos avanços da tecnologia.

Quanto aos intervenientes responsáveis pelo interesse pela leitura, os inquiridos apontam como maiores responsáveis a sua família e logo de seguida os seus professores, demonstrando mais uma vez a importância destes dois intervenientes.

No que toca à quantidade de livros que os alunos possuem em casa a resposta foi muito positiva e algo surpreendente por parte dos inquiridos, visto que afirmam possuir mais de vinte e três livros em casa o que resulta de forma benéfica no desempenho dos alunos.

Relativamente às razões que levam os alunos a escolherem os livros a maioria diz escolher o seu material de leitura através do conteúdo, seguindo-se o título e por fim a capa. Estes dados levam-nos a afirmar que os inquiridos demonstram interesse pelas histórias dos livros que escolhem, não se contentando apenas com a observação da capa.

Por fim e no que diz respeito à motivação intrínseca pela leitura sendo esse o cerne do nosso trabalho de investigação, apenas oito alunos apresentam respostas de carácter mais positivo, pois referem que se sentem “sempre” e “quase sempre” motivados para a leitura. Porém, mais de metade dos alunos refere que essa mesma motivação surge apenas “algumas vezes”, o que demonstra que os alunos poderão estar a trabalhar neste campo da motivação juntamente com a sua família e professores, sendo importante salientar que ainda existe muito trabalho a realizar neste campo.

Como já foi possível observar anteriormente, a leitura está diretamente ligada ao estímulo e à motivação e de modo a despertar estes sentidos é necessário que o docente sugira diversas atividades. Para o desenvolvimento destas atividades, o professor necessita de conhecer os seus alunos, dado que deve ter em conta os gostos literários de cada um e o gosto que estes detêm pelo ato de ler (Moreira, 2014).

Conclusão

Se tivéssemos de definir o presente Relatório Final de Estágio numa palavra, seria desafiante, devido ao seu carácter de exigência no que diz respeito ao trabalho de investigação, mas ao mesmo tempo tornou-se recompensador através da participação dos alunos do 2.º Ciclo com todo o seu entusiasmo. Este trabalho é considerado também como um passaporte de acesso ao nosso futuro enquanto docentes, sendo este a nossa última paragem nesta caminhada académica.

Este documento é englobado por duas partes, sendo que a primeira diz respeito a uma apreciação crítica sobre as práticas em contexto referente à nossa passagem pela Prática de Ensino Supervisionada no 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico. Toda esta apreciação foi sustentada no documento “Padrões de Desempenho Docente”. Todas as atividades didáticas realizadas em contexto de estágio estão expostas ao longo deste relatório.

A Prática de Ensino Supervisionada foi o nosso grande contacto com a vida docente, o que se tornou numa experiência extremamente enriquecedora, desafiante e acima de tudo gratificante, não esquecendo de todos os intervenientes presentes nesta experiência de ensino, os nossos professores cooperantes, os nossos professores supervisores e ainda as turmas que nos proporcionaram diversos desafios e que nos mostram o que realmente é ser professor.

A PES foi um grande auxílio no que concerne à escolha do tema deste trabalho de investigação, pois deu-nos a perceção das problemáticas em voga e que precisam da nossa atenção no mundo da educação, surgindo assim o tema “A motivação para a leitura”, sendo que só de seguida surgiu o contexto do 2.º CEB, pois foi o contexto que tivemos mais oportunidade de contactar.

Evidenciando o tema da nossa investigação a leitura e uma vez que as novas tecnologias estão cada vez mais presentes nas vidas dos jovens, um dos segredos para motivar os mesmos para a criação de hábitos de leitura é aliar os diversos aparelhos eletrónicos à própria leitura.

Um dos pontos cruciais para fomentar o interesse pela leitura é o contexto familiar, se as crianças desde tenra idade observarem os pais ou os seus cuidadores a ler, ou seja, como modelos a seguir, a tarefa de criar hábitos de leitura será muito mais facilitada, uma vez que as ações dos pais são replicadas nos filhos.

Uma vez que se faz referência ao contexto familiar é importante referir que um aluno englobado num contexto socioeconómico desfavorável, de acordo com o Relatório PISA (2018), tem três vezes mais probabilidade de atingir uma pontuação inferior ao nível 2 no que

diz respeito à proficiência de leitura do que um aluno com estatuto económico superior, sendo este aspeto mais elevado em Portugal do que nos restantes países englobados na OCDE.

De modo a alcançar dados concretos para este estudo foi elaborado um questionário, aplicado a uma turma do 2.º CEB, mais concretamente ao 6.º ano de escolaridade. Após obtermos os resultados provenientes deste inquérito e realizarmos a sua análise concluímos o seguinte:

- Apesar da leitura de livros ser uma atividade utilizada apenas por uma pequena percentagem dos alunos, estes preferem dar preferência aos livros do que aos jornais e revistas.

- No que concerne às atividades realizadas nos tempos livres pelos alunos, ler é uma opção selecionada por uma pequena percentagem.

- Os alunos dedicam uma pequeníssima parte do seu tempo a ler

- Das 168 horas semanais existentes e a maioria dos alunos dedicam apenas 0 a 30 minutos, existindo dias em que os mesmos nem não leem.

- Apesar dos dados anteriores, no qual nos é possível observar a falta de interesse pela leitura por parte dos inquiridos, os alunos quando questionados sobre o gosto por ler, mais de metade dos alunos afirma ter gosto pela leitura referindo que existem livros muito interessantes ao mesmo tempo que enumeram os benefícios que a leitura.

- Em contrapartida existe um elevado número de alunos que não demonstra qualquer interesse pelo ato de ler, apresentando argumentos que confirmam esse mesmo desinteresse.

- As respostas dos alunos dividem-se entre o suporte digital e o suporte papel, no que diz respeito às suas preferências de leitura, sendo que o suporte papel obtém uma maior percentagem.

- Quanto aos intervenientes responsáveis pelo interesse pela leitura, os inquiridos apontam como maiores responsáveis a sua família e os seus professores.

- Por fim e no que concerne à motivação pela leitura apenas obtivemos oito respostas de carácter mais positivo nas quais os alunos referem que sentem vontade de ler “sempre” e “quase sempre”.

Neste sentido consideramos pertinente referir que este inquérito foi aplicado a um pequeno grupo de alunos de uma escola pertencente ao concelho de Viseu, porém possibilitou-nos uma visão clara da perspetiva dos alunos deste ciclo de ensino sobre a leitura e o caminho que ainda há a percorrer para que esta situação seja invertida.

Em suma, é importante fazer alusão e agradecer a todos os intervenientes e a todos que permitiram que este estudo fosse realizado com sucesso e que acreditamos ter atingido todos os objetivos propostos inicialmente.

Referências Bibliográficas

- Alarcão, I. (2001). *Escola reflexiva e nova racionalidade*. Porto: Artmed Editora.
- Alves, M. (2011). *Preferências de Leitura e Motivação no 1.º Ciclo do Ensino Básico: A Perspectiva dos Alunos e dos Professores*. Instituto Politécnico de Viana do Castelo.
- Amaral, G. (2009). *A construção do conhecimento na sociedade da informação e a biblioteca escolar. Interdisciplinar*. 8(4),163-175.
- Araújo, L. (2007). *A compreensão na leitura: investigação, avaliação e boas práticas*. In F. Azevedo (Org.), *Formar leitores. Das teorias às práticas*. Lisboa: Lidel.
- Arends, R. (2008). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal.
- Armbruster, B., Lehr, F. & Osborn, J. (2001). *Put reading first: The research building blocks for teaching children to read*. Jessup, MD: National Institute for Literacy.
- Barros, A. (2019). *O uso das tecnologias na educação como ferramentas de aprendizado*. Brasil: Fortaleza.
- Bártolo, V. (2004). *Aprendizagem, Ensino e Dificuldades de Leitura*. Coimbra: Quarteto Editora. 1.ª Edição.
- Bártolo, V. (2004). *Aprendizagem, ensino e dificuldades de leitura*. Coimbra: Quarteto Editora. 1.ª Edição.
- Becker, D. (2017). *O que é adolescência?* Brasil: Brasiliense.
- Borrás, L. (2001). *Recursos e técnicas para a formação do século XXI*. Setúbal: Marina Editores.
- Bzuneck, J. A. (2010). *Como Motivar os Alunos: Sugestões Práticas* (pp.13-37). Petrópolis: Editora Vozes.
- Cadório, L. (2001). *O gosto pela leitura*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Caldas, A. (2002). *O desafio do jornal é preservar seus valores*. São Paulo: Loyola. 2ª Edição.

- Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação - Guia para Autoaprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Castanho, G. (2002). *(Re)pensar o Ensino do Português*. Lisboa: Edições Salamandra.
- Costa, A. (2012). *Aprendizagem da leitura- Análise de manuais do 1.º ano de escolaridade*. (Dissertação de Mestrado). Coimbra: Instituto Superior de Educação e Ciências.
- Cruz, V. (2020). *Do aprender a ler ao ler para aprender*. Lisboa: Lidel- Edições Técnicas, LDA.
- Despacho nº 16034/2010, de 22 de outubro. Padrões de Desempenho Docente.
- Ferreira, E. (2015). *Motivar para a Leitura: Estratégias de Intervenção Pedagógica na*
- Ferreira, J. (2016). *Incentivar para a Leitura- Estratégias de Promoção do Gosto pela Leitura Utilizadas pela Família e Professores de Alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico* (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Educação e Ciências: Escola de Educação e Desenvolvimento Humano.
- Figueiredo, A. (2009). *Estratégias e Modelos para a Educação Online. Ensino Online e Aprendizagem Multimédia*. Lisboa: Relógio d'Água, (pp. 33-55).
- Fortin, M. (2003). *O Processo de Investigação: Da conceção à Realização*. Lisboa: Lusodidacta Editora. 3.ª edição.
- Gaspar, M. (2014). *A dramatização na sala de aula como recurso para desenvolver a expressão e interação orais*. (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1993). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Lisboa: Celta Editora.
- Gouveia, J. (2009). *Hábitos de leitura em crianças e adolescentes: Um estudo de caso em alunos do segundo e terceiro ciclos do Ensino Básico*. (Dissertação de Mestrado). Porto: Universidade Portucalense.
- Johnson, A. (2015). *10 Essential instructional elements for students with reading difficulties: A brain-friendly approach*. Thousand Oaks.
- Konza, D. (2014). *Teaching reading: Why the "Fab Five" should be the "Big Six"*. Australian Journal of Teacher Education, 39 (12), 153-169.

- Lacerda, N. (2013). *Casa da leitura: presença de uma ação*. Brasília: Ministério da Cultura. 2.^a edição.
- Lelis, C. (2015). *Incentivo à Leitura: Criando espaços para manifestações literárias*. (Dissertação de Mestrado). Minas Gerais: Vespasiano.
- Lourenço, A. (2014). *O Livro: Espaço Comum entre o Papel e o Digital*. (Dissertação de Mestrado). Departamento de Sociologia: Instituto Universitário de Lisboa.
- Magalhães, A. (2014). *A aprendizagem cooperativa enquanto estratégia para promoção da atenção dos alunos - O caso de uma turma do 10º ano na disciplina de Economia A*. (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Maia, C. (2020). *Os espaços interior e exterior: um estudo de caso em contexto pré-escolar*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Politécnico de Coimbra: Escola Superior de Educação.
- Martins, G. (2017). *O perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Martins, M. & Niza, I. (1998). *Psicologia da Aprendizagem da Linguagem Escrita*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Mata, L. & Monteiro, V. (2005). *O desenvolvimento da motivação para a leitura em crianças portuguesas*. Braga: Universidade do Minho.
- National Reading Panel. (2000). *Teaching children to read: An evidence-based assessment of the scientific research literature on reading and its implications for reading instruction*. U.S. Department of Health and Human Services.
- Neves, M. (2014). *Organização do espaço educativo: "quebrar" a rotina*. (Dissertação de Mestrado). Vila Nova de Gaia: Instituto Piaget.
- Oliveira-Formosinho, J., Formosinho, J., Lino, D. & Niza, S. (2013). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância-Construindo uma práxis de participação*. Porto: Porto Editora.
- Pardal, L., & Lopes, E. (2011). *Métodos e técnicas de investigação social*. Aveiro: Areal Editores.
- Pereira, P. & Neto, C. (1997). *A infância e as práticas lúdicas: Estudo das actividades de tempos livres nas crianças dos 3 aos 10 anos*. Braga: Universidade do Minho.

Pinto, L. & Tavares, M. (2010). O lúdico na aprendizagem: Aprender e Aprender. *Revista da Católica*, 2(3), 226-235.

PNL. Plano Nacional de Leitura, 2022. Disponível em: <http://www.pnl2027.gov.pt/np4/home>

Pombo, O. (2004). *Interdisciplinaridade: ambições e limites*. Lisboa: Relógio d'Água.

Preti, O. (1996). Educação à distância: uma prática educativa mediadora e mediatizada. *Educação a distância: início e indícios de um percurso*. Cuiabá.

Quivy, R., & Campenhoudt, L.V. (1992). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva Editora.

Santos, E. (2000). *Hábitos de Leitura em Crianças e Adolescentes. Um estudo em Escolas Secundárias*. Coimbra: Quarteto Editora.

Santos, J. (1993). *Se não sabe porque é que pergunta?* Lisboa: Assírio e Alvim.

Shanahan, T. (2005). *The National Reading Panel report: Practical advice for teachers*. Naperville, IL: Learning Point Associates.

Silva, E., Bastos, G., Duarte, R. & Veloso, R. (2011). *Guião de Implementação do Programa de Português do Ensino Básico – leitura*. Lisboa: Ministério da Educação.

Sim-Sim, I. & Ramalho, G. (1993). *Como lêem as nossas crianças? – Caracterização do nível de literacia da população escolar portuguesa*. Lisboa: Ministério da Educação.

Sim-Sim, I. (2009). *O Ensino da Leitura: A Decifração*. Lisboa: Ministério da Educação – Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Sousa, O. & Pereira, T. (2021). *Compreensão na Leitura: Investigação e Ensino*. (pp.361-377) Brasília: Ministério da Educação.

Viana, F. et al., (2010). *O Ensino da Compreensão Leitora. Da Teoria à Prática Pedagógica- Um Programa de Intervenção para o 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Coimbra: Edições Almedina.

Viana, F. L. (2006). *Do Aprender a Ler ao Gostar de Ler- Um Caminho a Descobrir*. Braga: Universidade do Minho.

Yin, R. (1989). *Pesquisa do Estudo de Caso: Design e Métodos*. Beverly Hills: Sage

ANEXOS

Anexo 1. Grelha de presenças

Modelo de Ficha de Presenças para o 1.º Ciclo do Ensino Básico

Nome do Aluno: _____

Nome do Professor: _____

Local de Presença: _____

Assinatura do Professor: _____

| N.º | Nome | Presença | Assinatura |
|-----|--------------------|----------|--------------|
| 1 | José Silva | Presente | [Assinatura] |
| 2 | Maria Costa | Presente | [Assinatura] |
| 3 | João Pereira | Presente | [Assinatura] |
| 4 | Ana Mendes | Presente | [Assinatura] |
| 5 | Diogo Santos | Presente | [Assinatura] |
| 6 | Isabel Gomes | Presente | [Assinatura] |
| 7 | Francisco Lopes | Presente | [Assinatura] |
| 8 | Patrícia Rodrigues | Presente | [Assinatura] |
| 9 | André Almeida | Presente | [Assinatura] |
| 10 | Luís Pereira | Presente | [Assinatura] |
| 11 | Cláudia Sousa | Presente | [Assinatura] |
| 12 | Roberto Costa | Presente | [Assinatura] |
| 13 | Carla Mendes | Presente | [Assinatura] |
| 14 | Paulo Gomes | Presente | [Assinatura] |
| 15 | Andreia Lopes | Presente | [Assinatura] |
| 16 | Artur Rodrigues | Presente | [Assinatura] |
| 17 | Patrícia Almeida | Presente | [Assinatura] |
| 18 | João Pereira | Presente | [Assinatura] |
| 19 | Isabel Gomes | Presente | [Assinatura] |
| 20 | Francisco Lopes | Presente | [Assinatura] |
| 21 | Patrícia Rodrigues | Presente | [Assinatura] |
| 22 | André Almeida | Presente | [Assinatura] |
| 23 | Luís Pereira | Presente | [Assinatura] |
| 24 | Cláudia Sousa | Presente | [Assinatura] |
| 25 | Roberto Costa | Presente | [Assinatura] |
| 26 | Carla Mendes | Presente | [Assinatura] |
| 27 | Paulo Gomes | Presente | [Assinatura] |
| 28 | Andreia Lopes | Presente | [Assinatura] |
| 29 | Artur Rodrigues | Presente | [Assinatura] |
| 30 | Patrícia Almeida | Presente | [Assinatura] |

Modelo de Ficha de Presenças para o 1.º Ciclo do Ensino Básico

Nome do Aluno: _____

Nome do Professor: _____

Local de Presença: _____

Assinatura do Professor: _____

| N.º | Nome | Presença | Assinatura |
|-----|--------------------|----------|--------------|
| 1 | José Silva | Presente | [Assinatura] |
| 2 | Maria Costa | Presente | [Assinatura] |
| 3 | João Pereira | Presente | [Assinatura] |
| 4 | Ana Mendes | Presente | [Assinatura] |
| 5 | Diogo Santos | Presente | [Assinatura] |
| 6 | Isabel Gomes | Presente | [Assinatura] |
| 7 | Francisco Lopes | Presente | [Assinatura] |
| 8 | Patrícia Rodrigues | Presente | [Assinatura] |
| 9 | André Almeida | Presente | [Assinatura] |
| 10 | Luís Pereira | Presente | [Assinatura] |
| 11 | Cláudia Sousa | Presente | [Assinatura] |
| 12 | Roberto Costa | Presente | [Assinatura] |
| 13 | Carla Mendes | Presente | [Assinatura] |
| 14 | Paulo Gomes | Presente | [Assinatura] |
| 15 | Andreia Lopes | Presente | [Assinatura] |
| 16 | Artur Rodrigues | Presente | [Assinatura] |
| 17 | Patrícia Almeida | Presente | [Assinatura] |
| 18 | João Pereira | Presente | [Assinatura] |
| 19 | Isabel Gomes | Presente | [Assinatura] |
| 20 | Francisco Lopes | Presente | [Assinatura] |
| 21 | Patrícia Rodrigues | Presente | [Assinatura] |
| 22 | André Almeida | Presente | [Assinatura] |
| 23 | Luís Pereira | Presente | [Assinatura] |
| 24 | Cláudia Sousa | Presente | [Assinatura] |
| 25 | Roberto Costa | Presente | [Assinatura] |
| 26 | Carla Mendes | Presente | [Assinatura] |
| 27 | Paulo Gomes | Presente | [Assinatura] |
| 28 | Andreia Lopes | Presente | [Assinatura] |
| 29 | Artur Rodrigues | Presente | [Assinatura] |
| 30 | Patrícia Almeida | Presente | [Assinatura] |

Anexo 2. Exemplo de um plano de aula demonstrando a utilização das Aprendizagens Essenciais

Instituto Politécnico de Viseu / ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE VISEU
Mestrado em Ensino do 1.º CEB e Ensino de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º CEB

Agrupamento de Escolas Grão Vasco
Escola Básica da Ribeira
Orientadora Cooperante: Clara Martins Duarte Benfeito da Costa
3.º ano de escolaridade

Prática de Ensino Supervisionada II
2020/2021

Plano de Aula n.º 16

Data 07/06/2021

| Áreas Disciplinares: Conteúdos | Objetivos | Atividades de Ensino-Aprendizagem | Avaliação | Recursos/ Materiais | Tempo |
|------------------------------------|---|---|--|-------------------------------|-------|
| Português - Oralidade e Escrita | - Interpretar o essencial de uma história. ¹ | - Diálogo professora estagiária/aluno/alunos sobre as vivências do fim de semana. - Estabelecimento de previsões, com o auxílio de um tubarão de papel, do título da obra "O tubarão na banheira" de David Machado, com registo das principais ideias no caderno (Anexo 1) | - Observação da capacidade de interpretar uma história. ² | - Quadro. | 8:40 |
| | | | | - Excerto da obra "O tubarão" | 9:10 |

| Intervalo | | | | | |
|--|---|--|---|------------------------------------|-------|
| Matemática - Massa - Quilograma - Grama | - Medir massas, utilizando e relacionando as unidades de medida do SI e fazer estimativas de medidas, em contextos diversos. ³ | - Apresentação das principais ideias relacionadas com a temática "Unidades de medida de capacidade" com auxílio do tubarão de papel apresentado anteriormente, referindo o seu peso – Revisão. - Resolução de exercícios práticos no quadro acerca dos submúltiplos do quilograma. - Visualização de diapositivos sobre os múltiplos do quilograma (PowerPoint) (Anexo 6). | - Aferição, da capacidade de exprimir, oralmente e por escrito, ideias matemáticas, e explicar raciocínios, procedimentos e conclusões, recorrendo ao vocabulário e | - Quadro. | 10:55 |
| | | | | - Balança. - Balança construída | 11:05 |

| | | | | | |
|--|---|---|--|--|-------|
| Educação Artística - Experimentação e criação | - Manifestar capacidades expressivas e criativas nas suas produções plásticas, evidenciando os conhecimentos adquiridos. ⁶ | - Resolução do exercício "Qual o teu meio aquático favorito?" (Anexo 11). - Entrega de um molde para a elaboração de um peixe (Anexo 12). - Pintura e recorte do molde. - Dobragem do papel colorido disponibilizado pela professora estagiária. - Colagem do molde e dos paus de espetada no papel colorido. - Finalização do peixe (Anexo 13). | - Análise, da capacidade de manifestar formas expressivas e criativas nas suas produções plásticas, evidenciando os conhecimentos adquiridos. ⁸ | | 14:10 |
| | | | | - Molde peixe. | 14:30 |
| | | | | - Papel colorido. - Paus de espetada. | 15:00 |
| | | | | | 15:15 |

Instituto Politécnico de Viseu / ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE VISEU
Mestrado em Ensino do 1.º CEB e Ensino de Português e História e Geografia
de Portugal no 2.º CEB

Agrupamento de Escolas Grão Vasco
Escola Básica da Ribeira
Orientadora Cooperante: Clara Martins Duarte Benfeito da Costa
3.º ano de escolaridade

Prática de Ensino Supervisionada no 1º CEB II
2020/2021

Plano de Aula n.º 7

Data 26/04/2021

| Áreas Disciplinares: Conteúdos | Objetivos | Atividades de Ensino-Aprendizagem | Avaliação | Recursos/ Materiais | Tempo |
|--|---|--|---|--|--|
| Português - Oralidade, escrita e educação literária. | - Interpretar o essencial de uma história. ¹ | - Diálogo professora estagiária/aluno/alunos sobre as vivências do fim de semana. - Estabelecimento de previsões, acerca do título da obra “A liberdade o que é?” de José Jorge Letria, com registo das principais ideias no caderno, por parte dos alunos. - Leitura da obra “A liberdade o que é?”, por parte da professora estagiária (Anexo 1). - Leitura da obra, por parte dos alunos, de forma voluntária. - Explicação, por parte da professora estagiária, das principais ideias associadas à revolução do 25 de abril, tendo como suporte diapositivos (<i>PowerPoint</i>) (Anexo 2). | -Observação da capacidade de interpretar uma história. ⁴ | - História impressa. - Computador. | 8:40 9:10 9:25 9:30 9:40 |

¹ Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 3.º ano – 1.º ciclo do Ensino Básico – *Português*. Lisboa: Direção Geral da Educação. Obtido de: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/portugues_1c_3a_ff.pdf

⁴ Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 3.º ano – 1.º ciclo do Ensino Básico – *Português*. Lisboa: Direção Geral da Educação. Obtido de: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/portugues_1c_3a_ff.pdf

| | | | | | |
|--|--|--|--|---|----------------------------|
| | -Reconstituir o texto a partir de pistas. ² - Interpretar a informação obtida através do vídeo apresentado. ³ | -Redação de um pequeno texto, por parte dos alunos, onde apresentem, o que para eles é a liberdade (Anexo 3). - Observação de clipes do filme "Capitães de Abril" de Maria de Medeiros (Anexo 4). | - Aferição, com recurso à visão, da consciencialização da existência de diferentes modos de organizar um texto, tendo como finalidade narrar. ⁵ - Aferição, com recurso à visão e à audição, da capacidade de transformar a informação em conhecimento. ⁶ | - Ficha de trabalho impressa. - Computador. - Projetor. | 9:55 10:10 10:25 |
| | | Intervalo | | | |
| Matemática - Medida - Conversão de unidades de medida de comprimento | - Fazer inferências, esclarecer dúvidas, identificar diferentes intencionalidades comunicativas. ⁷ - Utilizar unidades de medida convencionais do SI | - Entrega de uma tabela, a cada aluno, para a realização de um debate, acerca da Revolução do 25 de abril (Anexo 5). - Debate oral e escrito, acerca dos prós e contras, da Revolução dos Cravos, tendo como base a tabela fornecida pela professora estagiária. - Apresentação de diapositivos, sobre a conversão de unidades de medida de comprimento, para a introdução | -Observação, da capacidade de usar a palavra como propriedade para expor conhecimentos. ⁹ - Aferição, da capacidade de exprimir, oralmente e por escrito, ideias | - Tabela impressa. - Computador. - Projetor. | 10:55 11:00 11:20 |

² Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 3.º ano – 1.º ciclo do Ensino Básico – *Português*. Lisboa: Direção Geral da Educação. Obtido de: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/portugues_1c_3a_ff.pdf

³ Martins, G. (2017). O perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.

⁵ Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 3.º ano – 1.º ciclo do Ensino Básico – *Português*. Lisboa: Direção Geral da Educação. Obtido de: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/portugues_1c_3a_ff.pdf

⁶ Martins, G. (2017). O perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.

⁷ Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 3.º ano – 1.º ciclo do Ensino Básico – *Português*. Lisboa: Direção Geral da Educação. Obtido de: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/portugues_1c_3a_ff.pdf

⁹ Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 3.º ano – 1.º ciclo do Ensino Básico – *Português*. Lisboa: Direção Geral da Educação. Obtido de: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/portugues_1c_3a_ff.pdf

Anexo 4- Exemplo de um plano de aula demonstrando a utilização das experiências individuais dos alunos na abordagem dos conteúdos

Plano de Aula n.º 13

Data 24/05/2021

| Áreas Disciplinares: Conteúdos | Objetivos | Atividades de Ensino-Aprendizagem | Avaliação | Recursos/ Materiais | Tempo |
|------------------------------------|---|--|--|--|--|
| Português - Oralidade e Escrita | - Interpretar o essencial de uma história. ¹ | - Diálogo professora estagiária/aluno/alunos sobre o fim de semana. - Atribuição do título do livro, através da observação da capa do mesmo (Anexo 1). - Estabelecimento de previsões, acerca do título da obra "O senhor do seu nariz" de Álvaro Magalhães, com registo das principais ideias no caderno. - Leitura da obra, por parte da professora estagiária. - Debate oral sobre a moral da história. - Organização dos momentos fundamentais da história, através de cartolinas fornecidas pela estagiária (Anexo 2). - Reconto da história, através de ilustrações (Anexo 3). - Apresentação do reconto da história aos colegas. | - Observação da capacidade de interpretar uma história. ² | - Livro "O senhor do seu nariz". - Quadro. - Cartolinas. | 8:40 9:10 9:20 9:30 9:45 9:55 10:15 10:25 |

¹ Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 3.º ano – 1.º ciclo do Ensino Básico – *Português*. Lisboa: Direção Geral da Educação. Obtido de: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/portugues_1c_3a_ff.pdf

² Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 3.º ano – 1.º ciclo do Ensino Básico – *Português*. Lisboa: Direção Geral da Educação. Obtido de: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/portugues_1c_3a_ff.pdf

| | | | | | |
|---|---|--|---|--|----------------|
| | e instrumentos de medida, em contextos diversos. ⁸ | desta temática, tendo como base o 25 de abril (<i>PowerPoint</i>) (Anexo 6). - Resolução de um jogo de correspondência, acerca dos conteúdos abordados (por exemplo, 1 metro corresponde a 10 decímetros, 100 centímetros, 1000 milímetros) por parte dos alunos (Anexo 7). | matemáticas, e explicar raciocínios, procedimentos e conclusões, recorrendo ao vocabulário e linguagem próprios da matemática. ¹⁰ | - Jogo de correspondência. | 11:40 11:55 |
| Almoço | | | | | |
| | - Expressar, oralmente e por escrito, ideias matemáticas, e explicar raciocínios, procedimentos e conclusões, recorrendo ao vocabulário e linguagem próprios da matemática. ¹¹ | - Resolução de exercícios práticos, acerca da conversão das unidades de medida de comprimento, por parte dos alunos, no quadro. - Correção dos exercícios propostos. | - Observação, da capacidade de utilizar unidades de medida convencionais do SI e instrumentos de medida, em contextos diversos. ¹³ | - Quadro. - Giz. | 13:30 13:50 |
| Expressão e Educação Plástica - Experimentação e criação | - Manifestar capacidades expressivas e criativas nas suas produções | - Entrega dos materiais necessários para a elaboração de um cravo, referente ao dia 25 de abril, por parte da professora estagiária (Anexo 8). | - Análise, da capacidade de manifestar formas expressivas e criativas nas suas produções plásticas, evidenciando os | - Papel crepe. - Pau de espetada. | 14:05 |

⁸ Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 3.º ano – 1.º ciclo do Ensino Básico – *Matemática*. Lisboa: Direção-Geral da Educação. Obtido de: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/matematica_1c_3a_ff_18de_julho_rev.pdf

¹⁰ Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 3.º ano – 1.º ciclo do Ensino Básico – *Matemática*. Lisboa: Direção-Geral da Educação. Obtido de: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/matematica_1c_3a_ff_18de_julho_rev.pdf

¹¹ Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 3.º ano – 1.º ciclo do Ensino Básico – *Matemática*. Lisboa: Direção-Geral da Educação. Obtido de: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/matematica_1c_3a_ff_18de_julho_rev.pdf

¹³ Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 3.º ano – 1.º ciclo do Ensino Básico – *Matemática*. Lisboa: Direção-Geral da Educação. Obtido de: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/matematica_1c_3a_ff_18de_julho_rev.pdf

| | | | | | |
|--|--|---|---|--|-------------------------|
| | plásticas, evidenciando os conhecimentos adquiridos. ¹² | - Breve explicação oral, por parte da professora estagiária, dos procedimentos para a construção do cravo. - Elaboração de um cravo, alusivo à Revolução dos Cravos (Anexo 9). | conhecimentos adquiridos. ¹⁴ | | 14:10 14:20 15:15 |
|--|--|---|---|--|-------------------------|

| | | Intervalo | | | |
|---|---|--|--|---|-------|
| Matemática -Geometria e medida -Perímetro dos polígonos | -Utilizar unidades de medida convencionais do SI e instrumentos de medida, em contextos diversos. ³ | - Visualização de um vídeo, acerca do perímetro dos polígonos - Revisão (Anexo 4). -Apresentação de diapositivos acerca do perímetro dos polígonos -Revisão (PowerPoint) (Anexo 5). - Organização da turma em grupos de quatro, para a realização de um jogo de adivinhas “Adivinha qual é o polígono?” - Entrega de uma adivinha a cada grupo (Anexo 6). - Resolução do jogo “Adivinha qual é o polígono?” -Entrega de uma ficha de trabalho sobre a temática abordada (Anexo 7). -Resolução de uma ficha de trabalho. -Correção da ficha de trabalho. | - Análise da capacidade de medição de áreas, utilizando unidades de medida do SI. ⁴ | - Computador. -Projektor. - Adivinhas impressas. - Ficha de trabalho impressa. | 10:55 |
| | | | | | 11:00 |
| | | | | | 11:10 |
| | | | | | 11:30 |
| | | | | | 11:45 |
| Almoço | | | | | |
| Estudo do Meio - Natureza - Solo | - Agrupar amostras de solos de acordo com as suas propriedades (cor, textura, dureza, cheiro, permeabilidade) e | - Apresentação dos principais conceitos acerca do solo no quadro – Revisão. - Apresentação de diapositivos sobre o solo, os seus tipos e a sua utilização na agricultura- Revisão (PowerPoint) (Anexo 8). - Entrega de uma sopa de letras, acerca dos diversos tipos de solo (Anexo 9). -Resolução da sopa de letras “Caça aos solos”. | - Observação da capacidade de identificar, recolher e manipular diversos materiais do quotidiano. ⁶ | - Computador. - Projetor. - Sopa de letras impressa. | 13:30 |
| | | | | | 13:40 |
| | | | | | 13:55 |

³ Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 3.º ano – 1.º ciclo do Ensino Básico – *Matemática*. Lisboa: Direção-Geral da Educação. Obtido de: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/matematica_1c_3a_ff_18de_julho_rev.pdf

⁴ Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 3.º ano – 1.º ciclo do Ensino Básico – *Matemática*. Lisboa: Direção-Geral da Educação. Obtido de: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/matematica_1c_3a_ff_18de_julho_rev.pdf

⁶ Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 4.º ano – 1.º ciclo do Ensino Básico – *Estudo do Meio*. Lisboa: Direção Geral da Educação. Obtido de: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/4_estudo_do_meio.pdf

| | | | | | |
|--|---|---|--|---|-------|
| | exemplificar a sua aplicabilidade. ⁵ | - Organização da turma em grupos de quatro, para a realização de charadas. - Entrega de uma charada a cada grupo (Anexo 10). - Resolução de charadas “Qual será o solo?”. -Entrega de uma ficha de trabalho acerca dos conteúdos abordados (Anexo 11). - Resolução de uma ficha de trabalho. -Correção da ficha de trabalho. | | - Cartões de charadas. - Ficha de trabalho impressa. | 14:10 |
| | | | | | 14:30 |
| | | | | | 15:00 |
| | | | | | 15:15 |

Anexo 5 – Planificações fornecidas pela professora cooperante para a realização dos planos de aula

Segunda-feira- 7/5/2021

| Área / Disc. | Conteúdos | Tarefas | Horas |
|---------------------|----------------------------|--|---------------|
| Português | Oralidade e Escrita | Interpretação Oral e escrita do texto ' Fresquinho freguês' Manual- Página 164/165 | 8.40h-10.25h |
| Matemática | Equivalência entre medidas | Visualização de um vídeo. Resolução de uma ficha do manual. Manual Página 131 | 10.55h-11.55h |
| Matemática | | Correção da ficha de trabalho. | |
| Estado do Meio | Experiência | Todos os materiais deixam passar a luz? | 13.30h-14.15h |
| Oferta Complementar | Educação literária | Estudo da obra " " | 14.45h-15.15h |

Terça-feira- 8/5/2021

| Área / Disc. | Conteúdos | Tarefas | Horas |
|--------------------|----------------------------------|---|---------------|
| Matemática | Unidades de medida de capacidade | Registo no caderno. Exercícios no quadro e no caderno. | 8.40h-10.25h |
| Ação no Estudo | | Correção da ficha de trabalho. | 10.30h-11.25h |
| Português | Oralidade e escrita | Resolução de uma ficha do livro de fichas. Correção da mesma. | 10.55h-11.55h |
| | | | 13.30h-14.15h |
| Educação Artística | | | 14.30h-15.15h |

Quarta-feira- 09/5/2021

| Área / Disc. | Conteúdos | Tarefas | Horas |
|----------------|-----------------------------|---|---------------|
| Português | Consolidação | Exercício de ortografia. Correção. | 8.40h-10.25h |
| Matemática | Múltiplos e Submúltiplos | Exercícios de Aplicação. Resolução da ficha do Livro de fichas. | 10.55h-11.55h |
| Matemática | | Correção da ficha de trabalho. | 13.30h-14.15h |
| Estado do Meio | Sombra/reflexão e retracção | Registo no caderno. Manual | 14.15h-15.15h |

Quinta-feira-10/5/2021

| Área / Disc. | Conteúdos | Tarefas | Horas |
|--------------------|---------------------------|--|---------------|
| Matemática | Consolidação | Resolução de exercícios no quadro e no caderno. Resolução de uma ficha de trabalho. Livro de fichas. | 8.40h-10.25h |
| Matemática | | Correção no quadro | 10.55h-11.55h |
| Português | Gramática Discurso direto | Registo no caderno. Resolução de uma ficha do manual . | 13.30h-14.30h |
| Educação Artística | Música | | 14.30h-15.15h |

Anexo 6 – Exemplo de um plano de aula demonstrando a utilização do Plano Nacional de Leitura

| | | Intervalo | | | |
|---|--|--|---|------------------------------|-------|
| Estudo do Meio - Natureza - Astros | - Distinguir estrelas de planetas (sol -estrela; lua - planeta). ³ | -Introdução da temática “Os astros” através de imagens fornecidas pela professora estagiária (Anexo 5). -Visualização de um vídeo acerca dos astros (Anexo 6). -Apresentação de diapositivos sobre os astros e registo dos principais conceitos no caderno (<i>PowerPoint</i>) (Anexo 7). -Entrega de um esquema sobre a temática, pela professora estagiária (Anexo 8). -Resolução do esquema sobre a temática. -Colagem do esquema no caderno diário. -Realização de uma ficha de trabalho sobre a temática (Anexo 9). -Correção da ficha de trabalho, no quadro. | -Análise, da capacidade de consolidar e aprofundar as competências que já possuem, numa perspetiva de aprendizagem ao longo da vida. ⁴ | - Imagens impressas. | 10:55 |
| | | | | - Computador. - Projetor. | 11:05 |
| | | | | - Esquema. | 11:25 |
| | | | | - Ficha de trabalho. | 11:35 |
| | | | | | 11:50 |
| | | | | | 11:55 |
| | | Almoço | | | |
| Educação Artística -Experimentação e criação | -Manifestar capacidades expressivas e criativas nas suas produções plásticas, evidenciando os conhecimentos adquiridos. ⁵ | -Entrega de CDs para a elaboração de um sol, uma lua e uma estrela (Anexo 10). -Entrega de diversos moldes (sol, lua e estrela) (Anexo 11). -Pintura e recorte dos moldes fornecidos pela professora estagiária. - Colagem e decoração dos CDs. | -Análise, da capacidade de manifestar formas expressivas e criativas nas suas produções plásticas, evidenciando os conhecimentos adquiridos. ⁶ | - CDs. | 14:30 |
| | | | | -Moldes. | |
| | | | | - Olhos de plástico. | 15:00 |
| | | | | | 15:15 |
| Observações/reflexões: | | | | | |

³ Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 3.º ano - 1.º ciclo do Ensino Básico - *Estudo do Meio*. Lisboa: Direção-Geral da Educação. Obtido de: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/3_estudo_do_meio.pdf

⁴ Martins, G. (2017). O perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.

⁵ Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 1.º ciclo do Ensino Básico - *Educação Artística*. Lisboa: Direção-Geral da Educação. Obtido de: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/1c_artes_visuais.pdf

⁶ Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 1.º ciclo do Ensino Básico - *Educação Artística*. Lisboa: Direção-Geral da Educação. Obtido de: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/1c_artes_visuais.pdf

Mestrado em Ensino do 1.º CEB e Ensino de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º CEB

Prática de Ensino Supervisionada II
2020/2021

Escola Básica da Ribeira
Orientadora Cooperante: Clara Martins Duarte Benfeito da Costa
3.º ano de escolaridade

Plano de Aula n.º 17

Data 08/06/2021

| Áreas Disciplinares: Conteúdos | Objetivos | Atividades de Ensino-Aprendizagem | Avaliação | Recursos/ Materiais | Tempo |
|------------------------------------|---|---|--|---|---|
| Português - Oralidade e Escrita | - Interpretar o essencial de uma história. ¹ | - Diálogo professora estagiária/aluno/alunos sobre o dia anterior. - Apresentação do título do livro “A girafa que comia estrelas” de Henrique Carate e José Eduardo Agualusa, no quadro, pela professora estagiária. - Elaboração livre/criativa de uma capa para o livro (Anexo 1). - Apresentação das capas elaboradas a toda a turma. - Apresentação do livro, por parte da professora estagiária “A girafa que comia estrelas” de Henrique Carate e José Eduardo Agualusa”. - Leitura de um excerto do livro (Anexo 2). - Visionamento do vídeo da história (Anexo 3). - Reconto da história, através de ilustrações (Anexo 4). - Apresentação do reconto da história aos colegas. | - Observação da capacidade de interpretar uma história. ² | - Quadro. - Folha para a elaboração da capa criativa. - Livro “A girafa que comia estrelas”. - Computador. - Projetor. - Folha para a elaboração do reconto. | 8:40 9:10 9:20 9:40 10:05 10:20 10:25 |

¹ Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 3.º ano – 1.º ciclo do Ensino Básico – *Português*. Lisboa: Direção Geral da Educação. Obtido de: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/portugues_1c_3a_ff.pdf

² Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 3.º ano – 1.º ciclo do Ensino Básico – *Português*. Lisboa: Direção Geral da Educação. Obtido de: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/portugues_1c_3a_ff.pdf

Joana Nunes nº 12944

| Intervalo | | | | |
|---|--|---|---|--|
| <p>Estudo do meio</p> <ul style="list-style-type: none"> - Natureza - Animais | <ul style="list-style-type: none"> - Compreender os seres vivos através das suas relações alimentares, e do meio físico. ¹ | <ul style="list-style-type: none"> - Observação de diapositivos acerca da classificação, alimentação e deslocação dos animais, as suas cadeias alimentares e ainda os animais em vias de extinção - Revisão (PowerPoint) (Anexo 3). - Organização dos alunos, por equipas, por parte da professora estagiária, para a resolução de um jogo didático, sobre a classificação, alimentação e deslocação dos animais. - Resolução do jogo "A roleta dos animais", de modo a responderem as perguntas, relacionadas com: a classificação, a alimentação e a deslocação (Anexo 4). - Resolução de uma ficha de trabalho acerca dos conteúdos abordados, como preparação para a ficha de avaliação intermédia de estudo do meio (Anexo 5). - Correção da ficha de trabalho. | <ul style="list-style-type: none"> - Observação da capacidade de reconhecer que os seres vivos apresentam características semelhantes aos progenitores. ² | <ul style="list-style-type: none"> - Comp - Projet |
| Almoço | | | | |
| Educação Artística | <ul style="list-style-type: none"> - Manifestar capacidades | <ul style="list-style-type: none"> - Entrega do papel crepe, por parte da professora estagiária. | <ul style="list-style-type: none"> - Análise, da capacidade de manifestar formas | <ul style="list-style-type: none"> - Papel |

¹ Direção-Geral de Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 3.º ano - 1.º ciclo do Ensino Básico - Português. Lisboa: Direção Geral de Educação. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/portugues_3c_3a_01.pdf

² Direção-Geral de Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 3.º ano - 1.º ciclo do Ensino Básico - Português. Lisboa: Direção Geral de Educação. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/portugues_3c_3a_01.pdf

³ Direção-Geral de Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 3.º ano - 1.º ciclo do Ensino Básico - Estudo do Meio. Lisboa: Direção Geral de Educação. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/3_estudo_do_meio.pdf

⁴ Direção-Geral de Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 3.º ano - 1.º ciclo do Ensino Básico - Estudo do Meio. Lisboa: Direção Geral de Educação. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/3_estudo_do_meio.pdf

Anexo 7 – Exemplo de um dos materiais didáticos nas aulas dinamizadas



Anexo 8 – Exemplo de um plano de aula demonstrando a realização de trabalho de

Instituto Politécnico de Viseu / ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE VISEU
Mestrado em Ensino do 1.º CEB e Ensino de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º CEB

Prática de Ensino Supervisionada II
2020/2021

Agrupamento de Escolas Grão Vasco
Escola Básica da Ribeira
Orientadora Cooperante: Clara Martins Duarte Benfeito da Costa
3.º ano de escolaridade

Plano de Aula n.º 20

Data 22/06/2021

| Áreas Disciplinares: Conteúdos | Objetivos | Atividades de Ensino-Aprendizagem | Avaliação | Recursos/ Materiais | Tempo |
|--|--|--|---|---|----------------------|
| Educação Artística -Interpretação e comunicação | -Distinguir, pela experimentação e pela reflexão, jogo dramático, improvisação e representação. ¹ | -Dramatização de diversas culturas, pelas duas professoras estagiárias, para introduzir a "Interculturalidade". -Apresentação de uma música acerca das diferentes culturas (Anexo 1). -Diálogo professora estagiária/aluno/alunos as diversas culturas existentes. | -Observação, da capacidade de reconhecer, em produções próprias ou de outrem, as especificidades formais do texto dramático convencional: estrutura – monólogo ou diálogo; segmentação – cenas e atos. ⁴ | -Computador. - Projetor. -Tablet. | 8:40 9:15 9:35 |
| TIC -Investigar e Pesquisar | -Utilizar o computador e outros dispositivos digitais como ferramentas de apoio ao processo de | -Divisão da turma em grupos de 4. -Entrega de um tablet a cada grupo, para a pesquisa de diversas culturas. -Redação de uma pequena dramatização sobre as diferentes culturas observadas. | -Análise, da capacidade de apresentar e partilhar resultados das | | 9:55 |

¹ Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais – 1.º ciclo do Ensino Básico – Educação Artística. Lisboa: Direção-Geral da Educação. Obtido de https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/1c_teatro.pdf

| | | | | | |
|--|---|---|---|----------|-------------------------|
| | investigação e pesquisa. ² | | investigações, recorrendo à utilização de dispositivos eletrónicos. ⁴ | | 10:25 |
| | | Intervalo | | | |
| Educação Artística -Interpretação e comunicação | -Distinguir, pela experimentação e pela reflexão, jogo dramático, improvisação e representação. ⁵ | -Correção das dramatizações elaboradas, por parte da professora estagiária. -Apresentação das dramatizações à turma. | -Observação, da capacidade de reconhecer, em produções próprias ou de outrem, as especificidades formais do texto dramático convencional: estrutura – monólogo ou diálogo; segmentação – cenas e atos. ⁶ | | 10:55 11:15 11:55 |
| | | Almoço | | | |
| Educação física -Jogos | -Participar nos jogos ajustando a iniciativa própria e as qualidades motoras na prestação às possibilidades oferecidas pela | -Organização da turma em grupos de 4. -Resolução de diversos jogos. | -Observação, da capacidade de participar em sequências de habilidades. ⁸ | -Cordas. | 14:30 |

² Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais – 1.º ciclo do Ensino Básico – TIC. Lisboa: Direção-Geral da Educação. Obtido de: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/or_1_tic_1.pdf

⁴ Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais– 1.º ciclo do Ensino Básico – TIC. Lisboa: Direção-Geral da Educação. Obtido de: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/or_1_tic_1.pdf

⁵ Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais – 1.º ciclo do Ensino Básico – Educação Artística. Lisboa: Direção-Geral da Educação. Obtido de https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/1c_teatro.pdf

Anexo 9- Exemplo de um relatório reflexivo

Escola Superior de Educação de Viseu

Mestrado em Ensino do 1.º CEB e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º CEB

Prática de Ensino Supervisionada II no 1.º CEB - relatório semanal

Informação sobre o desempenho das crianças relevante para planificações com a turma:

No dia 07 de junho, a estagiária iniciou a aula questionando os alunos sobre o seu fim de semana, tal como é habitual. Todos sem exceção quiseram partilhar as suas histórias, reagindo com muita euforia, visto que, foi um fim de semana no qual puderam usufruir da piscina, praia, entre outros.

Para dar início à abordagem dos conteúdos preparados para aquele dia, a estagiária utilizou um tubarão elaborado através de uma cartolina e uma mola de roupa, para que através deste os alunos descobrissem o título da obra a ler. Através da apresentação do tubarão e com algumas pistas por parte da estagiária, os alunos conseguiram descobrir então o título "O tubarão na banheira".

Como os alunos demonstraram muita curiosidade em descobrir o que se passava no texto tendo ele aquele título, cada um leu um parágrafo do mesmo, despertando muitas gargalhadas. De seguida e em conjunto com a estagiária os alunos debateram sobre o que tinham lido.

Para dar continuidade ao trabalho relacionado com o texto lido, a estagiária dividiu a turma em grupos de 4 elementos, de modo a realizarem uma atividade. Essa mesma atividade consistia na procura do significado de algumas palavras difíceis presentes no texto. Todos os alunos reagiram com muita curiosidade, mas também com algumas dificuldades na resolução desta atividade, a qual se traduziu num momento de criação de novos conhecimentos.

De seguida e para finalizar a abordagem desta obra, a estagiária distribuiu pelos alunos uma folha para que estes escrevessem o que sentiriam caso lhes surgisse um tubarão na banheira. Todos os alunos reagiram com muito agrado e curiosidade a esta tarefa, visto que, queriam saber as reações dos colegas caso lhes surgisse um tubarão na banheira.

Após o intervalo, e de modo a rever as unidades de medida de capacidade, a estagiária voltou a apresentar o tubarão de papel referido anteriormente, mencionando o seu peso. De seguida e para introduzir os múltiplos destas medidas e relembrar os submúltiplos a estagiária realizou no quadro alguns exercícios práticos. Para dar continuidade a este trabalho a estagiária distribuiu pelos alunos uma tabela com os múltiplos das unidades de medida de capacidade, para que estes a colassem no seu

caderno. De modo a introduzir uma vertente lúdica relacionada com estes conteúdos, a estagiária apresentou uma balança construída pela mesma através de um cabide, na qual os alunos escolhiam dois objetos colocando-os na balança de maneira a observarem qual dos dois possuía mais massa. Quando se faz referência ao lúdico no processo de ensino-aprendizagem, é preciso ter em conta que as atividades que envolvem este aspeto, podem ser desenvolvidas, de acordo com Pinto e Tavares (2010), tanto na introdução como na sintetização dos conteúdos, visto que, desenvolvem diversas competências a nível cultural, social e criativo dos alunos.

Após o almoço e para a revisão dos conteúdos relacionados com os meios aquáticos, a estagiária utilizou novamente o tubarão, referindo o meio aquático onde o mesmo vive. De seguida, e para relembrar os principais tópicos relacionados com este tema, a estagiária apresentou um vídeo e também um *Quiz* com diversas perguntas relacionadas com estes conteúdos. Seguidamente, a estagiária distribuiu pelos alunos uma folha para que estes escrevessem qual o seu meio aquático favorito e o porquê, para que posteriormente o desenhassem. Para finalizar estes conteúdos, a estagiária distribuiu pelos alunos o molde de um peixe impresso, uma tira de folha colorida, para que estes elaborassem um peixe.

Na terça-feira, dia 08 de junho, a estagiária iniciou o dia questionando os alunos se estes teriam algo para partilhar referente ao dia anterior. De seguida, e para introduzir os conteúdos preparados para o dia, a estagiária apresentou uma girafa para que estes realizassem as previsões do título da história "A girafa que comia estrelas". Após essas previsões, os alunos elaboraram através do título aquela que pensariam que fosse a capa deste livro. Todos os alunos reagiram com muito entusiasmo relativamente à elaboração desta capa, capa esta que foi apresentada à restante turma. Após a finalização das mesmas, a estagiária apresentou a então capa do livro. De seguida, a estagiária distribuiu pelos alunos um excerto desta obra, dando oportunidade a todos os alunos de lerem um parágrafo, incentivando assim a leitura em voz alta, desenvolvendo a fluência, que de acordo com Silveira, 2012 citado por Silva, 2015, ocorre gradualmente através da prática de leitura recorrente. Para que os alunos tivessem uma melhor interpretação desta obra a estagiária apresentou ainda o vídeo da obra. Para terminar a abordagem da mesma, a estagiária distribuiu pela turma uma folha dividida em seis quadrados, para que os alunos nesses mesmos quadrados realizassem o reconto da história. Esta atividade estimula a criatividade e a imaginação dos alunos, sendo que nesta atividade os alunos revelam sempre diversas capacidades que normalmente não são expressas.

Para introduzir a temática dos astros a estagiária fez alusão ao título da obra lida anteriormente, visto que, a estrela é também um astro. Para uma melhor compreensão deste tema a estagiária apresentou todos os astros representados numa cartolina, colando essas cartolinas no quadro e apresentou também um vídeo sobre a temática. De seguida, e para que estes conteúdos ficassem bem sistematizados a estagiária distribuiu por cada aluno um esquema, o qual teriam de recortar e colar no caderno, escrevendo na parte inferior do nome de cada astro a sua definição, essas definições foram apresentadas através de um *PowerPoint*. Visto que, alguns alunos demonstraram algumas dificuldades na compreensão de determinados conceitos, não foi possível realizar a ficha de trabalho, tendo sido esta atribuída como trabalho de casa.

Na parte da tarde, e de modo a rever o que tinha sido abordado na parte da manhã, cada aluno elaborou um astro. Estes astros poderiam ser: uma estrela, uma lua e um sol. Para este trabalho a estagiária distribuiu por cada aluno, um CD, um molde do astro escolhido, lã e também olhos de plástico. Todos os alunos demonstraram muita alegria, entusiasmo e também empenho, dado que esta atividade é uma das que mais gostam de fazer. Estas atividades tem de ser tidas em conta, visto que, não devem ser encaradas apenas como uma forma de expressão, mas como uma forma de aquisição de novos conhecimentos (Miguel, 2018).

Apreciação de opções de organização do ambiente para planificações com a turma:

Nos dias 07 e 08 de junho, a sala encontrava-se com a disposição de mesas e cadeiras habitual. Assim é possível afirmar que esta disposição promove um contexto de ensino-aprendizagem favorável.

Nesta sala, está presente um armário onde se podem encontrar os dossiês de cada aluno, sendo estes necessários sempre que precisem de arquivar documentos fornecidos durante a aula, bem como todos os materiais didáticos que a turma pode recorrer sempre que necessário. Ao redor da sala existem diversos painéis que podem ser consultados pelos alunos, para o esclarecimento de alguma dúvida no decorrer do processo ensino-aprendizagem.

Apreciação de opções didáticas relevantes para planificações com a turma:

No dia 07 de junho, a estagiária disponibilizou várias fotocópias, mais concretamente para a leitura de um excerto da obra "O tubarão na banheira", para a resolução do exercício do aquário das palavras difíceis, para a redação de uma narrativa, para uma tabela dos múltiplos das unidades de medida de massa e para a redação do meio aquático favorito. Foi utilizado o computador e o projetor para a visualização do

vídeo e a resolução do Quiz referentes aos meios aquáticos. Na área disciplinar de português foi ainda utilizado um tubarão realizado previamente pela estagiária, com cartolinas e uma mola da roupa. Na área disciplinar de matemática foi utilizado também o quadro para a revisão dos conteúdos relacionados com as unidades de medida de massa e também foi utilizada uma balança elaborada previamente pela estagiária através de um cabide, dois pratos de plástico e dois cordões. Já na área disciplinar de estudo do meio, para além do que já foi referido acima, foi ainda utilizado para a elaboração do peixe, foi disponibilizado moldes de peixe, papeis coloridos, e também paus de espetada.

Na terça-feira, tal como aconteceu no dia anterior foram disponibilizadas várias fotocópias, neste caso para a criação da capa do livro, para a leitura do excerto da obra "A girafa que comia estrelas", para a realização do reconto da história, para o esquema e para a resolução de uma ficha de trabalho acerca dos astros. O computador e o projetor foram utilizados no visionamento do vídeo da obra "A girafa que comia estrelas" e para o visionamento de um vídeo e um *PowerPoint* acerca dos astros. Na área disciplinar de português foi ainda utilizada uma girafa para as previsões do título da obra e também o próprio livro. Na área disciplinar de estudo do meio, foram utilizadas diversas cartolinas com as imagens impressas dos astros. Para finalizar na área disciplinar de educação artística, foram disponibilizados vários moldes de diversos astros, CDs, lá, olhos de plástico e canetas de tinta permanente de cor preta.

Desafios futuros do meu/nosso desempenho:

O maior desafio com que me deparei e que me poderá surgir no futuro é relativo ao comportamento dos alunos que tem vindo a melhorar ao longo destas semanas, este desafio tende a ser superado com muita dedicação e empenho.

Outros aspetos a destacar:

Devido a problemas de saúde não foi possível deslocar-me até ao local de estágio no dia 09 de junho, quarta-feira.

Referências Bibliográficas:

- Miguel, C. (2018). *"Aprender com as Expressões"* (Dissertação de Mestrado). Instituto Politécnico de Coimbra: Escola Superior de Educação.
- Pinto, L. e Tavares, M. (2010). *O lúdico na aprendizagem: Aprender e Aprender*. Revista da Católica, 2(3), 226-235.
- Silva, F. (2015). *Prática de ensino supervisionada no 1.º ciclo e no 2.º ciclo do Ensino Básico: Da leitura à escrita: as estratégias de compreensão leitora na melhoria da escrita de textos narrativos* (Dissertação de Mestrado). Instituto Politécnico de Lisboa.

Joana Nunes, nº 12944

Plano de Aula n.º 1

Data 4/01/2021

| Áreas Disciplinares: Conteúdos | Objetivos | Atividades de Ensino-Aprendizagem | Avaliação | Recursos/Materiais | Tempo |
|------------------------------------|---|--|---|---|-------|
| Português - Oralidade e Escrita | <ul style="list-style-type: none"> - Partilhar diferentes relatos das tradições de Natal. - Reconhecer os diferentes elementos de um livro. - Partilhar diferentes previsões da história a partir do título. | <ul style="list-style-type: none"> - Diálogo professor-alunos e entre alunos sobre o tema o Natal e as suas férias. - Solicitação de um texto sobre as férias de Natal para trabalho de casa. (Anexo 1) - Apresentação do livro "A Menina gotinha de água", referindo os elementos paratextuais. - Realização de uma chuva de ideias acerca do título da história. | <ul style="list-style-type: none"> - Observação da capacidade do aluno falar na sua vez e com clareza. - Avaliação da construção de um texto. - Aferição dos conhecimentos sobre os elementos de um livro. - Avaliação da capacidade de inferência. | <ul style="list-style-type: none"> - Livro "A Menina gotinha de água". | 8:40 |
| | | | | | 9:00 |
| | | | | | 9:10 |
| | | | | | 9:20 |

Joana Nunes nº 12944

| | | | | | |
|------------------------------|---|--|---|--|-------|
| Estudo do Meio - Natureza | <ul style="list-style-type: none"> - Recordar os conteúdos sobre o tema os múltiplos de um número. - Consolidar conhecimentos adquiridos anteriormente. - Recordar possíveis conhecimentos previamente adquiridos. - Adquirir noções sobre a evaporação e a ebulição. - Consolidar conteúdos sobre a temática. - Compreender a noção de evaporação. | <ul style="list-style-type: none"> - Preenchimento da ficha de trabalho, do manual da página 60 e de um exercício proposto pela professora estagiária (Anexo 5) - Correção dos exercícios. - Diálogo com os alunos sobre a evaporação e a ebulição. - Visualização de um vídeo acerca dos estados da água (ebulição e evaporação). - Organização dos conteúdos no quadro. - Realização de um procedimento para a experiência. - Realização de uma experiência de um estado da água (Anexo 6). | <ul style="list-style-type: none"> - Consolidação dos conhecimentos acerca do tema. - Aferição das competências já adquiridas sobre este tema. - Observação de conteúdos já alcançados pelos alunos sobre o tema. - Visualização da evaporação. | <ul style="list-style-type: none"> - Escola Virtual. - Quadro. - Material didático (cartões). - Manual. - Computador. - Quadro. - Colher de sopa. - Pratos. - Água. | 11:10 |
| | | | | | 11:35 |
| | | | | | 11:55 |
| | | | | | ALM |
| | | | | | 13:30 |
| | | | | | 13:45 |
| | | | | | 13:50 |
| | | | | | 14:10 |
| 14:30 | | | | | |
| 15:15 | | | | | |

| | | | | | |
|-------------------------------------|--|---|--|---------------------------------|-------|
| Matemática - Números e operações | - Praticar a leitura em voz alta. - Compreender os diferentes momentos da história. - Expressar os conhecimentos previamente alcançados. | - Leitura da história "A Menina gotinha de água" pela professora estagiária. | - Observação da capacidade de atenção e interesse na leitura em voz alta por parte da professora estagiária. | 9:30 | |
| | | - Leitura por parte dos alunos das partes fundamentais da história. | - Avaliação da fluência, velocidade e entoação da leitura. | 9:45 | |
| | | - Sequencialização dos momentos fundamentais da história pelos alunos, no quadro (Anexo 2). | - Aferição da compreensão da organização da história. | - História impressa por partes. | 10:05 |
| | | - Realização de uma ficha de leitura sobre o livro (Anexo 3). | - Consolidação dos elementos da história e do livro. | - Ficha de leitura. | 10:15 |
| | | - Correção da ficha de leitura. | | | 10:25 |
| | | | | INT | |
| | | - Apresentação de um pequeno exercício "Múltiplas Gotinhas de água". (Anexo 4) | | | |
| | | - Apresentação de um vídeo acerca dos múltiplos de um número natural, da escola virtual. | | | |
| | | | - Ficha "Múltiplas Gotinhas de água". | 10:55 | |
| | | | | 11:05 | |

Anexo 11- Exemplo de cartazes elaborados durante as aulas dinamizadas



Anexo 13 Folha de presenças

FOLHA DE PRESENCAS PERIÓDICA

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE VISEU - ANEXADO EM VISEU DO 1.º GRUPO DE PORTUGUÊS E HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE PORTUGAL, NO 2.º ANO - 1.ª SEMESTRE - PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISADO I

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS VISEU NORTE ESCOLA DEL S. AZEVEDO PERÍODO

COORDINADOR COOPERANTE: PÁDUA ELIETE SANTOS PORTUGUÊS

| DATA | 2021 | | | |
|------|-------------------------------|----------------------------------|------------------------------|------------------|
| | ESTAGIÁRIO 1 JOANA RIBEIRO | ESTAGIÁRIO 2 MARIA INÊS RAMOS | PROF. COORDENADOR COOPERANTE | PROF. SUPERVISOR |
| 14 | | | | |
| 15 | | | | |
| 16 | | | | |
| 17 | | | | |
| 18 | JOANA RIBEIRO | MARIA INÊS RAMOS | | |
| 19 | | | | |
| 20 | | | | |
| 21 | | | | |
| 22 | | | | |
| 23 | | | | |
| 24 | | | | |
| 25 | | | | |
| 26 | JOANA RIBEIRO | MARIA INÊS RAMOS | | |
| 27 | | | | |
| 28 | | | | |
| 29 | | | | |
| 30 | | | | |
| 31 | | | | |
| 32 | | | | |
| 33 | | | | |
| 34 | | | | |
| 35 | | | | |
| 36 | | | | |
| 37 | | | | |
| 38 | | | | |
| 39 | | | | |
| 40 | | | | |
| 41 | | | | |
| 42 | | | | |
| 43 | | | | |
| 44 | | | | |
| 45 | | | | |
| 46 | | | | |
| 47 | | | | |
| 48 | | | | |
| 49 | | | | |
| 50 | | | | |
| 51 | | | | |
| 52 | | | | |
| 53 | | | | |
| 54 | | | | |
| 55 | | | | |
| 56 | | | | |
| 57 | | | | |
| 58 | | | | |
| 59 | | | | |
| 60 | | | | |
| 61 | | | | |
| 62 | | | | |
| 63 | | | | |
| 64 | | | | |
| 65 | | | | |
| 66 | | | | |
| 67 | | | | |
| 68 | | | | |
| 69 | | | | |
| 70 | | | | |
| 71 | | | | |
| 72 | | | | |
| 73 | | | | |
| 74 | | | | |
| 75 | | | | |
| 76 | | | | |
| 77 | | | | |
| 78 | | | | |
| 79 | | | | |
| 80 | | | | |
| 81 | | | | |
| 82 | | | | |
| 83 | | | | |
| 84 | | | | |
| 85 | | | | |
| 86 | | | | |
| 87 | | | | |
| 88 | | | | |
| 89 | | | | |
| 90 | | | | |
| 91 | | | | |
| 92 | | | | |
| 93 | | | | |
| 94 | | | | |
| 95 | | | | |
| 96 | | | | |
| 97 | | | | |
| 98 | | | | |
| 99 | | | | |
| 100 | | | | |

ESTAGIÁRIO 1: JOANA RIBEIRO ESTAGIÁRIO 2: MARIA INÊS RAMOS PROF. COORDENADOR COOPERANTE: PÁDUA ELIETE SANTOS PROF. SUPERVISOR

19

FOLHA DE PRESENCAS PERIÓDICA

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE VISEU - ANEXADO EM VISEU DO 1.º GRUPO DE PORTUGUÊS E HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE PORTUGAL, NO 2.º ANO - 1.ª SEMESTRE - PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISADO I

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS VISEU NORTE ESCOLA DEL S. AZEVEDO PERÍODO

COORDINADOR COOPERANTE: PÁDUA ELIETE SANTOS PORTUGUÊS

| DATA | 2021 | | | |
|------|-------------------------------|----------------------------------|------------------------------|------------------|
| | ESTAGIÁRIO 1 JOANA RIBEIRO | ESTAGIÁRIO 2 MARIA INÊS RAMOS | PROF. COORDENADOR COOPERANTE | PROF. SUPERVISOR |
| 14 | | | | |
| 15 | | | | |
| 16 | | | | |
| 17 | | | | |
| 18 | | | | |
| 19 | | | | |
| 20 | | | | |
| 21 | | | | |
| 22 | | | | |
| 23 | | | | |
| 24 | | | | |
| 25 | | | | |
| 26 | | | | |
| 27 | | | | |
| 28 | | | | |
| 29 | | | | |
| 30 | | | | |
| 31 | | | | |
| 32 | | | | |
| 33 | | | | |
| 34 | | | | |
| 35 | | | | |
| 36 | | | | |
| 37 | | | | |
| 38 | | | | |
| 39 | | | | |
| 40 | | | | |
| 41 | | | | |
| 42 | | | | |
| 43 | | | | |
| 44 | | | | |
| 45 | | | | |
| 46 | | | | |
| 47 | | | | |
| 48 | | | | |
| 49 | | | | |
| 50 | | | | |
| 51 | | | | |
| 52 | | | | |
| 53 | | | | |
| 54 | | | | |
| 55 | | | | |
| 56 | | | | |
| 57 | | | | |
| 58 | | | | |
| 59 | | | | |
| 60 | | | | |
| 61 | | | | |
| 62 | | | | |
| 63 | | | | |
| 64 | | | | |
| 65 | | | | |
| 66 | | | | |
| 67 | | | | |
| 68 | | | | |
| 69 | | | | |
| 70 | | | | |
| 71 | | | | |
| 72 | | | | |
| 73 | | | | |
| 74 | | | | |
| 75 | | | | |
| 76 | | | | |
| 77 | | | | |
| 78 | | | | |
| 79 | | | | |
| 80 | | | | |
| 81 | | | | |
| 82 | | | | |
| 83 | | | | |
| 84 | | | | |
| 85 | | | | |
| 86 | | | | |
| 87 | | | | |
| 88 | | | | |
| 89 | | | | |
| 90 | | | | |
| 91 | | | | |
| 92 | | | | |
| 93 | | | | |
| 94 | | | | |
| 95 | | | | |
| 96 | | | | |
| 97 | | | | |
| 98 | | | | |
| 99 | | | | |
| 100 | | | | |

ESTAGIÁRIO 1: JOANA RIBEIRO ESTAGIÁRIO 2: MARIA INÊS RAMOS PROF. COORDENADOR COOPERANTE: PÁDUA ELIETE SANTOS PROF. SUPERVISOR

20

FOLHA DE PRESENCAS PERIÓDICA

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE VISEU - ANEXADO EM VISEU DO 1.º GRUPO DE PORTUGUÊS E HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE PORTUGAL, NO 2.º ANO - 1.ª SEMESTRE - PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISADO I

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS VISEU NORTE ESCOLA DEL S. AZEVEDO PERÍODO

COORDINADOR COOPERANTE: PÁDUA ELIETE SANTOS PORTUGUÊS

| DATA | 2021 | | | |
|------|-------------------------------|----------------------------------|------------------------------|------------------|
| | ESTAGIÁRIO 1 JOANA RIBEIRO | ESTAGIÁRIO 2 MARIA INÊS RAMOS | PROF. COORDENADOR COOPERANTE | PROF. SUPERVISOR |
| 14 | | | | |
| 15 | | | | |
| 16 | | | | |
| 17 | | | | |
| 18 | | | | |
| 19 | | | | |
| 20 | | | | |
| 21 | | | | |
| 22 | | | | |
| 23 | | | | |
| 24 | | | | |
| 25 | | | | |
| 26 | | | | |
| 27 | | | | |
| 28 | | | | |
| 29 | | | | |
| 30 | | | | |
| 31 | | | | |
| 32 | | | | |
| 33 | | | | |
| 34 | | | | |
| 35 | | | | |
| 36 | | | | |
| 37 | | | | |
| 38 | | | | |
| 39 | | | | |
| 40 | | | | |
| 41 | | | | |
| 42 | | | | |
| 43 | | | | |
| 44 | | | | |
| 45 | | | | |
| 46 | | | | |
| 47 | | | | |
| 48 | | | | |
| 49 | | | | |
| 50 | | | | |
| 51 | | | | |
| 52 | | | | |
| 53 | | | | |
| 54 | | | | |
| 55 | | | | |
| 56 | | | | |
| 57 | | | | |
| 58 | | | | |
| 59 | | | | |
| 60 | | | | |
| 61 | | | | |
| 62 | | | | |
| 63 | | | | |
| 64 | | | | |
| 65 | | | | |
| 66 | | | | |
| 67 | | | | |
| 68 | | | | |
| 69 | | | | |
| 70 | | | | |
| 71 | | | | |
| 72 | | | | |
| 73 | | | | |
| 74 | | | | |
| 75 | | | | |
| 76 | | | | |
| 77 | | | | |
| 78 | | | | |
| 79 | | | | |
| 80 | | | | |
| 81 | | | | |
| 82 | | | | |
| 83 | | | | |
| 84 | | | | |
| 85 | | | | |
| 86 | | | | |
| 87 | | | | |
| 88 | | | | |
| 89 | | | | |
| 90 | | | | |
| 91 | | | | |
| 92 | | | | |
| 93 | | | | |
| 94 | | | | |
| 95 | | | | |
| 96 | | | | |
| 97 | | | | |
| 98 | | | | |
| 99 | | | | |
| 100 | | | | |

ESTAGIÁRIO 1: JOANA RIBEIRO ESTAGIÁRIO 2: MARIA INÊS RAMOS PROF. COORDENADOR COOPERANTE: PÁDUA ELIETE SANTOS PROF. SUPERVISOR

21

Anexo 14 Exemplo de um plano de aula demonstrando a utilização de Aprendizagens Essenciais

Instituto Politécnico de Viseu / ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE VISEU
 Mestrado em Ensino do 1.º CEB e Ensino de Português e História
 Geografia de Portugal no 2.º CEB
 Prática de Ensino Supervisionada no 2.º CEB I
 2021/2022

Agrupamento de Escolas Viseu Norte EB2, 3 Dr.
 Azeredo Perdigão
 Orientador Cooperante: Joaquim Tavares
 6.º ano de escolaridade

Plano de aula n.º 3

| PROFESSORAS | DISCIPLINA | DATA | HORA | DURAÇÃO | SALA | ANO | TURMA |
|--------------------------------|------------|------------|-------|------------|------|-----|-------|
| Joana Nunes e Maria Inês Ramos | História | 10/11/2021 | 11h55 | 50 minutos | 22 | 6.º | E |

Sumário

Os efeitos da expansão marítima.
 Conceito de aculturação.
 A influência dos Descobrimentos na atualidade.

| Dominios | Aprendizagens essenciais | Desenvolvimento da aula | Recursos | Avaliação |
|---|---|--|---|--|
| -Portugal do século XIII ao século XVII | -Destacar a importância dos movimentos migratórios no contexto da expansão portuguesa, ressaltando alterações provocadas pela expansão. ¹ -Reconhecer o papel da missão católica na expansão portuguesa. ² | - Diálogo professoras estagiárias /aluno/alunos acerca dos efeitos da expansão marítima através da questão introdutória: "Que alterações provocaram os Descobrimentos no quotidiano dos outros povos?" - Apresentação de um vídeo da escola virtual, acerca dos efeitos da expansão marítima, pelas estagiárias (Anexo 1). - Apresentação de um PowerPoint, acerca das principais alterações provocadas pela expansão marítima (Anexo 2). - Diálogo professoras estagiárias /aluno/alunos acerca das principais ideias relacionadas com os efeitos da expansão marítima. - Registo do conceito "Aculturação" no caderno diário, por parte dos alunos. - Diálogo professoras estagiárias /aluno/alunos sobre as heranças dos descobrimentos no mundo atual, mais concretamente a língua e a religião. - Elaboração de uma tabela, com as palavras vindas de África, Ásia e América, no quadro, pelas estagiárias. - Resolução de uma atividade didática, da escola virtual, para a sistematização dos conteúdos abordados (Anexo 3). | - Computador, projetor. - Computador, projetor. - Quadro. - Quadro. - Computador, projetor. | - Aferição, da capacidade de identificar/aplicar os conceitos: expansão marítima, aculturação. ³ - Observação, da capacidade de valorizar a diversidade cultural. ⁴ |

¹ Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 5.º ano - 2.º ciclo do Ensino Básico - História e Geografia de Portugal. Lisboa: Direção Geral da Educação. Obtido de: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/5_historia_e_geografia_de_portugal.pdf

² Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 5.º ano - 2.º ciclo do Ensino Básico - História e Geografia de Portugal. Lisboa: Direção Geral da Educação. Obtido de: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/5_historia_e_geografia_de_portugal.pdf

³ Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 5.º ano - 2.º ciclo do Ensino Básico - História e Geografia de Portugal. Lisboa: Direção Geral da Educação. Obtido de: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/5_historia_e_geografia_de_portugal.pdf

⁴ Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). Aprendizagens essenciais - 6.º ano - 2.º ciclo do Ensino Básico - História e Geografia de Portugal. Lisboa: Direção Geral da Educação. Obtido de: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/6_historia_e_geografia_de_portugal.pdf

Anexo 15 Exemplo de um plano de aula demonstrando a utilização dos conhecimentos prévios dos alunos



Instituto Politécnico de Viseu / ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE VISEU
 Mestrado em Ensino do 1.º CEB e Ensino de Português e História
 Geografia de Portugal no 2.º CEB
 Prática de Ensino Supervisionada no 2.º CEB I
 2021/2022

Agrupamento de Escolas Viseu Norte EB2, 3 Dr.
 Azeredo Perdigão
 Orientador Cooperante: Joaquim Tavares
 6.º ano de escolaridade

Plano de aula n.º 9

| PROFESSORA | DISCIPLINA | DATA | HORA | DURAÇÃO | SALA | ANO | TURMA |
|-------------|----------------------------------|------------|-------|------------|------|-----|-------|
| Joana Nunes | História e Geografia de Portugal | 09/12/2021 | 08h15 | 50 minutos | 21 | 6.º | E |

| Sumário |
|---|
| Os bandeirantes e o ouro do Brasil. A escravatura. |

| Dominios/Conteúdos | Aprendizagens essenciais | Atividades de Ensino-Aprendizagem | Avaliação | Recursos |
|--|--|--|---|--|
| PORTUGAL DO SÉCULO XVIII AO SÉCULO XIX - Portugal no século XVIII | - Fazer inferências de acordo com as aprendizagens prévias. - Evidenciar a importância do Brasil para a economia portuguesa neste período, nomeadamente enquanto centro de exploração de ouro. - Relacionar os movimentos migratórios livres e forçados (comércio de escravos) com a cultura do açúcar e com a exploração mineira. | - Abertura da lição, no quadro, pela professora estagiária. - Questionamento oral aos alunos, acerca dos conteúdos abordados na aula anterior. - Introdução dos conteúdos relacionados com os bandeirantes e o ouro do Brasil, através da apresentação de um documento 📄. - Questionamento oral dos principais aspetos observados no documento. - Apresentação de um PowerPoint acerca dos Bandeirantes e o Ouro do Brasil 📄. - Elaboração de um esquema síntese, sobre os conteúdos abordados. - Diálogo professora estagiária/aluno/alunos, sobre quem trabalhava na exploração do ouro do Brasil. - Introdução dos conteúdos relacionados com a escravatura, através da apresentação de diapositivos, sobre a vida dos escravos 📄. - Registo no caderno diário, do conceito de miscigenação. - Sistematização dos conteúdos abordados, através de um Quiz, realizado pela professora estagiária 📄. | - Observação, da capacidade de os alunos discorrerem oralmente sobre conteúdos abordados anteriormente. - Análise, da capacidade de identificar como surgiram os bandeirantes e o que mudou com a descoberta das primeiras minas de ouro. - Observação, da capacidade de interpretar os conceitos principais relacionados com a escravatura. - Análise, da capacidade de sistematização dos conteúdos. | - Quadro. - Computador. - Projetor. - Quadro. - Computador. - Projetor. |

1
2

(4) – Quiz sobre a escravatura

ESCRAVATURA QUIZ TIME

1. Os escravos eram capturados no interior do continente africano?
 Verdadeiro Falso

2. O preço dos escravos dependia em função da idade, sexo e estado físico?
 Verdadeiro Falso

3. Os escravos que ousassem desobedecer ou fugir nada lhes acontecia.
 Verdadeiro Falso

4. A miscigenação é a mistura entre pessoas do mesmo sexo?
 Verdadeiro Falso

Anexo 16 Exemplo de um plano de aula demonstrando a realização de atividades lúdicas



Instituto Politécnico de Viseu / ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE VISEU
 Mestrado em Ensino do 1.º CEB e Ensino de Português e História
 Geografia de Portugal no 2.º CEB
 Prática de Ensino Supervisionada no 2.º CEB I
 2021/2022

Agrupamento de Escolas Viseu Norte EB2, 3 Dr.
 Azeredo Perdigão
 Orientador Cooperante: Joaquim Tavares
 6.º ano de escolaridade

Plano de aula n.º 16

| PROFESSORA | DISCIPLINA | DATA | HORA | DURAÇÃO | SALA | ANO | TURMA |
|-------------|----------------------------------|------------|-------|------------|------|-----|-------|
| Joana Nunes | História e Geografia de Portugal | 03/02/2022 | 08h15 | 50 minutos | 21 | 6.º | E |

Sumário
Continuação da abordagem dos conteúdos relacionados com a Revolução Liberal de 1820.

| Dominios/Conteúdos | Aprendizagens essenciais | Atividades de Ensino-Aprendizagem | Avaliação | Recursos |
|---|---|---|--|---|
| PORTUGAL DO SÉCULO XVIII AO SÉCULO XIX - O triunfo do liberalismo <ul style="list-style-type: none"> • O que aconteceu a 24 de agosto de 1820? | - Fazer inferências de acordo com as aprendizagens prévias. - Analisar a ligação entre a revolução de 1820, o descontentamento face à tutela inglesa e a permanência da Corte no Brasil. | - Abertura da lição da presente aula no quadro, por parte de um aluno. - Questionamento oral aos alunos, acerca dos conteúdos abordados na aula anterior. - Continuação da abordagem dos conteúdos relacionados com a Revolução Liberal de 1820, através da apresentação de um documento 1. - Leitura em voz alta, por parte de um aluno, do documento apresentado. - Questionamento oral aos alunos dos principais aspetos observados no documento. - Resolução, a pares das questões, relacionadas com o documento lido anteriormente 2. - Correção das questões realizadas oralmente. - Apresentação de um PowerPoint sobre a Revolução Liberal 3. - Registo no caderno dos principais aspetos presentes no PowerPoint. - Leitura do vocabulário presente na página 57, mais concretamente do significado de Constituição, por parte de um aluno. - Resolução do exercício número 3 da ficha número 7, do caderno de atividades 4. | - Observação, da capacidade de os alunos discorrerem oralmente sobre conteúdos abordados anteriormente. - Observação, da capacidade de analisar os acontecimentos associados à Revolução Liberal. - Observação, da capacidade de interpretar os conceitos principais relacionados com a Revolução Liberal de 1820. | - Quadro. - Computador. - Projetor. - Manual escolar. - Caderno diário - Material de escrita. - Computador. - Projetor. - Manual escolar. - Caderno de atividades. |

| | | | | |
|--|--|--|---|--|
| | - Tomar como referência o conhecimento prévio dos alunos, para a sistematização dos conteúdos. | - Elaboração de um esquema-síntese, em grande grupo, no quadro, sobre os conteúdos abordados ao longo da aula. - Registo por parte dos alunos, do esquema-síntese elaborado no quadro, no caderno diário. - Realização de uma atividade lúdica, como sistematização dos conteúdos 5. | - Análise, da capacidade de sistematização dos conteúdos. | - Quadro. - Caderno diário. - Material de escrita. - Computador. - Projetor. |
|--|--|--|---|--|

Anexo 17 Exemplo de um plano de aula demonstrando a promoção do trabalho cooperativo e entreajuda

| Domínios/Conteúdos | Aprendizagens essenciais | Atividades de Ensino-Aprendizagem | Avaliação | Recursos |
|--------------------|---|--|--|--|
| Educação Literária | <ul style="list-style-type: none"> - Interpretar adequadamente os textos de acordo com o género literário - Reconhecer, na organização do texto dramático, ato, cena, fala e indicações cénicas. - Adequar as possibilidades expressivas da voz a diferentes contextos e situações de comunicação, tendo em atenção a respiração, aspetos da técnica | <ul style="list-style-type: none"> - Abertura da lição da presente aula no quadro, por parte da estagiária. - Audição do texto "Gulliver em Portugal", através de um áudio presente na escola virtual 📻 - Leitura em voz alta, do texto "Gulliver em Portugal" presente no manual escolar na pág. 164, por parte dos alunos. - Exploração do vocabulário mais difícil, presente no texto lido anteriormente, em grande grupo no quadro. - Apresentação de um PowerPoint, sobre as características do texto dramático 📄 - Realização de uma ficha de interpretação sobre o texto "Gulliver em Portugal" a pares 📄 - Correção da ficha de interpretação em grande grupo no quadro. - Realização de uma leitura dramatizada, por parte dos alunos, do texto "Gulliver em Portugal" respeitando as características do texto dramático. | <ul style="list-style-type: none"> - Análise, da capacidade de fluência, velocidade e entoação da leitura. - Análise, da capacidade de mobilizar experiências e saberes interdisciplinares. - Análise, da capacidade de aquisição de saberes proporcionados por escuta ativa de obras literárias. | <ul style="list-style-type: none"> - Quadro. - Computador. - Projetor. - Manual escolar. - Computador. - Projetor. - Ficha de interpretação. - Manual escolar. |

1
2
3

2

| | | | | |
|-----------|--|---|---|--|
| Gramática | <ul style="list-style-type: none"> vocal (articulação, ditação, projeção, etc.). - Mobilizar os conhecimentos já aprendidos sobre as características do texto dramático e sobre o pronome pessoal. | <ul style="list-style-type: none"> - Realização de um Quiz sobre as características do texto dramático 📄 - Realização de exercícios práticos sobre o pronome pessoal átono no quadro. - Correção dos exercícios sobre o pronome pessoal átono em grande grupo, no quadro. - Registo do sumário no quadro, por parte da professora estagiária. | <ul style="list-style-type: none"> - Análise, da capacidade de aplicar os conhecimentos já adquiridos. | <ul style="list-style-type: none"> - Computador. - Projetor. - Quadro. - Quadro. |
|-----------|--|---|---|--|

Anexo 18- Exemplo de um plano de aula demonstrando a modificação da disposição da sala de aula

| Dominios/Conteúdos | Aprendizagens essenciais | Atividades de Ensino-Aprendizagem | Avaliação | Recursos |
|--------------------|---|---|--|--|
| Educação Literária | <p>-Reconhecer, na organização do texto dramático, ato, cena, fala e indicações cênicas.</p> <p>-Interpretar adequadamente os textos de acordo com o gênero literário</p> | <p>- Abertura da lição da presente aula no quadro, por parte da estagiária.</p> <p>- Breve revisão das características do texto dramático através de uma atividade didática, presente na escola virtual, em grande grupo.</p> <p>- Visionamento de um vídeo da escola virtual, sobre o funcionamento de uma peça de teatro, de modo a dar continuidade aos conteúdos relacionados com o texto dramático.</p> <p>-Distribuição do texto "Os piratas – Cena 2" de Manuel António Pina, aos alunos.</p> <p>- Introdução da cena 2 do texto dramático "Os piratas" de Manuel António Pina, através da realização de uma leitura silenciosa, por parte dos alunos.</p> <p>- Leitura em voz alta, da Cena 2 do texto "Os piratas" por parte dos alunos, através de uma fotocópia disponibilizada pela professora estagiária.</p> <p>-Exploração do vocabulário mais difícil, presente no texto lido anteriormente, em grande grupo no quadro.</p> <p>-Realização de uma ficha de interpretação sobre a Cena 2 do texto "Os piratas" de Manuel António Pina a pares.</p> | <p>-Análise, da capacidade de mobilizar experiências e saberes interdisciplinares.</p> <p>-Análise, da capacidade de fluência, velocidade e entoação da leitura.</p> | <p>- Quadro.</p> <p>- Computador.</p> <p>- Projetor.</p> <p>- Computador.</p> <p>- Projetor</p> <p>- Cena 2 impressa.</p> <p>- Quadro.</p> <p>- Ficha de interpretação.</p> <p>- Quadro.</p> |

1
2
3

2

| | | | | |
|-----------|--|--|---|--|
| Gramática | <p>- Adequar as possibilidades expressivas da voz a diferentes contextos e situações de comunicação, tendo em atenção a respiração, aspetos da técnica vocal (articulação, dicção, projeção, etc.).</p> <p>- Mobilizar os conhecimentos já aprendidos sobre o complemento agente da passiva e o complemento obliquo.</p> | <p>- Correção da ficha de interpretação em grande grupo no quadro.</p> <p>- Realização de uma atividade didática, em grande grupo, sobre a cena lida anteriormente pelos alunos.</p> <p>-Realização de uma leitura dramatizada, por parte dos alunos, da Cena 2 do texto "Os piratas" de Manuel António Pina respeitando as características do texto dramático.</p> <p>- Realização de exercícios práticos sobre o complemento agente da passiva e o complemento obliquo, através de uma atividade didática presente na escola virtual.</p> <p>- Registo no caderno, por parte dos alunos, dos exercícios realizados anteriormente.</p> <p>- Registo do sumário no quadro, por parte da professora estagiária.</p> | <p>-Análise, da capacidade de aquisição de saberes proporcionados por escuta ativa de obras literárias.</p> <p>-Análise, da capacidade de aplicar os conhecimentos já adquiridos.</p> | <p>- Computador.</p> <p>- Projetor.</p> <p>- Computador.</p> <p>- Projetor.</p> <p>- Quadro.</p> <p>- Caderno diário.</p> <p>- Material de escrita.</p> <p>- Quadro.</p> |
|-----------|--|--|---|--|

4
5

Anexo 20- Exemplo de um plano de aula demonstrando a utilização das Aprendizagens Essenciais

| Domínios/Conteúdos | Aprendizagens essenciais | Atividades de Ensino-Aprendizagem | Avaliação | Recursos |
|---|---|---|---|---|
| <p>PORTUGAL DO SFCD O XX</p> <p>Conhecer os órgãos de poder democráticos.</p> <ul style="list-style-type: none"> Quais os órgãos do poder político e as suas principais funções? | <ul style="list-style-type: none"> Fazer inferências de acordo com as aprendizagens prévias. Identificar/aplicar os conceitos: democracia, direito de voto, câmara municipal, junta de freguesia. | <ul style="list-style-type: none"> Abertura da lição da presente aula no quadro, por parte de um aluno. Revisão oral dos conteúdos abordados anteriormente, através da elaboração de um friso cronológico no quadro, por parte da estagiária. Leitura do "Recordas-te", presente no manual escolar na página: 150, por parte de um aluno. Diálogo professor/estagiária/aluno/alunos, sobre os órgãos de poder democrático que conhecem. Entrega de uma ficha de trabalho, por parte da professora estagiária, sobre os órgãos de soberania do poder central, regional e local. Resolução da ficha de trabalho, sobre os órgãos de soberania do poder central, regional e local, por parte dos alunos, a pares. Correção da ficha de trabalho sobre os órgãos de soberania do poder central, regional e local, através da aplicação iSheer of Names, em grande grupo. Visionamento das páginas dos órgãos de poder local, regional e central, presentes na escola virtual. Diálogo professor/estagiária/aluno/alunos, sobre o que os alunos fariam se fossem Presidentes da junta da sua freguesia, por um dia. | <ul style="list-style-type: none"> Observação, da capacidade de os alunos discorrerem oralmente sobre conteúdos abordados anteriormente. Observação, da capacidade de distinção dos diferentes órgãos de poder democrático. | <ul style="list-style-type: none"> Quadro. Manual escolar. Ficha de trabalho impressa. Computador/Projetor. |

2

| | | | | |
|--|---|---|---|--|
| | <ul style="list-style-type: none"> Descrever o modo de atuação, dos diversos órgãos de poder democrático, através de um esquema. Tomar como referência o conhecimento prévio dos alunos, para a elaboração de uma atividade didática. | <ul style="list-style-type: none"> Elaboração de um esquema síntese, em grande grupo, no quadro, sobre o modo de atuação dos 3 órgãos de poder democrático, estudados anteriormente. Registo do esquema síntese elaborado no quadro, no caderno diário, por parte dos alunos. Realização de uma atividade didática, da escola virtual, em grande grupo, sobre os órgãos de soberania do poder central, regional e local. Registo do sumário da presente aula, no quadro, por parte de um aluno. | <ul style="list-style-type: none"> Aplicação dos conceitos aprendidos, através da elaboração de um esquema. Análise, da capacidade de aplicar os conhecimentos já adquiridos. | <ul style="list-style-type: none"> Quadro. Caderno diário. Quadro. Computador/Projetor. Quadro. |
|--|---|---|---|--|

Anexo 21- Exemplo de um plano de aula demonstrando a utilização de meios didáticos

| Domínios/Conteúdos | Aprendizagens essenciais | Atividades de Ensino-Aprendizagem | Avaliação | Recursos |
|--------------------|---|---|--|--|
| Educação Literária | <p>- Reconhecer, na organização do texto dramático, ato, cena, fala e indicações cênicas.</p> <p>- Interpretar adequadamente os textos de acordo com o gênero literário</p> | <p>- Abertura da lição da presente aula no quadro, por parte da estagiária.</p> <p>- Breve revisão das características do texto dramático através de uma atividade didática, presente na escola virtual, em grande grupo ¹.</p> <p>- Visionamento de um vídeo da escola virtual, sobre o funcionamento de uma peça de teatro, de modo a dar continuidade aos conteúdos relacionados com o texto dramático ².</p> <p>- Distribuição do texto "Os piratas – Cena 2" de Manuel António Pina, aos alunos.</p> <p>- Introdução da cena 2 do texto dramático "Os piratas" de Manuel António Pina, através da realização de uma leitura silenciosa, por parte dos alunos.</p> <p>- Leitura em voz alta, da Cena 2 do texto "Os piratas" por parte dos alunos, através de uma fotocópia disponibilizada pela professora estagiária.</p> <p>- Exploração do vocabulário mais difícil, presente no texto lido anteriormente, em grande grupo no quadro.</p> <p>- Realização de uma ficha de interpretação sobre a Cena 2 do texto "Os piratas" de Manuel António Pina a pares ³.</p> | <p>- Análise, da capacidade de mobilizar experiências e saberes interdisciplinares.</p> <p>- Análise, da capacidade de fluência, velocidade e entoação da leitura.</p> | <p>- Quadro.</p> <p>- Computador. Projetor.</p> <p>- Computador. Projetor</p> <p>- Cena 2 impressa.</p> <p>- Quadro.</p> <p>- Ficha de interpretação.</p> <p>- Quadro.</p> |

1
2
3

2

| | | | | |
|-----------|--|---|---|--|
| Gramática | <p>- Adequar as possibilidades expressivas da voz a diferentes contextos e situações de comunicação, tendo em atenção a respiração, aspetos da técnica vocal (articulação, dicção, projeção, etc.).</p> <p>- Mobilizar os conhecimentos já aprendidos sobre o complemento agente da passiva e o complemento obliquo.</p> | <p>- Correção da ficha de interpretação em grande grupo no quadro.</p> <p>- Realização de uma atividade didática, em grande grupo, sobre a cena lida anteriormente pelos alunos ⁴.</p> <p>- Realização de uma leitura dramatizada, por parte dos alunos, da Cena 2 do texto "Os piratas" de Manuel António Pina respeitando as características do texto dramático.</p> <p>- Realização de exercícios práticos sobre o complemento agente da passiva e o complemento obliquo, através de uma atividade didática presente na escola virtual ⁵.</p> <p>- Registo no caderno, por parte dos alunos, dos exercícios realizados anteriormente.</p> <p>- Registo do sumário no quadro, por parte da professora estagiária.</p> | <p>- Análise, da capacidade de aquisição de saberes proporcionados por escuta ativa de obras literárias.</p> <p>- Análise, da capacidade de aplicar os conhecimentos já adquiridos.</p> | <p>- Computador. Projetor.</p> <p>- Computador. Projetor.</p> <p>- Quadro.</p> <p>- Caderno diário.</p> <p>- Material de escrita.</p> <p>- Quadro.</p> |
|-----------|--|---|---|--|

4
5

3

Anexo 22- Exemplo de um plano de aula demonstrando a promoção do trabalho cooperativo e entreaduada

| Domínios/Conteúdos | Aprendizagens essenciais | Atividades de Ensino-Aprendizagem | Avaliação | Recursos |
|--------------------|--|--|---|---|
| Educação Literária | <ul style="list-style-type: none"> -Reconhecer, na organização do texto dramático, ato, cena, fala e indicações cénicas. -Interpretar adequadamente os textos de acordo com o género literário | <ul style="list-style-type: none"> - Abertura da lição da presente aula no quadro, por parte da estagiária. - Breve revisão das características do texto dramático através de uma atividade didática, presente na escola virtual, em grande grupo 1. - Visionamento de um vídeo da escola virtual, sobre o funcionamento de uma peça de teatro, de modo a dar continuidade aos conteúdos relacionados com o texto dramático 2. -Distribuição do texto "Os piratas – Cena 2" de Manuel António Pina, aos alunos. - Introdução da cena 2 do texto dramático "Os piratas" de Manuel António Pina, através da realização de uma leitura silenciosa, por parte dos alunos. - Leitura em voz alta, da Cena 2 do texto "Os piratas" por parte dos alunos, através de uma fotocópia disponibilizada pela professora estagiária. -Exploração do vocabulário mais difícil, presente no texto lido anteriormente, em grande grupo no quadro. -Realização de uma ficha de interpretação sobre a Cena 2 do texto "Os piratas" de Manuel António Pina a pares 3. | <ul style="list-style-type: none"> -Análise, da capacidade de mobilizar experiências e saberes interdisciplinares. -Análise, da capacidade de fluência, velocidade e entoação da leitura. | <ul style="list-style-type: none"> Quadro. Computador. Projetor. Computador. Projetor Cena 2 impressa. Quadro. Ficha de interpretação. Quadro. |

2

| | | | | |
|-----------|--|---|--|---|
| Gramática | <ul style="list-style-type: none"> - Adequar as possibilidades expressivas da voz a diferentes contextos e situações de comunicação, tendo em atenção a respiração, aspetos da técnica vocal (articulação, diction, projeção, etc.). - Mobilizar os conhecimentos já aprendidos sobre o complemento agente da passiva e o complemento obliquo. | <ul style="list-style-type: none"> - Correção da ficha de interpretação em grande grupo no quadro. - Realização de uma atividade didática, em grande grupo, sobre a cena lida anteriormente pelos alunos 4. -Realização de uma leitura dramatizada, por parte dos alunos, da Cena 2 do texto "Os piratas" de Manuel António Pina respeitando as características do texto dramático. - Realização de exercícios práticos sobre o complemento agente da passiva e o complemento obliquo, através de uma atividade didática presente na escola virtual 5. - Registo no caderno, por parte dos alunos, dos exercícios realizados anteriormente. - Registo do sumário no quadro, por parte da professora estagiária. | <ul style="list-style-type: none"> -Análise, da capacidade de aquisição de saberes proporcionados por escute ativa de obras literárias. -Análise, da capacidade de aplicar os conhecimentos já adquiridos. | <ul style="list-style-type: none"> Computador. Projetor. Computador. Projetor. Quadro. Caderno diário. Material de escrita. Quadro. |
|-----------|--|---|--|---|

3

Anexo 23- Exemplo de um relatório semanal

Escola Superior de Educação de Viseu

cadernos diários. Ao longo desta apresentação, a estagiária, fez referência a alguns aspetos importantes que não estavam presentes no *PowerPoint*, de modo a contextualizar os acontecimentos. Para que esta contextualização ficasse mais completa, a estagiária fez ainda referência a conceitos aprendidos anteriormente, recorrendo assim aos conhecimentos prévios dos alunos, no qual estes apresentaram muito empenho em querer dar a sua opinião, sobre estes conceitos. Fazer referência aos conhecimentos prévios dos alunos é muito importante, pois é de acordo com o que é referido no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, mais concretamente na área de competência do desenvolvimento pessoal e autonomia, os alunos têm de ser capazes de "consolidar e aprofundar as competências que já possuem" (Martins, 2017, p.26).

Ao longo desta apresentação surgiram ainda conceitos novos, os quais os alunos não sabiam o seu significado, assim e de modo a esclarecê-los, de forma voluntária os alunos leram em voz alta o significado de "Constituição" e de "Cortes Constituintes", presentes no manual escolar.

Para finalizar a aula e de modo a sintetizar todos os conhecimentos adquiridos na mesma, a professora estagiária, em conjunto com os alunos, elaborou no quadro um esquema-síntese, para que fosse possível entender se os conteúdos abordados foram adquiridos de forma correta. Este esquema, foi ainda registado no caderno diário dos alunos, no decorrer da elaboração do mesmo, os alunos demonstraram muito interesse em participar e dar o seu contributo.

Apreciação de opções de organização do ambiente educativo relevantes para planificações com a turma:

No dia 03 de fevereiro, foi-me possível verificar que os alunos participaram de forma ativa nas atividades propostas, sendo o comportamento da turma no decorrer da aula foi sempre positivo, sendo que os alunos demonstraram o seu empenho nas atividades realizadas.

Apreciação/justificação de opções didáticas relevantes para planificações com a turma:

No dia 03 de fevereiro, a professora estagiária utilizou o computador, o projetor e para a apresentação de um documento referente à Revolução Liberal de 24 de agosto de 1820, para a apresentação de um *PowerPoint* sobre a Revolução Liberal de 1820. Foi utilizado o manual escolar, para a resolução das questões associadas ao documento "A Revolução Liberal de 24 de agosto de 1820", presente igualmente no manual e ainda

para a leitura dos significados de "Constituição" e "Cortes Constituintes". Foi utilizado o quadro para registar o esquema-síntese, elaborado em grande grupo.

Identificação/apreciação e justificação de opções didáticas durante a ação de lecionação:

Relativamente à aula de História e Geografia de Portugal referente ao dia 03 de fevereiro, através das observações do comportamento dos alunos ao longo da aula apesar de estes se manterem calmos, é necessário realizar alguns momentos lúdicos, de modo, a incentivar a participação de todos na aula.

Saliência de situações/desafios futuros do meu/nosso desempenho:

Relativamente, a desafios futuros a salientar sobre o meu desempenho, ao longo desta aula, o mais difícil foi propiciar um contexto de ensino aprendizagem favorável a dois contextos em simultâneo, o contexto de sala de aula e o contexto online a alunos que se encontram em isolamento profilático, porém no decorrer da aula, foi possível controlar ambos os contextos.

Outros aspetos a destacar

Devido ao investimento de mais tempo do que o previsto na resolução das questões associadas ao documento apresentado no início da aula, não foi possível realizar a última atividade presente no plano de aula.

Referências bibliográficas

Martins, G. (2017). *O perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.

Pombo, O., Guimarães, H., & Levy, T. (1994). *A Interdisciplinaridade – Reflexão e Experiência*. Lisboa: Texto Editora, LDA.

Joana Nunes, n.º 12944

Anexo 24- Exemplo de um plano de aula demonstrando a realização de atividades lúdicas



Instituto Politécnico de Viseu / ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE VISEU
Mestrado em Ensino do 1.º CEB e Ensino de Português e História
Geografia de Portugal no 2.º CEB
Prática de Ensino Supervisionada no 2.º CER I
2021/2022

Agrupamento de Escolas Viseu Norte EB2, 3 Dr.
Azeredo Perdigão
Orientador Cooperante: Joaquim Tavares
6.º ano de escolaridade

Plano de aula n.º 16

| PROFESSORA | DISCIPLINA | DATA | HORA | DURAÇÃO | SALA | ANO | TURMA |
|-------------|----------------------------------|------------|-------|------------|------|-----|-------|
| Joana Nunes | História e Geografia de Portugal | 03/02/2022 | 08h15 | 50 minutos | 21 | 6.º | E |

Sumário

Continuação da abordagem dos conteúdos relacionados com a Revolução Liberal de 1820.

| Dominios/Conteúdos | Aprendizagens essenciais | Atividades de Ensino-Aprendizagem | Avaliação | Recursos |
|---|--|--|--|---|
| PORTUGAL DO SÉCULO XVIII AO SÉCULO XIX | - Fazer inferências de acordo com as aprendizagens prévias. | - Abertura da lição da presente aula no quadro, por parte de um aluno. - Questionamento oral aos alunos, acerca dos conteúdos abordados na aula anterior. | - Observação, da capacidade de os alunos discorrerem oralmente sobre conteúdos abordados anteriormente. | Quadro. |
| - O triunfo do liberalismo | - Analisar a ligação entre a revolução de 1820, o descontentamento face à tutela inglesa e à permanência da Corte no Brasil. | - Continuação da abordagem dos conteúdos relacionados com a Revolução Liberal de 1820, através da apresentação de um documento. - Leitura em voz alta, por parte de um aluno, do documento apresentado. - Questionamento oral aos alunos dos principais aspetos observados no documento. - Resolução, a pares das questões, relacionadas com o documento lido anteriormente. - Correção das questões realizadas oralmente. | - Observação, da capacidade de analisar os acontecimentos associados à Revolução Liberal. | - Computador. - Projetor. - Manual escolar. |
| • O que aconteceu a 24 de agosto de 1820? | | - Apresentação de um PowerPoint sobre a Revolução Liberal. - Registo no caderno dos principais aspetos presentes no PowerPoint. - Leitura do vocabulário presente na página 57, mais concretamente do significado de Constituição, por parte de um aluno. - Resolução do exercício número 3 da ficha número 7, do caderno de atividades. | - Observação, da capacidade de interpretar os conceitos principais relacionados com a Revolução Liberal de 1820. | - Caderno diário. - Material de escrita. |

1

| | | | | |
|--|--|--|---|--|
| | - Tomar como referência o conhecimento prévio dos alunos, para a sistematização dos conteúdos. | - Elaboração de um esquema-síntese, em grande grupo, no quadro, sobre os conteúdos abordados ao longo da aula. - Registo por parte dos alunos, do esquema-síntese elaborado no quadro, no caderno diário. - Realização de uma atividade lúdica, como sistematização dos conteúdos. | - Análise, da capacidade de sistematização dos conteúdos. | - Quadro. - Caderno diário. - Material de escrita. - Computador. - Projetor. |
|--|--|--|---|--|

Anexo 25- Inquérito elaborado para a aplicação a uma turma do 2.º CEB



A motivação para a leitura em contextos do 2.º CEB

Olá a todos! Queria pedir a vossa ajuda para o preenchimento de um questionário sobre a motivação para a leitura.

Todas as vossas respostas são confidenciais e anónimas, não havendo respostas certas nem erradas.

Conto com a vossa ajuda!

Muito obrigada 😊.

[Inicie sessão no Google](#) para guardar o seu progresso. [Saiba mais](#)

Idade

A sua resposta

Sexo

Feminino

Masculino

1. O que gostas mais de fazer nos teus tempos livres?

A sua resposta _____

2. Responde de acordo com a frequência com que lês os seguintes documentos.

| | Todos os dias | 1 vez por semana | De 15 em 15 dias | 1 vez por mês | Nunca |
|----------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| Revistas | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Jornais | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Livros | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

3. Quantos livros lês durante o período escolar?

Nenhum

1-3

4-7

7-10

Mais de 10

Outra: _____

4. Quanto tempo dedicas à leitura por semana?

- 0 - 30 min
- 30 min – 1 hora
- 1 hora- 3 horas
- Mais de 3 horas

5. Quando é que foi a última vez que leste um livro?

- Na última semana
- 1 semana – 3 semanas
- 1 mês – 6 meses
- 6 meses – 1 ano

6. Gostas de ler?

- Sim
- Não

6.1. Justifica a tua resposta

A sua resposta

6.2. Caso tenhas respondido "Sim" à questão número 6, qual o teu género de leitura preferido?

A sua resposta _____

7. Qual o tipo de suporte em que lês com mais frequência?

Digital

Papel

7.1. Porque é que escolheste a opção acima?

A sua resposta _____

8. Quem te despertou o interesse pela leitura?

Família

Amigos

Professores

Outra: _____

9. Quantos livros tens em casa?

- Nenhum
 - 1-3
 - 3-7
 - 7-10
 - Mais de 10
-

10. Como escolhes o teu material de leitura?

- Através do título
 - Através do conteúdo
 - Outra: _____
-

11. Sentes-te motivado para ler?

- Nunca
 - Quase nunca
 - Algumas vezes
 - Quase sempre
 - Sempre
-